

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

A ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM:
MATERIALIDADE GESTUAL EM QUESTÃO

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

***A ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM: MATERIALIDADE
GESTUAL EM QUESTÃO***

Tese de Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Luiza Ely Milano

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Frydrych, Laura Amaral Kümmel
A Essência Dupla da Linguagem: materialidade
gestual em questão / Laura Amaral Kümmel Frydrych. --
2020.
163 f.
Orientadora: Luiza Ely Milano.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. gesto. 2. materialidade. 3. linguística
saussuriana. 4. línguas de sinais. I. Milano, Luiza
Ely, orient. II. Título.

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

***A ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM: MATERIALIDADE
GESTUAL EM QUESTÃO***

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Estanislao Sofia – Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica)/ Cercle Ferdinand
de Saussure (Suíça)

Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite – UFSC

Prof.^a Dra. Carmem Luci Costa e Silva – UFRGS

Prof.^a Dra. Luiza Ely Milano - UFRGS (Orientadora)

Porto Alegre

2020

Para o Felipe, a Rebeca e a Anastácia.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos, a Deus, por ter “delimitado as unidades” do mundo e tudo o que nele há através de sua Palavra, “massa nada amorfa”. O maior linguista de todos os tempos e para todo o sempre. Aquele cuja essência é o amor, e cujo gesto mais significativo – entregar seu filho unigênito para morrer por nós – tem valor inestimável e implicação concreta: perdão de pecados, vida plena em abundância, comunhão eterna. Pela esperança não limitada à essa vida – a essa tese, à carreira acadêmica, ou a qualquer coisa que eu possa almejar e obter – minha gratidão ao autor e consumidor da minha fé: Jesus Cristo. Os demais a quem sou grata, reconheço: são todos dádivas e propósitos dEle para mim.

À Prof. Dra. Luiza Milano, por tantos anos de orientação, e por sua sempre atenta escuta. Por ter aceito, mais uma vez, acompanhar minhas reflexões sobre a gestualidade, por suportar minhas interrogações ao (não) fônico, e por me incentivar a me aprofundar no conhecimento da teoria saussuriana. Por seu profissionalismo enquanto linguista e fonoaudióloga, por sua maestria como professora, e por sua sensibilidade como amiga, minha (e)terna gratidão.

Ao meu esposo Felipe, cuja missão acarreta dinamicidade, mudanças e muitas viagens à nossa trajetória pessoal e profissional, e a quem, devido ao valoroso coração, estar “sob missão” só me faz enriquecer.

À Rebeca e à Anastácia, filhinhas amadas, fofas, lindas e maravilhosas. Por terem ido do desmame à alfabetização fazendo de mim doutoranda, uma mãe orgulhosa. Por vezes, quando a tese ousava demandar minha atenção exclusiva, Beca e Naná, “*children in science*”, estavam sempre por perto, para não me deixarem fugir ao escopo da minha função mais essencial.

Aos meus familiares por todo o apoio durante o doutoramento. À minha mãe Lucia, pelo colo nos momentos de ansiedade, e por não me deixar esquecer que a vida é mais que um momento. Aos meus sogros Everson e Tânia, pelo suporte incansável na logística familiar desde às provas de seleção à defesa da tese. Pela torcida e carinho de meus irmãos e cunhados, tios e primos, registro minha gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela formação de excelência concedida através das aulas especialmente da Prof. Dra. Luiza Milano, do Prof. Dr. Valdir Flores, da Prof. Dra.

Margarete Schlatter, da Prof. Dra. Juliana Schoffen, do Prof. Dr. Paulo Guedes, e do Prof. Dr. Pedro Garcez. Cada qual, à sua maneira, além dos conhecimentos compartilhados, me inspira a prosseguir na carreira de docente-pesquisadora.

Ao Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, pela leitura acuradamente crítica e qualificada ao projeto inicial desta tese, no qual, como bem apontou o professor, havia cinco teses. Findo o trabalho, espero ter tecido apenas uma.

Aos Professores Dr. Tarcísio de Arantes Leite e Dra. Carmem Luci da Costa Silva, agradeço a leitura à versão submetida à qualificação da tese, bem como as sugestões dadas para que o texto se constituísse da forma como está. Evidentemente, aquilo no que ele deixa a desejar é de minha inteira responsabilidade. A eles e ao Professor Dr. Estanislao Sofia, pela avaliação final, agradeço pelas importantes críticas e contribuições que teceram.

Aos Colegas do Grupo de Pesquisa “O Rastro do Som em Saussure: sob efeito da escuta”, Aline Stawinski, Janaína Gomes, Silvani Severo, Mélanly da Silveira, Rosana Oliveira, Bianca de Jorge, Joana Ribeiro, Carolina Riter, Victória Barbosa, Augusto Stevanin e Tiago Carrer. A parceria, escuta, partilhas e trocas foram combustível para o desenvolvimento desta tese.

Às colegas Aline Stawinski e Janaína Gomes, contemporâneas de doutoramento, referências bibliográficas e amigas para a vida, agradeço por suportarem minhas inquietações, questões e provocações. O doutorado foi mais divertido e proveitoso por ter sido compartilhado ao lado delas.

Aos meus amigos e irmãos da família da fé em Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, e Argentina, agradeço por terem me sustentado em oração. Na impossibilidade de citá-los todos aqui, me valho das palavras do sábio autor de Eclesiastes para agradecê-los por fazerem a diferença na minha vida: “Um amigo fiel é poderosa proteção: quem o encontrou, encontrou um tesouro. Não há nada que se compare, é um bem inestimável. Um amigo fiel é um bálsamo de vida” (Ecl. 6:14). *Les agradezco todo, especialmente por la amistad y comprensión por mi distancia durante la redacción de la tesis.*

À Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em específico aos colegas do Curso de Licenciatura em Letras Libras. Especialmente ao Prof. Iranvith Scantbelruy, por ter me feito a pergunta certa, na hora certa, no lugar certo. À Prof. Taísa Sales, pela amizade e carinho constantemente expressado. À Prof. Elizandra Silva, pela parceria e por me lembrar que sou eternamente responsável por

aquilo que cativo. À Prof. Andrea Lages, pela acolhida. À Prof. Vanessa de Oliveira, à Prof. Lívia Gomes, à Prof. Tatyana Monteiro, ao Prof. Leonardo Pessoa, ao Prof. Janderlei Vale, ao Prof. Hamilton Rodrigues, à Prof. Débora Arruda, à Prof. Joana Stoller, ao Prof. Fábio Stoller, e ao Prof. Edgar Veras agradeço por terem suportado meu afastamento das atividades docentes em Manaus de forma a que pudesse cursar o doutorado em Porto Alegre.

À UFAM, pelo afastamento concedido no biênio 2018-2020 para minha qualificação em nível de doutorado junto à UFRGS, a qual culmina com o texto apresentado nesta tese.

A todos esses e a todos os outros por vir, meus sinceros agradecimentos.

To cook a hare, first catch the hare. Nevertheless, a great deal of what has been written about sign language resembles hare soup that has boiled long while the hare was still afield.

William Stokoe

RESUMO

O objetivo desta tese é delinear uma concepção linguística de gestualidade e apontar os efeitos dessa reflexão à teorização de base saussuriana. Considerando o diálogo entre gesto e língua (de sinais), buscamos comprovar que a teoria linguística saussuriana, em se constituindo a partir da suspensão da noção de materialidade, permite lidar com a gestualidade humana. Com base em uma leitura que aborda os aspectos teóricos, metodológicos e analíticos da reflexão esboçada por Ferdinand de Saussure no manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem*, visa-se evidenciar que as formulações ao princípio da *duplessência* da linguagem conservam a noção de materialidade e possibilitam a consideração do aspecto gestual enquanto potencialmente significante. Dado que o tema de pesquisa da presente tese versa sobre a gestualidade, investiga-se também, em trabalhos diversos, principalmente da área de Estudos do Gesto, as abordagens e concepções ao gesto por eles mobilizadas. Destaca-se que a ancoragem a conceitos selecionados da linguística de base saussuriana tem uma dupla função ao longo da tese porque, ao mesmo tempo em que serve de referencial teórico, se constitui também objeto de investigação. A gestualidade está diretamente implicada na significação das línguas de sinais porque sua materialidade é constituída por gestos. Sob a ótica do princípio da *duplessência* da linguagem, conclui-se que a gestualidade pode ser linguística, uma vez que aspecto gestual e significação integram o geral da língua e o específico da materialidade.

Palavras-chave: gesto; materialidade; linguística saussuriana; línguas de sinais.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to outline a linguistic conception of gestuality and to point out the effects of this reflection on a Saussurian-based theoretical approach. Considering the dialogue between gesture and (sign) language, we seek to prove that the Saussurian linguistic theory, in constituting itself from the suspension of the notion of materiality, allows to approach human gestures. Based on a reading that addresses the theoretical, methodological and analytical aspects of the reflection sketched by Ferdinand de Saussure in the manuscript on the *Dual Essence of Language*, it is intended to show that the formulations to the principle of *doublissance* of language preserve the notion of materiality and enable the consideration of the gestural aspect as potentially significant. Given that the research theme of the present thesis deals with gestuality, various works are also investigated, mainly from the area of Gesture Studies, as the approaches and conceptions to gesture mobilized by them. The approach to selected concepts from Saussurian-based linguistics has a dual function throughout the thesis because, while serving as a theoretical framework, it is also an object of investigation. Gestuality is directly involved in the signification of sign languages because its materiality consists of gestures. From the perspective of the principle of *doublissance* of language, it is concluded that gestuality can be linguistic, since the gestural aspect and meaning integrate the language generality and the materiality specificity.

Keywords: gesture; materiality; Saussurian linguistics; sign languages.

APRESENTAÇÃO

Desde quando iniciei, no ano de 2007, o curso de graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na ênfase de Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, eu tinha certeza de que estudaria também a Língua Brasileira de Sinais. Ainda na minha adolescência, por interesse próprio, e não por contato com algum surdo em meu contexto familiar ou no meu círculo de amizades, fiz vários cursos de Libras, pois achava muito interessante aquela forma de comunicação. Eu, jovem tímida e quieta que era, achava interessante aquela forma de falar, na qual a voz sonora não estava implicada.

Contudo, o primeiro livro que eu li sobre o tema da surdez e de sua relação com as línguas de sinais intitula-se “Vendo vozes – uma fascinante viagem ao mundo dos surdos”, de Oliver Sacks. As línguas de sinais eram mais do que uma forma de comunicação. Para mim, logo no início do meu aprendizado, ficou claro que as línguas de sinais são uma forma de se *ser*: elas servem para viver.

O curso de Letras, despertando meu olhar crítico e científico para a linguagem, as línguas e suas literaturas, contribuiu imensamente para que eu começasse a formular uma série de questões sobre as línguas de sinais. Naquela época, em meados dos anos 2010, a disciplina de Libras recém estava começando a ser implementada nas licenciaturas, e tão somente a Universidade Federal de Santa Catarina oferecia a graduação em Letras Libras, na modalidade à distância. Ou seja, na minha formação em Letras, não tive nenhuma disciplina específica sobre a Libras como também nenhuma discussão sobre essa língua nas disciplinas mais gerais e elementares, tais como em Conceitos Básicos de Linguística (nas quais eu pressupunha que haveria alguma menção, ainda que não aprofundada, sobre as línguas de sinais). Esse gesto era sempre meu, de meu interesse e iniciativa. Assim, nesta tese faço o que desde a graduação eu aprendi a fazer: aproximo os conhecimentos teórico-linguísticos que adquiro às línguas de sinais, ponho-os em diálogo e, a partir disso, produzo academicamente, visando o avanço da teoria e contribuindo para as inclusões que constantemente ocorrem no campo da ciência linguística.

Esta tese, com a discussão que apresenta especificamente sobre a gestualidade, se propõe a estreitar o diálogo entre dois campos de estudos distintos, mas não opostos, e que, a meu ver, tem muito em comum e a se beneficiar um do outro. Em primeiro

lugar, aos estudos da linguística saussuriana e, em segundo, aos estudos linguísticos das línguas de sinais, a brasileira, em específico. Por linguística saussuriana, me refiro ao conjunto das obras do linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), publicadas ou não, tais como manuscritos e cartas, notas autográficas e também as publicações póstumas, assim como a grande fortuna crítica ao/de seu legado, incluídos aí os chamados “leitores de Saussure”. Por estudos linguísticos das línguas de sinais, considero aqueles que tomam a língua nela e por ela mesma, ou seja, que, de certa forma, empreendem uma metalinguística, que tomam a língua em si mesma. Evidentemente que questões políticas, educacionais e culturais, que afetam diretamente os falantes das línguas de sinais, são de suma importância. Não nego esses aspectos, e, inclusive, reconheço o quão imprescindível é para essas esferas, o conhecimento da/sobre a língua. Ressalto também, considerando a história da educação de surdos ao longo dos séculos, que essas esferas constantemente estão imbricadas. Consequentemente, as produções teóricas refletem essa imbricação e esse histórico.

Com o estabelecimento de inúmeros cursos de graduação de Letras Libras em todo o Brasil (dos quais hoje integro o corpo docente no curso da Universidade Federal do Amazonas) nos últimos anos, tanto na ênfase da licenciatura quanto na do bacharelado, faz-se necessário reforçar uma abordagem teórico linguística que dê conta das especificidades da língua brasileira de sinais, mas que não se limite a elas. Aquilo que faz das línguas de sinais, “uma língua como qualquer outra”, deve ser, a meu ver, claramente compreendido tanto por quem vai ensinar/aprender a Libras quanto por quem vai traduzi-la. A *língua* de sinais é, em última análise, o objeto de trabalho de professores e tradutores formados pelos cursos de Letras Libras. E a *língua* é o objeto de estudo dos linguistas. Nesse sentido, uma visada linguística sobre as línguas de sinais, bem fundamentada teoricamente, só tem a contribuir para o desenvolvimento de ambos campos de estudo, o geral e o específico. Nesse ínterim, estudar sobre a gestualidade é essencial. Eis o que esta tese apresenta: a materialidade gestual em questão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Novo sinal para “pedagogia”.....	43
Figura 2: Ilustração das massas amorfas	50
Figura 3: Inter-relação conceitual – Da <i>linguagem</i> às <i>línguas</i>	51
Figura 4: Tabela com classificações de <i>gesto</i>	72
Figura 5: Representação ao <i>continuum</i> de Kendon	74
Figura 6: Nota sobre o <i>dualismo profundo</i> na edição de Amacker	100
Figura 7: Dualidade do fenômeno vocal	103
Figura 8: Envelopes <i>duplessência</i> de Saussure	131
Figura 9: Dualidade do fenômeno gestual	132
Figura 10: Significação do aspecto gestual/fônico nas línguas	135
Figura 11: [<i>gesto perto do queixo em configuração de mão X</i>]	136

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 FUNDAMENTOS DE LINGUÍSTICA SAUSSURIANA	23
1.1 A CIÊNCIA LINGUÍSTICA E A REFLEXÃO SAUSSURIANA	25
1.2 CONCEITOS BÁSICOS DE LINGUÍSTICA SAUSSURIANA	31
1.2.1 A linguagem como conjunto heteróclito e multiforme	32
1.2.2 A língua como sistema de signos	36
1.2.2.1 O <i>arbitrário</i> como princípio do signo linguístico	40
1.2.2.2 O <i>valor</i> como noção linguística	44
1.2.3 As línguas em consideração na teorização saussuriana	50
1.3 A MATERIALIDADE EM SUSPENSO	53
2 O GESTO EM ESTUDO	57
2.1 DIVERSIDADE EM <i>ESTUDOS DO GESTO</i>	58
2.2 DELINEANDO ALGUMAS DEFINIÇÕES DE <i>GESTO</i>	66
2.3 RELAÇÕES GESTO E LÍNGUAS (DE SINAIS)	78
2.4 UM <i>LOCUS</i> TEÓRICO PARA O <i>GESTO</i>	87
3 A ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM	91
3.1 FORMULAÇÕES SAUSSURIANAS EM DEDL	95
3.1.1 Formulações de cunho teórico	97
3.1.2 Formulações de cunho metodológico	116
3.1.3 Formulações de cunho analítico	123
3.2 O PRINCÍPIO DA ESSÊNCIA DUPLA NAS LÍNGUAS (DE SINAIS)	130
3.2.1 A dualidade do fenômeno gestual	131
3.2.2 A <i>duplessência</i> em um diálogo em Libras	135
3.2.3 A <i>duplessência</i> na tradução para línguas de sinais	138
3.3 A MATERIALIDADE EM PRESENÇA	140
4 A GESTUALIDADE LINGUÍSTICA	143
4.1 A <i>DUPLESSÊNCIA</i> DA LINGUAGEM E O (DUPLO) SIMBÓLICO	144
4.2 SIGNIFICAÇÃO GESTUAL E SISTEMATIZAÇÃO LINGUÍSTICA	147
4.3 A MATERIALIDADE EM EVIDÊNCIA	148
CONCLUSÃO	152
REFERÊNCIAS	156

INTRODUÇÃO

A presente tese nasceu de meu interesse em ter argumentos e justificativas teóricas que validassem as questões que se apresentaram a mim, tão logo me deparei com a necessidade e o desafio de criar materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa para surdos, falantes da língua brasileira de sinais¹. Meu principal questionamento era: *como ensinar a escrita, modalidade de língua “gráfica”, para falantes de línguas de sinais, cuja modalidade é visuoespacial?* No entanto, antes do “como”, precisava compreender o “o quê”. Assim, a pergunta se transformou em: *o que está em jogo quando escrita e sinais são mobilizados no ensino de línguas?* É sabido que há efeitos acarretados pelas modalidades linguísticas (cf. QUADROS, 2006) implicadas num contexto como esse. Mas a distinção feita em termos de *modalidades* de línguas traz consigo a dificuldade em se determinar um método de análise, e mesmo de comparação. Por isso decidi seguir minhas investigações pela via da noção de *materialidade*, dado que essa sim, se configura – ou é passível de configurar-se – linguisticamente. Como outrora eu havia feito meu próprio percurso de estudos e pesquisa a fim de reiterar o estatuto linguístico (óbvio) das línguas de sinais (FRYDRYCH, 2013; 2017), dessa vez decidi me dedicar a estudar e a interrogar o aspecto material das línguas, sua materialidade. Assim como “o óbvio precisa ser dito”, a materialidade precisa ser posta em questão.

A materialidade das línguas de sinais é composta por gestos. A gestualidade está diretamente implicada na constituição das línguas de sinais. No entanto, falar de “gesto” em relação à língua de sinais é assunto complexo. Primeiro porque pode indiretamente aludir à compreensão equivocada de que nelas não haveria a regularidade sistemática impressa por um funcionamento linguístico e, nesse sentido, as línguas de sinais seriam apenas e tão somente formadas por movimentos corporais aleatórios e irregulares, “gestos”, não sistematizados e, por isso, não linguísticos. Esse entendimento embaça o reconhecimento do estatuto linguístico das línguas de sinais, e daí certo esquivo em relação a um tratamento sobre a gestualidade e/em línguas sinalizadas. Em segundo

¹ No ano de 2016, desenvolvi, juntamente com a colega Prof. Elizandra Silva (UFAM), um projeto de extensão denominado *PRALER: L2 PARA SURDOS* (PROEXT/UFAM), cujo objetivo era criar materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa para surdos, com base nas teorias sobre os gêneros textuais/discursivos e propostas baseadas em sequências didáticas. Ao longo das quatro edições semestrais do PRALER, a equipe – composta por alunos de diversos cursos de graduação da UFAM, incluindo o de Letras Libras – criou mais de dez sequências didáticas, em parceria com a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos (EEACS), em Manaus (AM). Outras produções resultantes do projeto podem ser encontradas em Silva e Frydrych (2016), e Frydrych e Alves (2019).

lugar, a complexidade de se atrelar a noção de gesto às línguas de sinais está em que aquela não é objeto de estudo por si só, apesar de haver uma área interdisciplinar, conhecida como Estudos do Gesto. Diante desses fatores e contexto, me vi às voltas com a delimitação do escopo de pesquisa para a constituição desta tese. Antes de poder falar sobre a relação entre escrita e gestualidade, senti a necessidade de estudar mais sobre a natureza do significante gestual.

Kendon (2004) afirma que se uma distinção puder ser estabelecida entre gestualidade linguística e gestualidade não linguística, ela parece não poder separar os falantes de línguas de sinais dos falantes de línguas orais de forma tão clara quanto se esperaria. Assim, uma discussão nesses termos se direciona a uma abordagem de ordem teórico-linguística e não de ordem necessariamente empírica. Olhar, por exemplo, para o *surdo* e/ou para o *ouvinte* é olhar empiricamente e não teoricamente. Nesse sentido, meu olhar, nesta tese, é formatado pela teoria, e não pela empiria e, nesse caso, estudar a língua brasileira de sinais me levou a interrogar a gestualidade; apresento então, como caminho à abordagem, a fundamentação teórica da linguística saussuriana.

Minha formação em linguística, meu específico interesse na teoria saussuriana, e as leituras empreendidas nos últimos anos junto ao grupo de pesquisa “O Rastro do som em Saussure”², me conduziram a uma abordagem ao diálogo entre gesto e línguas (de sinais) fundamentada na perspectiva teórica linguística saussuriana. A escolha pela teoria saussuriana nesta tese se deu não apenas por uma questão de interesse ou de prévio conhecimento, mas principalmente pelo o que ela apresenta de geral (NORMAND, 2009); e, por isso, ela é uma teoria válida para subsidiar estudos e pesquisas em torno das línguas de sinais³ e também, como se verá, da gestualidade humana.

No entanto, a teoria em si não passa incólume quando mobilizada. Reconheço trilhar uma via de mão dupla: tomar em consideração a gestualidade sob a perspectiva

² O grupo de pesquisa *O Rastro do Som em Saussure: sob efeito da escuta*, é coordenado pela Prof. Dra. Luiza Milano, e reúne pesquisadores das áreas de linguística, fonoaudiologia e psicologia. Vinculado ao PPG em Letras da UFRGS, o grupo tem se dedicado a questões que versam sobre escuta, gesto, voz, apropriação de línguas, literatura, leitura em voz alta compartilhada, dentre outros.

³ No material do curso de Letras-Libras EAD da UFSC, intitulado *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Viotti (2008) refere Saussure como um dos pilares da Linguística Geral, fazendo inclusive aproximações de algumas noções saussurianas às línguas de sinais. No entanto, cabe apontar, suas reflexões se restringem a uma abordagem didática do Curso de Linguística Geral (CLG), sem necessariamente alicerçar suas contribuições em uma base epistemológica saussuriana para além da obra póstuma, o que difere da proposta apresentada nesta tese.

saussuriana, gera, paralelamente, o fomento de interrogantes à constituição teórica saussuriana, agora sob o prisma da gestualidade. A presente tese, então, intitulada **A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão**, tem por objeto geral de pesquisa o lugar da materialidade linguística na teorização saussuriana, a partir do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, [1916] 2006) e do manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem* (SAUSSURE, [1891] 2004), para a abordagem da materialidade gestual, objeto de estudo específico. Tal objeto foi constituído visando encontrar respostas ao seguinte problema de pesquisa: a gestualidade pode ser linguística?

Meu objetivo nesta tese é delinear uma concepção linguística de gestualidade e apontar os efeitos dessa reflexão à teorização de base saussuriana. Minhas hipóteses de trabalho se apresentam da seguinte maneira:

- 1) A teoria linguística saussuriana, em se constituindo a partir da **suspensão** da noção de materialidade, permite abordar a gestualidade humana;
- 2) As formulações saussurianas ao princípio da essência dupla da linguagem **conservam** a noção de materialidade e possibilitam a consideração do aspecto gestual enquanto distinta materialidade a ser significada, potencialmente significante.

Esta tese está organizada em quatro capítulos. O primeiro é dedicado aos fundamentos da/de *linguística saussuriana*, e nele apresento minha inscrição teórica. Para responder à questão se a gestualidade pode ser linguística julgo necessário explicitar a qual *linguística* me refiro. Nesse sentido, a abordagem geral que faço e a apresentação a alguns conceitos, tais como instaurados pela visada saussuriana, nesse capítulo introdutório, acabam tendo uma dupla função porque, ao mesmo tempo em que embasa minha reflexão, se constituem objeto de investigação, ou seja: a teoria sustenta minha pesquisa sobre o estatuto linguístico da gestualidade, par e passo ao retorno da pesquisa em si sobre a própria teoria. Nesse sentido, a teoria saussuriana é tomada pela mão, sendo mais que tão somente o ponto de partida; ela é convocada, como se verá, até ao final do trabalho.

Sob o título **Fundamentos de Linguística Saussuriana**, no primeiro capítulo teço uma apresentação a conceitos saussurianos selecionados, os quais embasam o escopo teórico da reflexão acerca do lugar da abordagem sobre materialidade nos

estudos linguísticos. Apresento os fundamentos da linguística saussuriana, permeados pela consideração do estatuto linguístico das línguas de sinais sob a ótica saussuriana (cf. FRYDRYCH, 2013). Assim, quando pertinente, à medida em que introduzo os conceitos, insiro breves abordagens aos fatos alusivos especificamente à língua brasileira de sinais (Libras).

Os conceitos fundamentais abordados são: *linguagem* como conjunto heteróclito; *língua* como sistema de signos; e *línguas*, termo no plural, o qual contempla a diversidade linguística presente nas reflexões do genebrino Ferdinand de Saussure. Ainda na seção sobre a língua, *arbitrário* e *valor* são apresentadas como noções linguísticas implicadas à de *signo*. Nessa primeira etapa do percurso da tese, constata-se que a *materialidade* é colocada em “suspensão” no escopo da teoria linguística saussuriana.

Ainda que não haja uma ciência do gesto, por certo não sou a primeira a me interessar por seu estudo; pelo contrário. Estudos sobre a gestualidade, como se verá, remontam há muitos séculos. Assim, conhecer as diferentes leituras, teorias, perspectivas e autores já mobilizadas em torno do tema da gestualidade me conduziu ao vislumbre de uma vasta área denominada “Estudos do Gesto”. É ao desenho de um panorama dessa área, e suas conseqüentes problematizações, que dedico o segundo capítulo desta tese. Uma vez que o tema de pesquisa versa sobre gestualidade, busca-se investigar em outros trabalhos as abordagens e concepções ao gesto por eles mobilizadas.

Assim, no capítulo dois, denominado **O Gesto em Estudo**, apresento um panorama do contexto no qual esse tema está inserido. O campo denominado *Estudos do Gesto* é bastante amplo, congregando grande diversidade de perspectivas teóricas, disciplinas, e ênfases, frutos de interesses os mais variados sobre a temática envolvendo a gestualidade. Além da diversidade em *estudos do gesto*, contorno algumas definições de *gesto*, bem como aponto, em revisão a alguns trabalhos (como em Kendon, 2004; e Goldin-Meadow e Brentari, 2017, por exemplo), de que forma as relações entre gesto e línguas (de sinais) são abarcadas nessas concepções. Ao final desse segundo capítulo ressalta-se a necessidade da determinação de um *lôcus* teórico para o *gesto*.

O ordenamento dos capítulos, além de refletir meu percurso de leituras e estudos para a composição da tese, pontua meu interesse de circunscrição ao tema; por isso “o gesto em estudo” situar-se logo no segundo capítulo da tese, e não em um terceiro momento, como talvez fosse de se esperar, de forma a que se mantivesse em uma

disposição contígua, os capítulos dedicados especificamente à teoria saussuriana. Isso porque o terceiro capítulo reforça minha inscrição à teoria dado que registra a leitura interpretativa empreendida a um manuscrito relativamente novo de Saussure: *Da Essência Dupla da Linguagem* (SAUSSURE, 2004).

O capítulo três, portanto, intitulado **A Essência Dupla da Linguagem**, evidencia meu interesse de escrutínio à teoria saussuriana, em um longo capítulo no qual exploro detalhadamente o manuscrito saussuriano *Da Essência Dupla da Linguagem* (SAUSSURE, 2004), em uma leitura que aborda os aspectos teóricos, metodológicos e analíticos da reflexão então esboçada pelo genebrino. Mais do que às condições de estabelecimento e editoração dos escritos constantes no referido manuscrito, interesse-me por aquilo que é a temática do *Arch. de Saussure 372*: a essência dupla da linguagem. Diferentes ordens de formulações - teóricas, metodológicas e analíticas - me permitiram aproximar a noção de *duplessência* a distintos fatos de linguagem, especialmente ao aspecto gestual das línguas de sinais. A conservação da noção de *materialidade* nas notas do manuscrito, como destacado pela leitura efetuada, é a tônica do capítulo.

O último capítulo é dedicado a esquadrihar a noção de *materialidade gestual*, haja vista que desde a concepção desta tese a noção esteve diretamente implicada, bem como refletida nos movimentos de “suspensão” e “conservação” impressos a ela pela/na teoria saussuriana. Dada a necessidade de pô-la em evidência no âmbito dos estudos linguísticos, acarretada pelo reconhecimento linguístico das línguas de sinais, meu ponto de chegada visa ao estabelecimento de um lugar de destaque à noção de *materialidade*, convocada pela defesa do estatuto linguístico da gestualidade, através da *duplessência*.

Assim, o quarto capítulo, com o título **A Gestualidade Linguística**, sugere, em síntese, os pilares para uma concepção linguística de base saussuriana à gestualidade: a *duplessência* da linguagem, a materialidade e a significação são os critérios que colocam a gestualidade em evidência no terreno dos estudos da linguagem, e em específico no da linguística.

Por se tratar de uma tese que interroga, do começo ao fim, acerca do lugar da materialidade - questionando a primazia do aspecto vocal-fônico⁴ - sob a égide da

⁴ Na banca de qualificação a esta tese, o Prof. Dr. Tarcísio Leite ressaltou o quanto as perspectivas linguísticas seguem uma lógica “fonografologocêntrica”, no sentido de que *som*, *escrita* e *palavra* estão no centro das abordagens. O professor destacou a importância de que a consideração e os estudos

consideração das línguas de sinais, conclui-se sugerindo algumas implicações que a noção de materialidade pode acarretar aos estudos linguísticos das mesmas.

1 FUNDAMENTOS DE LINGÜÍSTICA SAUSSURIANA

Unde exoriar? – É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente (SAUSSURE, 2004, p. 241).

A pergunta da epígrafe não poderia ser mais adequada para iniciar esta tese. O ponto de partida para tentar abordar “a substância deslizante da língua” não é evidente. Por não ser evidente, ele precisa ser encontrado ou, construído. Diante do testemunho e da interrogação que expressa a busca por um “ponto de partida” cabe situar nosso percurso neste primeiro capítulo da tese, o qual não deixa de ser, por sua vez, um ponto de partida para nossa tentativa de também abordar a “substância da língua”.

Neste capítulo apresentamos nossa filiação teórica a partir da exposição de nossa leitura interpretativa a alguns princípios da linguística saussuriana. Mostramos como a maneira singular de Saussure olhar para a linguagem e a língua, a seu tempo, reverbera especialmente sobre a questão que esta tese tem como problema de pesquisa, qual seja, a possibilidade (ou não) de a gestualidade integrar o escopo da ciência da linguagem.

Por isso, para balizar o início de nosso caminho investigativo, nos colocamos algumas perguntas, tais como: de que maneira Saussure teorizou sobre a linguagem? E, qual o lugar da materialidade na reflexão linguística saussuriana? Essas são algumas questões que são tratadas nesta seção introdutória aos fundamentos linguísticos saussurianos, e que podem ser resumidas na forma dos seguintes objetivos deste primeiro capítulo: 1º) tecer uma abordagem geral à concepção da linguística saussuriana e 2º) situar o estabelecimento do lugar da noção de *materialidade* no escopo da mesma.

Para discutir, por conseguinte, se a gestualidade pode ser linguística, precisamos definir no escopo de qual linguística essa tese é passível de ser defendida. Ora, é sabido que a linguística não é uma ciência unitária: ela tem diversas ramificações e vertentes. Por isso selecionamos, como referências bibliográficas para construir esse primeiro capítulo em que expressamos nossa filiação à linguística de base saussuriana, textos que remontam ao *modus cogitandi* saussuriano no estabelecimento da linguística enquanto ciência humana, com uma epistemologia própria; textos que favorecem a perenidade, pertinência e relevância de suas contribuições para a linguística do nosso tempo; e também textos que mostram alternativas de como se apropriar, lidar e produzir a partir

da fecundidade que os conceitos e os princípios linguísticos saussurianos comportam, no que essa linguística revela de “ciência em ação”. Nesse sentido, concordamos com a análise de Schneider (2016) a respeito do *corpus* saussuriano, na qual afirma que, apesar de todo ele ter sido “produzido pelos movimentos de uma mesma mão” (p. 170), alguns textos veiculam uma imagem de Saussure como o autor de uma ciência pronta, enquanto que “o conjunto fragmentário dos manuscritos do linguista genebrino mostra uma imagem de ciência cujo projeto está em construção” (p. 172). Preferimos optar por esse segundo conjunto de textos, e por isso, *unde exoriar* se aplica também a nossa seleção do *corpus* saussuriano⁵ de trabalho nesta tese.

Considerando o quão profícuo é o que temos registrado do pensamento saussuriano, ainda que o que tenhamos em mãos seja, por vezes, como afirma Normand (2009a), uma “combinação estranha de certeza, inquietude e desejo”, em textos que misturam “perguntas retóricas e interrogações verdadeiras, asserções “precipitadas” e argumentações bem construídas” (p. 29), vale a pena não apenas passar, mas se deter um pouco nesse legado que é tido como o fundador da linguística moderna. Normand afirma também que Saussure permanece uma passagem obrigatória aos linguistas pesquisadores, isto porque, justifica ela, “[não está acabada] a possibilidade de refletir sobre o sistema conceitual saussuriano, sobre sua linha de pensamento e seu estímulo para seguir adiante [...] para usar com toda a liberdade essa herança histórica [...]” (NORMAND, 2009a, p. 22).

O percurso que apresentamos neste capítulo, fundamentando-nos nessa herança⁶, tem como ponto de partida (seção 1.1) a virada que Saussure trouxe à linguística de sua época, considerando as premissas e os problemas que ele apresentou, ao interrogar aquilo que parecia até então evidente demais para ser questionado. Em seguida, no intuito de retomar os conceitos básicos da teoria saussuriana, fazemos uma abordagem particular a algumas noções – linguagem, língua, arbitrário e valor - (seção 1.2), destacando nelas o que interessa ao nosso próprio itinerário e foco de pesquisa, como

⁵ Sofia (2015) apresenta um dado curioso a respeito das publicações saussurianas: “Saussure publicou mais durante seus primeiros anos de formação, entre seus 19 e 23 anos, que ao longo de toda a sua carreira universitária (1881-1912). Ele publicou mais antes de obter seu diploma de Doutor, logo quando era não mais que um estudante, do que após receber um em emprego de professor” (SOFIA, 2015, p. XII – tradução nossa). Assim sendo, o *corpus* saussuriano é composto principalmente por textos não publicados pelo genebrino.

⁶ Flores (2017) indica que a noção de *herança*, na opinião do filósofo Jacques Derrida, “constrói a figura de um herdeiro, legatário simultaneamente de uma dupla injunção, contraditória na sua gênese: a do saber e a do saber reafirmar” (p. 34). Nesse sentido, para Flores, “ao se reafirmar uma herança, pode-se evitar que ela venha a morrer; reinterpretá-la é a condição para lhe dar um lugar na atualidade” (p. 34). Nosso trabalho não deixa de seguir essa condição.

sugere Normand (2009a, p. 19). Por fim, e uma vez situado o pano de fundo junto ao qual se desenvolve nossa reflexão – *unde exoramos* -, destacamos (seção 1.3) o cerne da problematização de nossa tese: a noção de materialidade linguística, na reflexão saussuriana.

1.1 A CIÊNCIA LINGUÍSTICA E A REFLEXÃO SAUSSURIANA

Principiamos nossa reflexão lançando mão do Curso de Linguística Geral (doravante CLG ou *Curso*) por ter sido ele nossa porta de entrada à teoria saussuriana, e por ser ele um “livro clássico”, como afirma Salum, em seu prefácio à edição brasileira do *Curso*: “Não é uma “bíblia” da Linguística moderna, que dê a última palavra sobre os fatos, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (SALUM, 2006, p. XV). Por se constituir como um ponto de partida, elegemos o CLG como nosso *corpus* simultaneamente teórico e de pesquisa neste primeiro capítulo de fundamentos⁷.

O primeiro capítulo da Introdução ao *Curso*, traz um breve panorama do desenvolvimento da linguística até então, meados do século XIX, destacando três fases, suas características, e criticando as limitações de cada período, concluindo que “os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (SAUSSURE, 2006, p. 12), no sentido de que algo ainda faltava às formulações teóricas de análise dos fatos de língua. A chamada “Gramática”, iniciada pelos gregos, preocupava-se tão somente em “formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas” (idem, p. 7); a Filologia, por sua vez, não tinha a língua como único objeto e, no intuito de comparar textos de diferentes épocas e autores, apegava-se muito à “língua escrita e esquecia da língua falada” (idem, p. 8); a “Filologia comparativa” ou “Gramática comparada”, por fim, por meio de um método exclusivamente comparativo entre distintas línguas indo-europeias, descobria analogias entre elas, porém, “jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo”, nem “jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria” (SAUSSURE, 2006, p. 10).

⁷ O *corpus* saussuriano não se restringe ao CLG, sendo composto por um vasto conjunto de textos - cartas, manuscritos, textos editados, dentre outros. Nesta tese, nos valem de alguns textos desse amplo *corpus*, como no capítulo 3, em que mobilizamos o manuscrito editado intitulado *Sobre a essência dupla da linguagem* (SAUSSURE, 2004). Ao leitor interessado em uma visão geral do conjunto do *corpus* saussuriano, sugerimos a leitura da introdução à dissertação de Joana Ribeiro (2019), e também a introdução ao livro *Saussure, a invenção da linguística* (FIORIN, FLORES e BARBISAN, 2013).

A ciência em torno dos fatos da língua requereria uma visão científica, e deveria se preocupar em determinar a natureza do seu objeto de estudo, para ser capaz de estabelecer um método para si própria, afirma o texto, e, no entanto, nem sempre foi isso o que essas fases sucessivas da linguística fizeram. O CLG traz que não é porque os fenômenos que ocorrem em duas línguas são semelhantes – que é a conclusão a que os comparatistas chegavam -, que os “efeitos gramaticais” desenvolvidos nelas serão iguais (idem, p. 10). Saussure também critica o fato de que os comparatistas se limitavam a comparar, e não se interessavam justamente pelos “efeitos históricos” dessas comparações. Assim, esse método acarretava “todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 10).

A crítica a essa fase é, contudo, amenizada em um comentário sobre o proveito metodológico em se conhecer esses erros: “os erros duma ciência que principia constituem a imagem ampliada daqueles que cometem os indivíduos empenhados nas primeiras pesquisas científicas” (idem, p. 11). Somente em 1870, aproximadamente, foi que a linguística em geral se indagou quais seriam as condições de vida das línguas, diz o texto: “percebeu-se então que as correspondências que as unem não passam de um dos aspectos do fenômeno linguístico, que a comparação não é senão um meio, um método para reconstruir os fatos” (idem, p. 11).

Esse ano ao qual o CLG faz menção é, especificamente, o ano de 1875, em que William Dwight Whitney publica *Life and Growth of Language*, texto que orientou a agenda de muitos dos estudos linguísticos que se desenvolveram ao longo do século XIX (CRUZ, 2010). Dentre outras questões, Whitney, que era professor de sânscrito em Yale, “dedicou-se a duas grandes ordens de pesquisa, uma relativa ao comparatismo e outra, à linguística geral, ou, aos fundamentos da linguagem humana e às causas de seu desenvolvimento” (CRUZ, 2010, p. 7). Vale a pena conhecer e explorar em uma leitura mais atenta a obra deste que considerava que “os signos que podemos empregar e que estão mais ou menos em uso são diversos: *gestos e pantomima*, caracteres pintados ou escritos, sons articulados” (WHITNEY, 2010, p. 18 – grifos nossos), e que classificava como erro “(...) considerar a voz como o instrumento específico da linguagem” (WHITNEY, 2010, p. 263), afirmando que esta é um entre muitos outros – aí inclusos o gesto e a pantomima também, contudo não o faremos aqui por fugir ao escopo do

presente capítulo. Fiquemos com as palavras do próprio Saussure a respeito de Whitney⁸ e sua concepção sobre linguagem e linguística:

Alguns iluminados disseram: a linguagem é uma coisa totalmente extra-humana, e organizada em si, como seria uma vegetação parasita espalhada na superfície de nossa espécie. Outros: a linguagem é uma coisa humana, mas à maneira de uma função natural. Whitney disse: a linguagem é uma *Instituição* humana. Isso mudou o eixo da linguística. (SAUSSURE, 2004, p. 181 – grifo do autor).

Diante desse testemunho, cabe destacar também que Whitney tinha uma visão singular quanto à relação entre os estudos comparados e a linguística, e, nesse sentido, pode ser considerado um predecessor de Saussure, haja vista que, em sua opinião:

A filologia comparada e a ciência linguística são os dois lados de um mesmo estudo. A primeira abarca, primeiramente, os fatos isolados de um certo conjunto de línguas, os classifica, indica suas relações e chega às conclusões que essas relações sugerem. A segunda faz das leis e dos princípios gerais da linguagem seu principal objeto, e não faz uso dos fatos senão como apoio. Uma é a fase do labor, a outra a fase da crítica e do ensino dogmático; uma semeia, a outra colhe; uma é mais importante como educação científica, a outra, como elemento de cultura geral. Mas é inútil estabelecer entre esses dois ramos de uma mesma ciência uma questão de preeminência, pois ambas são igualmente indispensáveis ao linguista sério (WHITNEY, 2010, p. 284, 285).

Assim, em seguida à concepção da linguagem enquanto instituição humana, passando também pela discussão sobre a atividade do linguista, frente às diferentes abordagens à língua, a escola dos neogramáticos, com o mérito de “colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural” (SAUSSURE, 2006, p. 11, 12), contribuiu para que se visse na língua “não mais um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (idem, p. 12). Mesmo com os ganhos que essa visão acarretou, “os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (idem, p. 12), encerra o primeiro capítulo do CLG. Claudine Normand se interroga quanto à perplexidade que essa pergunta, ao fim do primeiro capítulo do CLG, suscita:

⁸ Em um dos manuscritos sobre um texto de Albert Sechehaye, Saussure menciona sua admiração por Whitney – além de apontar o limite do alcance de sua abordagem - da seguinte forma: “O americano Whitney, *que eu reverencio*, jamais disse uma palavra sobre os mesmos assuntos que não fosse correta, mas, como todos os outros, ele nem sonha que a língua tenha necessidade de uma sistemática” (SAUSSURE, 2004, p. 221 – grifo nosso). Não é à toa que há nos *Escritos de Linguística Geral* (ELG) ainda outras três referências à Whitney, dentre as quais o rascunho de um artigo sobre ele e sua obra, além daquelas presentes no *Curso*, e em diversos outros manuscritos saussurianos (cfm. Gambarara, 2007).

Isso quer dizer que esse novo curso se propõe a nos dar essa solução ou servirá apenas para colocar claramente os ditos problemas? Há que se ver que o estilo do *Curso*, (...) situa-o no gênero dos textos cuja força de persuasão não se restringe somente pelo rigor da demonstração, mas também pelo que apresenta de certo ingrediente pouco acadêmico (NORMAND, 2009a, p. 29).

A seu tempo, Saussure se posicionou, questionou o que via em matéria de estudos linguísticos e estabeleceu seu ponto de vista sobre os estudos da linguagem. Ele desafiou a dificuldade epistemológica que a ausência de definições e de relações claras entre o que se tomava por objeto de estudo – a comparação entre as línguas – e seus efeitos acarretava aos pesquisadores.

Como bem observa Normand, ao propor que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 23), Saussure pretendia “levar seus contemporâneos a se colocar a questão que, precisamente, eles evitavam: vocês sabem o que fazem e do que falam?” (NORMAND, 2009a, p. 37). Fazer linguística era descrever as línguas, as mais variadas possíveis e compará-las. Não havia uma preocupação em se estabelecer uma síntese, em abarcar os fenômenos linguísticos de uma maneira geral, abrangente, naquilo que havia de comum entre eles. Pelo contrário, formulações abstratas eram tidas como “especulação filosófica”: “a ideologia científica da época, que limitava ao lado diretamente observável o domínio do pesquisador e não via na abstração senão a especulação filosófica, opunha-se às formulações explicitamente abstratas” (NORMAND, 2009a, p. 59), e nesse sentido “a prática descritiva fica[va] totalmente independente das ideias gerais acerca da linguagem e muito pouco crítica em relação às ideias recebidas” (NORMAND, 2009a p. 41).

Sendo assim, frente a esse contexto de produção linguística descritivista e histórico comparatista,

A inversão operada por Saussure é a de definir o campo da linguística, colocando-se desde o começo na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. (...) o locutor ordinário não é um estudioso, mas, mesmo assim, ele sabe falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua. (NORMAND, 2009a, p. 45 – grifos no original).

Flores (2013), ao buscar delinear um programa de investigação que enfoca a figura do linguista que foi Saussure, afirma que “isso não implica, obviamente, desconhecer que Saussure foi também um epistemólogo da Gramática Comparada, um filósofo da linguagem e mesmo o criador de uma nova disciplina, a Semiologia” (FLORES, 2013, p. 72). Ao destacar a figura do linguista, o foco recai sobre sua atividade de analista da língua, junto ao escopo de sua atuação metodológica,

propriamente dita. Diante de um contexto em que se confundia a descrição das formas com a narrativa de sua história e, quando não se lhe acrescentava a pesquisa acerca das causas da transformação (NORMAND, 2009a), eis que surge a linguística pensada por Saussure, a qual “supõe que todos os fenômenos são relação de relações” (FLORES, 2013, p. 73), fazendo a síntese dos resultados adquiridos pelos trabalhos comparatistas, e formulando especificamente tal preocupação com a linguística *geral*.

Segundo Schneider (2016), Saussure se preocupou em demonstrar o modo peculiar de existência dos elementos linguísticos (p. 173), e seu afastamento da tentativa de reduzi-los a um “empirismo imediatista” talvez tenha sido a “atitude epistemológica responsável pela constituição de toda a sua teoria linguística” (p. 174). Daí o ineditismo: Saussure segue uma senda “generalizante”, fundamentando o terreno do domínio da linguística geral moderna sobre o “caráter imaterial de todo elemento linguístico” (SCHNEIDER, 2016, p. 174). De acordo com Schneider (2016), Saussure insistiu na determinação do objeto linguístico como caracterizado pela “ausência de um substrato material” (p. 172), e que, considerando essa especificidade, o linguista precisou fixar quais os critérios garantiriam a existência desse objeto.

O excerto abaixo, extraído dos *Escritos de Linguística Geral* (doravante ELG), evidencia a imprescindibilidade de se adotar um ponto de vista, ao mesmo tempo em que revela o próprio ponto de vista de Saussure sobre as relações que se dão na linguística:

Há diferentes gêneros de identidade. É isso que cria diferentes ordens de fatos linguísticos. Fora de uma relação qualquer de identidade, um fato linguístico não existe. Mas a relação de identidade depende de um ponto de vista variável que se decide adotar; não há, portanto, nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista definido que preside às distinções. (SAUSSURE, 2004, p. 172).

Sobre o linguista que foi Saussure, comprometido com a adoção de um ponto de vista, cabe destacar que o rigor e a seriedade com que trabalhava renderam-lhe o título de “pai da linguística”. Normand ressalta esse aspecto, mas enfatizando sua concepção de que “Saussure não inventa a questão do objeto nem a dos critérios de escolhas que lhe é associada; ela está ligada, nessa época, à reflexão positivista sobre as ciências (...)”, e destaca que “Saussure limita-se a formular essa questão para a linguística e a tirar dela as consequências. Essa posição epistemológica tomada por ele, (...) é-lhe imposta por sua exigência de linguista” (NORMAND, 2009a, pp. 38 e 39). Para

Schneider (2016), Saussure desenvolveu o trabalho que fez (excluindo a materialidade fônica do território da língua), muito mais por necessitar expressar uma “atitude epistemológica que possibilitasse a compreensão do fenômeno linguístico enquanto uma realidade mental que se organiza em torno da percepção de diferenças” (p. 181), do que visando desenvolver um projeto positivista de homogeneização do campo investigativo.

Essa exigência saussuriana também se manifesta quando ele formula algumas questões nas quais problematiza a atividade do linguista, seu método e objeto. A nota a seguir, constante nos ELG, evidencia isso:

Ora, há de primordial e inerente à natureza da linguagem o fato de que, por qualquer lado que se tentar abordá-la – justificável ou não – não se poderá jamais descobrir, aí, *individuos*, ou seja, seres (ou quantidades) determinados em si mesmos sobre os quais se opera, *depois*, uma generalização. Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada além dela: ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irreduzíveis entidades com que pode se ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito. Resulta daí, imediatamente, que toda a linguística se resume não [] mas, materialmente, à discussão dos pontos de vista legítimos: sem o que não há objeto” (SAUSSURE, 2004, p. 26 – grifos no original).

Normand delinea o cerne da abordagem saussuriana sobre o ponto de vista, o objeto da linguística e o método, formulando perguntas e encaminhamentos de respostas da seguinte maneira:

Descrever, sim; explicar, talvez; mas, o quê? O que permite que se fale e que se compreenda? As mudanças que fazem que se fale de outro modo e que se compreenda mal aqueles que nos precederam? Que causas podem ser supostas para essas mudanças? Em cada caso, o “ponto de vista” é diferente e, em consequência, quer se reconheça ou não, seleciona-se na massa dos dados concretos, isola-se um “objeto” que depende do ponto de vista e, no mesmo movimento, escolhe-se um método. Falar do “objeto da linguística”, afirmar que é necessário determiná-lo claramente, é dizer que é necessário escolher, ao mesmo tempo, proposições teóricas definidoras e o método que delas decorre. (NORMAND, 2009a, p. 37, 38)

Cabe destacar aqui a observação de Schneider (2016) frente à afirmação saussuriana quanto à “imaterialidade” dos elementos linguísticos e o ao compromisso assumido por Saussure de “demonstrar de que modo tais entidades desenvolvem um regime centrado na percepção de diferenças qualitativas” (p. 177):

Para que seja possível tratar esse fenômeno - a percepção de diferenças qualitativas – enquanto um objeto, será necessário estabelecer os meios que determinam a existência de um elemento linguístico enquanto uma entidade destituída de substância (SCHNEIDER, 2016, p. 177).

Ao se valer da prática descritiva, Saussure induz a um novo ponto de vista sobre os estudos da linguagem, determinando a existência do elemento linguístico enquanto entidade destituída de substância, e ao fazer isso, ele esboça sua concepção, as implicações, as ordens de valores, o método e seu objeto, muito mais, portanto, do que explicita uma decisão teórica deliberada (NORMAND, 2009a, p. 43). Do que temos encontrado – registrado e editado também – do pensamento saussuriano, nas mais variadas fontes, percebemos uma “espiral da coerência textual e teórica”⁹, em que a reflexão conceitual perpassa o fazer do linguista que foi Saussure, e o legado de como fazer linguística que ele nos deixou. Vamos a ele.

1.2 CONCEITOS BÁSICOS DE LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

De início, faz-se necessário esclarecer que esta seção mobiliza os conceitos saussurianos que mais vão interessar para o objetivo desta tese como um todo, de forma a nortear, mais especificamente, o arcabouço teórico do princípio a ser examinado no capítulo 3 (a essência dupla da linguagem). Sendo assim, os conceitos aqui discutidos são aqueles que mais parecem ser, a nós, operacionais para um fazer linguístico pautado no saber da língua considerando seu aspecto material. Ou seja, não temos a pretensão de (tentar) fazer uma revisão de todos os conceitos, ou talvez, do conjunto de conceitos que a teoria saussuriana apresenta, dado que um empreendimento dessa natureza poderia ser objeto de uma tese inteira por si só, e também porque nossa “profissão de fé em linguística”¹⁰ se pauta no aforismo - saussuriano, evidentemente - de que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15), e, sendo assim, nosso ponto de vista está mais voltado à operacionalização dos conceitos (como se verá na seção 1.3), do que em um enfoque retrospectivo sobre a fundação/constituição da linguística saussuriana¹¹.

Tullio de Mauro, linguista italiano, em sua Introdução à Edição Crítica do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1972), ao apontar diversas linhas de pesquisa e

⁹ Fazemos uso aqui da expressão utilizada pelo linguista e pesquisador Daniele Gambarara, em um texto sobre o manuscrito autográfico Ms. fr. 3951/10, ao se referir à sensação de *déjà vu* que o leitor do CLG muitas vezes tem em relação a outros manuscritos de Saussure (cf. GAMBARARA, 2007, p. 266).

¹⁰ Saussure usa essa expressão justamente para defender a impossibilidade de que, em matéria de linguística, haja objetos dados de antemão: “Eis aí nossa profissão de fé em matéria de linguística. Em outros domínios, pode-se falar de coisas “*de tal ou tal ponto de vista*”, com a certeza de reencontrar um terreno firme no próprio objeto. Em linguística, nós negamos, em princípio, que haja objetos dados, que haja *coisas* que continuem a existir quando se passa de uma ordem de ideias a outra, que seja possível considerar as “coisas” em várias ordens, como se elas fossem dadas por si mesmas” (SAUSSURE, 2004, p. 173 – grifos no original).

¹¹ Ao leitor interessado em saber mais sobre a gênese/constituição da teoria saussuriana sugerimos a consulta a *Saussure, une science du langage* (GADET, 1987) ou *Saussure* (NORMAND, 2009a).

alguns teóricos – da linguística, da semiologia e da antropologia – que são devedores de Saussure, afirma que os “conceitos e temas contidos no *Curso de Linguística Geral* foram usados no centro de diferentes direções de pesquisa” (SAUSSURE, 1972, p. IV [Introdução] – tradução nossa)¹². Em complementando sua análise ao legado incontestável do CLG à linguística do nosso tempo, De Mauro diz que

Resta suficiente olhar para a lista de palavras que apareceram pela primeira vez no *Curso* ou receberam uma sanção definitiva em uma acepção determinada e então permaneceram válidas: *sincronia, diacronia, idiossincrônico, pancronia, pancrônico, etc.; linguagem, língua, fala; signo, significante, significado; unidade linguística; sintagma, sintagmático; execução, consciência linguística; fonema, fonologia; substância e forma linguística; economia linguística, valor linguístico; código, circuito da fala, modelo; estado de língua, estático, semiologia, semiológico, sema; oposição, opositivo, relativo, diferencial; cadeia, talvez estrutura, certamente sistema*. Poucas palavras-chave contemporâneas, comuns a várias direções de pesquisa, não têm fonte no *Curso de Linguística Geral*. (SAUSSURE, 1972, p. IV [Introdução] – tradução nossa, grifos no original)¹³.

Dessa lista, em que certamente outros termos poderiam figurar (se considerássemos aqui também outras fontes saussurianas, além do *Curso* como o fez De Mauro) algumas palavras são mais pertinentes à nossa reflexão. As subseções a seguir indicarão os motivos. Elas mobilizam o conceito de *linguagem* (1.2.1), apresentam a noção de *língua* (1.2.2) e delineiam a acepção do termo *línguas* (1.2.3), conceitos estes importantes para se pensar nos desdobramentos que a epistemologia saussuriana tem a contribuir ao reconhecimento do estatuto linguístico da gestualidade.

1.2.1 A *linguagem* como conjunto heteróclito e multiforme

A *linguagem* é um termo geral, e normalmente “parte-se da evidência do termo *linguagem*: como ele é portador em si da generalidade, evita-se a necessidade de se perguntar sobre ela” (NORMAND, 2009a, p. 26). Como já mencionamos, Saussure interrogava aquilo que parecia evidente em matéria de linguagem e de ciência. Foi o que

¹² No original: Des concepts et des thèmes contenus dans le *Cours de linguistique générale* ont été utilisés au centre de différentes directions de recherche.

¹³ No original: Il suffit du reste de regarder la liste des mots qui apparurent pour la première fois dans le *Cours* ou qui y reçurent une sanction définitive dans une acception déterminée et demeurée ensuite valide: *synchronie, diachronie, idiosynchronique, panchronie, panchronique, etc.; langue, langage, parole; signe, signifiant, signifié; unité linguistique; syntagme, syntagmatique; exécution, conscience linguistique; phonème, phonologie; substance et forme linguistique; économie linguistique, valeur linguistique; code, circuit de la parole, modèle; état de langue, statique, sémiologie, sémiologique, sème; opposition, oppositif, relatif, différentiel; chaîne, peut-être structure, certainement système*. Rares sont les mots clef contemporaine que, communs à plusieurs directions de recherches, n'ont pas leur source dans le *Cours de linguistique générale*.

ele fez, e, dessa forma, seu discurso, ao tratar da linguística geral não ficou paralisado, dado que ele distinguiu o termo linguagem, o qual por sua vez “recobre sempre alguma dualidade nocional (...) e se presta a uma multiplicidade de pontos de vista” (NORMAND, 2009a, p. 49). Por isso, analisar o termo linguagem (*langage*) em Saussure, implica olhar também para a língua (*langue*), e por este, à fala (*parole*)¹⁴.

A linguagem era um tema caro para Saussure; inúmeros manuscritos indicam a presença desse termo em seus textos¹⁵. Uma das notas presente nos ELG indica explicitamente esse interesse de escrutínio, mas também sua limitação frente a objeto tão complexo:

Quem se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem, para fazer seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, que jamais será toda a linguagem, supondo-se que seja muito bem escolhido, e que, se não for tão bem escolhido, pode nem ser de ordem linguística ou representar, depois, uma confusão inadmissível. (SAUSSURE, 2004, p. 25).

Ou seja, aquilo que poderá “ser de ordem linguística” depende do posicionamento que se adota, ou, do recorte que se faz, da delimitação que se opera sobre o complexo objeto apresentado pela linguagem. E a justificativa para a impossibilidade de se abarcar toda a linguagem pode melhor ser encontrada no texto do CLG. No capítulo II da Introdução temos que

a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou em decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2006, p. 13).

¹⁴ Há quem opte por utilizar os termos em francês (*langage*, *langue* e *parole*) para tratar de tais conceitos saussurianos. Ribeiro (2019), por exemplo, justifica sua opção por grafar os termos em francês, mobilizando as percepções do grupo de pesquisa que integra: “Alvo de diversas discussões em nosso grupo de pesquisa, a grafia dos termos língua e fala tem provocado e instigado todos os membros do grupo. Temos percebido, com as leituras que temos realizado conjuntamente, com reflexões e com a elaboração dos trabalhos que, muitas vezes, as pessoas (...) acabam confundindo a ideia que se tem de língua e fala com o que Saussure, de fato, parece apontar com estes termos” (RIBEIRO, 2019, p. 25). Uma vez que tecemos neste capítulo nossa leitura a essas três noções nos termos saussurianos, optamos por não os grafar conforme Ribeiro, mas apontando entre parêntesis, eventualmente, a grafia em língua francesa, como na presente ocorrência.

¹⁵ O conjunto de textos manuscritos saussurianos encontrados em 1996, reunidos por Rudolf Engler na Biblioteca de Genebra, sob o nome de “Arch. de Saussure 372”, por exemplo, testemunha a inscrição autográfica de Saussure, na embalagem de aproximadamente 12 envelopes, com a expressão “science du langage” (cf. SAUSSURE, 2011, p. 12). Exploramos um desses manuscritos em mais detalhes no capítulo 3 desta tese.

Se a linguagem – em todas as suas formas de expressão – constitui a matéria da Linguística, esta deveria, em tese, contemplar a análise e o estudo de todas as manifestações da linguagem humana. No entanto, não é isso que vimos acontecer, na prática, no desenvolvimento da linguística. Tullio de Mauro, em sua nota 40, afirma que, para Saussure, a matéria é o conjunto de todos os fatos que, no nível da linguagem cotidiana, podem ser considerados "linguísticos"¹⁶. Esse conjunto de fatos constitui uma massa, heteróclita e multiforme, conforme Saussure (2006, p. 17), e, por isso pode ser estudado por múltiplas disciplinas, em relação às quais a linguística se qualifica porque seu objeto é a língua. Assim, tomar do seio da linguagem uma língua, implica em não desconsiderar aquilo que da língua, enquanto sistema, por ser um fenômeno de linguagem, escapa à observação e compreensão do linguista. Nem todo fenômeno de linguagem será linguístico, irá corresponder à configuração de uma língua; mas toda língua tem seu embrião como fenômeno de linguagem.

Isto posto, se alguém, por exemplo, ignorante da especificidade da natureza linguística de uma língua de sinais, refere-se a ela como “a *linguagem* dos sinais”, não está de todo equivocado: em dizer “linguagem de sinais”, subentende-se, e, por conseguinte, reconhece-se, uma capacidade para o simbólico nesses “sinais”. Ora, o leigo não tem a obrigação de saber a distinção que há, no escopo da linguística, entre *linguagem* e *língua*. Essa é tarefa para linguistas. Contudo, responder simplesmente que “é *língua* de sinais, e não *linguagem*”, sem fornecer a devida justificativa teórica para tal concepção, é simplista demais para acarretar uma efetiva mudança de valor na nomenclatura utilizada pelos falantes da língua portuguesa, no caso, em menção às línguas de sinais¹⁷.

(...) na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível (SAUSSURE, 2006, p. 14).

¹⁶ Na íntegra: Pour Saussure, *matière* est l'ensemble de tous les faits qui, au niveau du langage courant, peuvent être considérés comme "linguistiques". Une telle masse est hétéroclite (C.L.G. 23 et sv.) et, en tant que telle, elle peut être étudiée par de multiples disciplines; par rapport auxquelles la linguistique se qualifie parce que son objet est la *langue* (SAUSSURE, 1972, p. 414, 415 – nota 40).

¹⁷ Abordamos essa questão em mais detalhes no Capítulo 4 da presente tese, seção 4.1.

E é exatamente a definição de língua (*langue*), em comparação à de *linguagem*, que o CLG apresenta em seguida. No capítulo III, dedicado ao objeto da Linguística, ao interrogar o que é a língua, o texto afirma que “ela não se confunde com a linguagem”, e segue justificando que

é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (SAUSSURE, 2006, p. 17).

E em se posicionando quanto ao que seria “natural” no homem, o texto expressa claramente que “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2006, p. 18). Esse trecho do texto, no original em francês, apresenta um termo complementar à linguagem – falada -, e que na versão para língua portuguesa não aparece: “ce n’est pas le langage *parlé* qui est naturel à l’homme, mais la faculté de constituer une langue (...)” (SAUSSURE, 1972, p. 26 – grifo nosso). Nessa ocorrência, fala (*parole*) diz respeito à realização motora¹⁸. E não é esta “linguagem” que é natural ao homem. Conforme o texto ainda: “tudo isso nos leva a crer que, acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência” (SAUSSURE, 2006, p.18).

Frente ao enfoque de Ferdinand de Saussure em dedicar seus trabalhos e pesquisas aos fenômenos relativos às línguas, o fato de ele ter estudado física e química na Universidade de Genebra no ano de 1875¹⁹ talvez seja de somenos importância ao seu legado teórico linguístico para nós. No entanto, sua abordagem ao pensamento como massa amorfa e indistinta, presente no CLG (SAUSSURE, 2006, p. 130), pode ser advinda da concepção química de material amorfo, a qual é a designação que se dá, em química ou mineralogia, aos materiais que não são cristalizados; “amorfos”, então, é o

¹⁸ Como bem observa Normand, “fala designa em Saussure tanto o escrito quanto o oral” (NORMAND, 2009a, p. 55). Ao longo desta tese discutiremos essa noção em maior profundidade, porque uma das implicações em se considerar a gestualidade como linguística, é ela integrar a fala (*parole*) saussuriana também, e nesse sentido, o gestual também pode ser designado pelo termo fala. É por isso que doravante marcaremos a ocorrência do termo fala como em francês – *parole* – para dar destaque ao conceito saussuriano que está sendo mobilizado (e não correremos o risco da interpretação arriscada fala = realização oral da língua).

¹⁹ Esta informação encontra-se no Quadro Biográfico contíguo ao Prefácio à Edição Brasileira do *Curso*.

contrário de “cristalinos”, que são, por sua vez, aqueles materiais delimitados, que possuem uma forma definida, cujas partes podem ser divididas. Por extensão a esse entendimento químico à natureza dos materiais diversos, podemos afirmar, em consonância ao fato de “a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas” (SAUSSURE, 2006, p. 131) que, fosse a língua material cristalizado ela estaria restrita a um único tipo de manifestação. Mas não é isso o que Saussure afirma. Para ele, “a língua²⁰ é como” – e nesta comparação ele se vale de um fenômeno físico – “o ar em contato com uma capa de água: se muda a pressão atmosférica, a superfície da água se decompõe numa série de divisões, vale dizer, de vagas; são essas ondulações que darão uma ideia da união, por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica²¹” (SAUSSURE, 2006, p. 131). Da inter-relação entre *linguagem* e *língua*, vamos nos deter um pouco mais na consideração desta última, haja vista que é ela, por sua vez, que “faz a unidade da linguagem” (idem, p. 18).

Porque a linguagem é heteróclita, ou seja, é eclética, distinta, heterogênea, e multiforme, ou seja, composta por muitas e diversas formas, é que podemos considerar a gestualidade como integrante desse conjunto. As manifestações gestuais, tomando por base o sentido saussuriano aqui esboçado, constituem-se exemplos de fenômenos de linguagem, que tem na diversidade, mais do que na unicidade, sua principal característica. Frente à linguagem, a língua reclama para si uma abordagem particular, dado ser esta parte essencial daquela.

1.2.2 A *língua* como sistema de signos

Esse é o título original do capítulo 1 da Primeira Parte do CLG, intitulado no mesmo por “natureza do signo linguístico”. Ao mostrar que “o que se chama de ‘fato’ depende de um ponto de vista acerca dos fenômenos observados” (NORMAND, 2009a, p. 53), e ao estabelecer um ponto de vista sistemático sobre o fenômeno linguístico, Saussure chega à conclusão de que a língua é um sistema. Esse termo – sistema -, tão caro à linguística saussuriana, vai embasar e ser fundamental ao estabelecimento de outras noções sobre a língua, tais como a ideia de relação, de mudança, de continuidade,

²⁰ Tullio de Mauro nos informa que a inserção do termo *língua* nessa linha é uma substituição à *linguagem* feita pelos editores: “Saussure parle dans l’alinéa de *langage*; *langue* est une substitution des éditeurs” (SAUSSURE, 1972, p. 463 – nota 226 – grifos no original).

²¹ O estatuto da materialidade fônica no escopo da linguística saussuriana é discutido em detalhes por Milano (2013; 2017; 2019). Para além da matéria fônica em si, interessa-nos estudar no presente capítulo, o lugar da noção de *materialidade* (independentemente de qual seja) no escopo da reflexão saussuriana.

de diferencial, e de valor, por exemplo. Cabe ressaltar, no entanto, que, conforme Normand, a acepção de língua enquanto sistema é tomada por Saussure de uma maneira mais técnica:

explicitado como *funcionamento* ou *mecanismo*, ele remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreende-las fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois é nele que está seu modo de realidade; (...) abordadas fora dessas relações, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, elas não são linguísticas (NORMAND, 2009a, p. 50 – grifos no original).

Assim, dizer sistema é definir um interior, uma ordem própria da língua e considerar as relações que nela se dão. Normand é mais específica ainda ao afirmar o que representa, para o linguista, optar por esse conceito: “a escolha de partir do sistema é recusar ou (...) evitar partir da comunicação. O sistema é apenas um dos elementos do esquema da comunicação no qual muitos outros parâmetros intervêm” (NORMAND, 2009, p. 50). Dessa forma, a partir dessa escolha, ver a língua como um sistema, é não a restringir a ser “um instrumento (meio, utilitário) de comunicação” (NORMAND, 2009, p. 51).

É possível, nesse ínterim, traçarmos um paralelo em relação à escolha saussuriana em partir da noção de sistema para definir a ordem própria da língua, à (des)consideração do “sujeito falante” na definição de língua²². Saussure não exclui o traço social, e além disso o toma como fundamental para a existência de uma língua, contudo ele – o traço social - não determina um ponto de vista e um método próprios. Segundo Normand, Saussure “não considera essa característica a mais esclarecedora para definir sua natureza específica, pois a língua partilha dessa propriedade com todas as outras instituições” (2009, p. 52). Para o linguista, o que interessa é que a língua seja um sistema de signos, “uma instituição que ele chama de semiológica” (NORMAND,

²² Fazemos aqui menção à *não* exclusão do “sujeito falante” da teoria saussuriana, ressaltando que apesar de, no âmbito da linguística, vemos em algumas leituras, como aponta Cruz (2016), Saussure ser tomado como o pai fundador, “ele aparece ao mesmo tempo, como aquele que teria excluído tantos aspectos fundamentais da comunicação humana, como sujeito, história, sociedade” (p. 64). Para Simone (1995), Saussure de fato sentiu a necessidade de dar ao falante, ao “*language user*”, um lugar na estrutura de sua teoria e aponta alguns elementos que podem tê-lo obrigado a tal: “a influência de Kruszewski, sua familiaridade com as discussões psicológicas de seu tempo, os modelos biológicos da língua amplamente divulgados em sua época, sua forte percepção quanto à dimensão da mudança linguística, seu claro conhecimento do papel do falante na vida da linguagem” (p. 246). No entanto, como bem resalta Simone, a resposta de Saussure a esses estímulos, se deu de forma incerta e, às vezes, oscilante. Seja como for, “em sua teoria, o falante é visto essencialmente como um fator de variabilidade subjetiva, como um *sujet isole*, exceto quando ele é parte da *masse parlante*. É apenas essa *masse* que tem alguns efeitos na organização da língua” (SIMONE, 1995, p. 246 – tradução nossa).

2009, p. 52). Assim, ao olhar para os fatos de linguagem, não “se trata mais da função de representação nem da história, mas do funcionamento, que obriga a colocar a existência de um mecanismo comum; Saussure o chama de língua” (NORMAND, 2009, p. 56). Antes de ser um “instrumento de comunicação”, a língua é um sistema de signos. Schneider (2016) faz uma constatação muito pertinente quanto à inserção da noção de língua na reflexão saussuriana. Diz ele que a mesma se deu em um momento avançado da análise de elementos particulares e que “não se trata de uma certeza axiomática tomada de antemão, mas de uma criação que se faz necessária para uma prática investigativa que tem como objeto entidades imateriais dotadas de valores relativos” (p. 183). *Língua* pode ser então entendida como “a ordem sistêmica que produz e sustenta seus próprios elementos” (SCHNEIDER, 2016, p. 183).

Ora, em analisando os fatos da linguagem, e seu funcionamento via mecanismo e ordenamento da língua, o que é diretamente observável é o produto da realização motora. Podemos nos perguntar de que maneira a língua, sistema de signos, está ligada a esse produto. Para Normand, em se tratando de uma língua oral:

Dir-se-á que os sons, em sua diversidade pontual, pertencem à fala, enquanto os fonemas, que permitem pensar a unidade dos sons fisicamente mais ou menos dessemelhantes, pertencem à língua. É claro que não se pode tratar de realidades diferentes caso se entenda desse modo o que é direta e concretamente observável; os únicos dados observáveis são os da fala; porém, iríamos perder-nos na diversidade desses dados se não dispuséssemos de conceitos que permitissem dirigir a observação. O fonema é um desses conceitos e a língua – cujos elementos se analisam pelos termos fonemas, morfemas, sintagmas...- oferece uma categorização inteiramente conceitual da realidade, e se apresenta como um objeto abstrato, uma realidade do pensamento (NORMAND, 2009, p. 58).

São conceitos como esses que permitem a observação dirigida dos fenômenos, e o conceito de língua, especificamente, faz com que encontremos um fio condutor em meio à diversidade, “heteroclicidade” e “multiformidade” da linguagem. Isso não é diferente da análise dos fatos de linguagem gestuais, quando tomados via mecanismo linguístico. Aí também, o que é diretamente observável é o produto da realização motora corporal. Nesse sentido, os *gestos*, em sua diversidade, pertencem à fala, enquanto os *sinais*, que permitem pensar a unidade dos gestos fisicamente mais ou menos dessemelhantes, pertencem à língua. Em relação às línguas de sinais, o conceito de “sinal” permite conduzir a observação dos diversos dados gestuais. Assim, ao considerarmos as línguas de sinais (LS), veremos que o específico e diferencial desse sistema, está menos na denominação “língua” e mais no “*de sinais*”, adjetivo que lhe

serve de complemento e designador. A LS não tem seu *status* de língua diminuído por isso; muito pelo contrário: ela representa, ou melhor, é prova da heterogeneidade da linguagem, da capacidade simbólica humana, e da potencialidade significativa de tudo o que é do homem e, por conseguinte, o faz humano. A língua de sinais é uma ordem sistêmica que produz e sustenta seus próprios elementos (gestuais).

Assim sendo, a língua de sinais oferece uma categorização inteiramente conceitual da realidade – da diversidade de dados gestuais observáveis na fala sinalizada, **na voz gestual** – e se apresenta como um objeto abstrato, uma realidade do pensamento. Assim, conceber as línguas de sinais como sistemas de signos linguísticos significa também levar em conta todas as características desses sistemas, ratificando os princípios que os regem e seu modo de funcionamento.

Em trabalho anterior (FRYDRYCH, 2013), cujo intuito principal foi o de discutir o estatuto linguístico das línguas de sinais, tomamos por base algumas das noções centrais da linguística saussuriana, quais sejam: o princípio do arbitrário – em relação à noção (não saussuriana) de iconicidade - e a noção de valor, bem como a distinção teórica entre linguagem, língua e fala. Destacamos também a apreensão dos signos das línguas de sinais e as possibilidades de sua fixação (via escrita); o caráter linear do significante do signo linguístico, a despeito da simultaneidade de traços visuoespaciais que constituem seus signos; e, enquanto organismo linguístico, ressaltamos sua natureza concreta e homogênea, como em qualquer língua natural. As LS são línguas, portanto, por serem conjuntos, sistemas de valores linguísticos evidenciados na forma de signos linguísticos (os quais, por sua vez, são formados por unidades materiais gestuais e mentais), baseados completamente nas relações desses valores-signos no âmbito do sistema que compõe e, ao mesmo tempo, estão contidos.

Concordamos com Normand quando ela diz que a significação é o critério para distinguir as manifestações físicas da fala (*parole*) que integram a língua:

O critério que permite escolher, entre todas as variações físicas possíveis da fala, aquelas que pertencem à língua, é, então, o critério da significação; pois esses elementos linguísticos que constituem o sistema da língua têm por propriedade primeira significar, serem signos (NORMAND, 2009, p. 60).

Do exposto, depreendemos que o critério da significação (ou “do poder [de] significar”, cf. SAUSSURE, 2004, p. 194), em que os elementos linguísticos sîgnicos estão implicados é o que faz de uma língua (idioma), uma *língua* (*langue*, categoria conceitual de ordem sistêmica). Para melhor compreendermos a “língua como um

sistema de signos” em nosso percurso de retomada dos conceitos básicos da linguística saussuriana, faz-se necessário analisar ainda mais detalhadamente uma das principais características do signo linguístico: seu aspecto arbitrário.

1.2.2.1 O *arbitrário* como princípio do signo linguístico

No capítulo 1 da primeira parte do CLG, há o estudo da natureza do signo linguístico. A partir dele apreendemos que o significante e o significado, componentes do signo, não são materiais, mas psíquicos. Nesse mesmo capítulo é introduzida a ideia de arbitrário enquanto primeiro princípio do signo linguístico, uma de suas duas características primordiais:

O laço que une o significante ao significado é [radicalmente]²³ arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. (SAUSSURE, 2006, p. 81 – grifos no original).

Uma vez entendido que arbitrário é o laço, ou, que é dentro do próprio signo que o arbitrário se justifica, depreendemos que é arbitrária a junção do significante ao significado, e não do signo ao objeto, referente no mundo (extralinguístico). Significante e significado, portanto, não se opõem: são unidos. O significante vai se opor, sim, a outros significantes, bem como o significado vai se opor a outros significados. A esse respeito, Bouquet (2000) declara que o termo arbitrário é empregado por Saussure para se referir a duas relações bem distintas: “ele vale de um lado, para a relação, interna ao signo, entre significante e significado; vale, de outro lado, para a relação que une entre eles os termos do sistema de uma língua dada” (BOUQUET, 2000, p. 234). Ou seja, ele depreende de Saussure dois aspectos de arbitrário, o arbitrário interno do signo e o arbitrário sistêmico do signo, em que “*arbitrário* significa estritamente, num caso como no outro, *contingente a uma língua* – sendo que essa contingência [...] é uma *necessidade*” (BOUQUET, 2000, p. 234 – grifos no original). Seja como for, o arbitrário é inerente ao sistema, e fora dele não há como justificar e sustentar a noção de arbitrário.

²³ Tullio de Mauro aponta que esta palavra – *radicalmente* – apesar de constar nas fontes manuscritas de Engler (cf. 1122 B Engler), desapareceu do texto dos editores e afirma que, no caso de uma formulação pensada e repensada por Saussure, é difícil imaginar que o advérbio seja usado como um pleonasma geral de reforço. É mais legítimo, em sua opinião, supor que seu significado seja o seguinte: “a ligação é arbitrariamente *radicilus*, em seus próprios fundamentos, na medida em que liga duas entidades similarmente produzidas graças à divisão arbitrária na substância acústica e na substância significativa” (SAUSSURE, 1972, p. 442 – De Mauro, nota 136 – tradução nossa).

O arbitrário pode, também, ser entendido como a ausência de causalidade ou necessidade: o laço é por que é. Não há uma causa - ou um traço referencial - para que tal união se dê, forme o signo, e a partir desse, em relação a outros, se forme o sistema de uma língua. Para Saussure, o princípio do arbitrário "domina toda a linguística da língua" (SAUSSURE, 2006, p. 82): o que é arbitrário do signo é arbitrário da língua. Vale destacarmos a observação que o CLG traz com relação à palavra “arbitrário”:

a palavra *arbitrário* [...] não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (...); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2006, p. 83 – grifos no original).

Em trabalho anterior (FRYDRYCH, 2012), ao apresentar uma abordagem à arbitrariedade e à iconicidade nas LS, discutimos também sobre a relação entre (i)motivação e arbitrariedade, isso porque não raro questiona-se o princípio do arbitrário em se tratando das LS por considerar que a natureza dos signos nelas seja motivada pelo referente visual no mundo. Afirmamos também que a iconicidade não suplanta a arbitrariedade, e que todos os signos de uma língua de sinais são arbitrários, mesmo aqueles classificados como icônicos (e, nesse sentido, a arbitrariedade não suplanta a iconicidade), porque arbitrariedade e iconicidade não são noções opostas e excludentes uma a outra. Ainda que os processos formativos dos sinais se valham da iconicidade advinda da motivação visual fornecida pelos referentes, a manutenção dos sinais no seio do sistema depende do princípio da arbitrariedade do signo linguístico.

John Joseph (2015), linguista escocês, em artigo intitulado “Iconicity in Saussure’s linguistic work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign”, mostra, ao examinar dois textos de Saussure (um publicado em 1877, e outro em 1912), que no trabalho do genebrino, a arbitrariedade não é incompatível com a iconicidade (p. 86). Joseph afirma que a iconicidade deve também ser parte daquilo que leva uma comunidade de fala a aceitar certas inovações particulares ao invés de outras, e que um signo funciona perfeitamente bem como parte de uma língua mesmo para um falante que não o interprete iconicamente (p. 93). Ele chega à conclusão de que a “iconicidade *som-sentido* não impacta a arbitrariedade fundamental do signo linguístico” (p. 93), constatação similar à que chegamos ao discutir a relação entre arbitrariedade e iconicidade especificamente em relação às línguas de sinais (FRYDRYCH, 2012): à iconicidade subjaz a arbitrariedade.

O próprio Saussure também reconheceu “graus no arbitrário”, e disso decorre outra noção, atrelada à primeira, que é o conceito de “relativamente arbitrário”:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado*. (SAUSSURE, 2006, p. 152 - grifos no original).

Um exemplo de motivação relativa encontra-se no próprio CLG, ao explicitar que “*vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe são associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, etc” (SAUSSURE, 2006, p. 152). Com esse exemplo, reconhecemos certa graduação no arbitrário, sem, todavia, suprimi-lo. E concordamos com a não absoluta motivação dos signos, quer fônicos ou gestuais: “não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários (...) como também o valor de um termo total jamais iguala a soma dos valores das partes” (idem, p. 153). O arbitrário absoluto, portanto, não deixa de ser “a condição essencial do signo linguístico” (idem, p. 155).

Para fins de ilustração a essa reflexão sobre arbitrário, motivação e valor, a partir da consideração das línguas de sinais especificamente, nos valemos do exemplo de um vídeo no qual um professor surdo mostra, em Libras, um “novo” sinal para o conceito de “pedagogia” (Figura 1 abaixo), que foi bastante comentado e compartilhado na rede social Facebook²⁴. O trazemos aqui como um exemplo da motivação relativa na língua (de sinais). A motivação do novo sinal de “pedagogia” está no sinal “ensinar” (signo arbitrário) e no sinal “ser ensinado” (signo igualmente arbitrário).

²⁴ Link para o vídeo: <https://www.facebook.com/fabianosoutorosa/videos/10217562154981630/>, acessado em 10/05/2019. O referido vídeo teve mais de 50 comentários, e mais de 300 compartilhamentos.



Figura 1: Novo sinal para “pedagogia” (Fonte: Fabiano Rosa, página pessoal no Facebook)

O sinal apresentado é associativamente solidário de “compartilhar/trocar”, ou de “disputar/competir”, ou ainda de “empatia”, além de outros nos quais duas partes estão implicadas; e é, também, sintagmaticamente solidário de seus elementos “ensinar” e “ser ensinado”, com valor de “troca”. Talvez o que tenha gerado tamanha repercussão de aceitação ao sinal “pedagogia” proposto, está no fato de que essa dupla relação, entre os elementos do eixo associativo, e os do sintagmático, tenham ficado bastante evidentes aos olhos dos falantes de Libras. Conforme a perspectiva saussuriana, “essa dupla relação lhe confere [ao signo] uma parte de seu valor” (SAUSSURE, 2006, p. 153). Ainda que o sinal “pedagogia” possa ser classificado como arbitrário, “as solidariedades sintagmáticas e associativas limitam o arbitrário” (idem, p. 153), e, dessa forma o novo sinal adquire seu *valor*.

Rudolf Engler, no texto “Théorie et critique d’un principe saussurien: l’arbitraire du signe” (1962), mostra que, no sistema linguístico proposto por Saussure, o arbitrário tem um caráter semiológico, um caráter abstrato e é uma premissa que tem consequências sobre a língua no tempo e no espaço social. O arbitrário do signo, assim como o arbitrário do significante, é a condição para qualquer semiologia. Nesse sentido, Engler apresenta três tipos de arbitrário: o semiológico, do significante; o arbitrário da língua, que é o arbitrário do laço; e o arbitrário de *uma língua*, que é o arbitrário do significante, mas que implica também aquele do laço (ENGLER, 1962).

Isso referimos a fim de não tecermos uma leitura unívoca ao arbitrário saussuriano, e para apontar nele as potencialidades teóricas que, enquanto noção fundamental, carrega. Ao tomarmos a língua como um fato de linguagem, cumpre

conhecer a natureza desse fato em específico, e o arbitrário, enquanto princípio do signo linguístico, diz respeito à sistematicidade da língua, e apresenta-se como um importante elemento do que faz com que valores sejam gerados em um sistema. O arbitrário é garantia de existência do sistema da língua, pois é o laço que une os elementos que constituem as unidades do sistema. O arbitrário ao unir significado e significante, equaliza o peso da natureza em matéria de língua (em outras palavras, ele limita que o significante se dilate *ad infinitum*), e suplanta o convencionalismo, ou o enfoque na motivação para o ordenamento de novos valores.

Longe de esgotar as possibilidades de abordagem ao princípio do arbitrário, fizemos menção dele aqui por encerrar todo um conjunto de termos em relação, os quais por sua vez refletem a complexidade da linguística saussuriana. O arbitrário, por fim, pode ser tomado como ponto de partida na classificação das línguas em relação às outras linguagens (cf. Engler, 1962, p. 46), e é a garantia do *valor*, noção que será tratada na subseção a seguir.

1.2.2.2 O *valor* como noção linguística

A noção de valor é também um dos fundamentos da teoria saussuriana, mas encontra-se de tal forma imbricada às demais noções que Normand (2009), por exemplo, observa que esta, diferentemente de outras, manteve-se ileso quanto a debates ou controvérsias: “a tendência”, diz a autora, “foi ou negligenciar essa peça-mestra da teoria (...), ou subestimar sua ligação com os outros conceitos” (p. 158). Para ela, o termo “resume e reúne a contribuição de *arbitrário*, *social* e *sistema* e constitui o pivô da semiologia” (NORMAND, 2009, p. 158). A noção de valor é uma noção essencial para a concepção de língua como sistema de signos e, conseqüentemente, para a constituição da Semiologia. Não é nosso objetivo analisar os desdobramentos que a noção de valor acarreta à Semiologia especificamente, conforme apontado por Normand. Esquadrinharemos aqui a noção conforme apresentada no CLG, motivados principalmente, pelo que nela há de embrionário à discussão sobre *materialidade* linguística, tema desta tese.

Todas as ciências que operam com valores possuem uma “dualidade interna”, aponta o título da primeira parte do capítulo III do CLG. Ao considerar-se a noção de valor em uma ciência, lida-se com um “*sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*” (SAUSSURE, 2006, p. 95 – grifos no original). Em Economia Política, por

exemplo, a equivalência se dá entre um trabalho e um salário; em Linguística, entre um significado e um significante. O referido capítulo segue na descrição da intervenção do fator tempo para a Linguística, e afirma que

Enquanto, por um de seus lados, um valor tenha raiz nas coisas e em suas relações naturais (como é o caso na ciência econômica – por exemplo, um campo vale na proporção do que produz), pode-se até certo ponto, seguir esse valor no tempo, lembrando sempre que, a cada momento, ele depende de um sistema de valores contemporâneos. Sua ligação com as coisas lhe dá, apesar de tudo, uma base natural e, por isso, as apreciações que se lhe apliquem não são jamais completamente arbitrárias; sua variabilidade é limitada. Mas já vimos que, em Linguística, os dados naturais não têm nenhum lugar (SAUSSURE, 2006, p. 95, 96).

Se compreendemos que os dados naturais não têm lugar em Linguística, conforme afirma o CLG, entendemos que os valores com os quais essa ciência lida são valores relacionais arbitrários. Ou seja, sem uma base natural, ou material, o sistema da língua é formado sob a tutela do arbitrário, e os valores gerados são completamente relacionais. Em comparação com o jogo de xadrez, tal como mostra o CLG, a noção de valor recobre explicitamente essa ideia de relação. E pelo menos duas ordens de relações distintas estão implicadas aí: de uma parte, há a relação no interior do signo linguístico; de outra parte, as relações com os signos que “o rodeiam”. Tanto numa partida de xadrez quanto no funcionamento da língua, “estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações” (SAUSSURE, 2006, p. 104). Isso porque “o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos” (SAUSSURE, 2006, p. 104). Ao analisar o princípio do valor, Normand aponta que assim como “fora do jogo, o cavalo, fragmento de matéria inerte, não tem existência semiológica”, do mesmo modo “um signo linguístico isolado, fora das relações que o constituem como elemento de uma língua, perde sua realidade de signo, ou seja, não significa mais nada” (NORMAND, 2009, p. 159). O valor, sem base de equivalência a um substrato natural, enquanto noção linguística, é fruto tão somente das relações/oposições que se dão no interior do sistema da língua.

A noção de *valor*, talvez, se confunda com a de *significação*. O texto do CLG aponta a “delicadeza” que há na distinção entre os termos (SAUSSURE, 2006, p. 133). Se tais termos não são distinguidos, há o risco de se “reduzir a língua a uma simples nomenclatura” (idem), isso porque “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para

outra, correspondentes exatos para o sentido” (SAUSSURE, 2006, p. 135). Além disso, encontramos uma passagem dos *Escritos* na qual Saussure explicita sua preferência pelo termo *valor* em relação às formas da língua:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor*, *sentido*, *significação*, *função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a *idéia* como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardenal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros valores (SAUSSURE, 2004, p. 30 – grifos no original).

Buscando averiguar essa diferença entre as noções de *valor* e *significação*, Normand (2009) resume-a citando a passagem que lhe parece ser a mais clara no caderno de Constantin (*E. I*, 264), qual seja: “a palavra não existe nem sem um significado, nem sem um significante. Mas o significado só é o resumo do valor linguístico que supõe o jogo dos termos entre si, em cada sistema da língua” (NORMAND, 2009, p. 161).

Além disso todos os valores, destaca o CLG, são sempre constituídos “1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; e 2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa” (SAUSSURE, 2006, p. 134). E também a característica mais exata do valor linguístico é ser o que os outros não são; ele é puramente diferencial, e é definido negativamente por suas relações com os outros termos do sistema (SAUSSURE, 2006, p. 136). Sem as relações com os outros valores semelhantes a significação não existiria; mas, tão somente a significação – a formação de um signo, a união de uma imagem acústica e um conceito, ou, de um significante e um significado – “não exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude” (SAUSSURE, 2006, p. 136). O fato linguístico implica a noção de valor e distingue a de significação; eis porque tal noção merece especial atenção.

O capítulo IV do CLG, cujas fontes se encontram nas últimas aulas do 3º curso ministrado por Saussure entre 30 de junho e 4 de julho de 1911 (SAUSSURE, 1972, nota 224), intitulado “o valor linguístico”, é dividido em quatro seções: 1. A língua como pensamento organizado na matéria fônica; 2. O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual; 3. O valor linguístico considerado em seu aspecto material; e 4. O signo considerado em sua totalidade. Percebemos, de início, que a própria noção de

valor, tal como apresentada no CLG, comporta uma dualidade em sua concepção – um aspecto conceitual, o ponto de vista do conceito, e um aspecto material, o do significante.

Chama-nos especialmente a atenção o fato de haver, no CLG, uma seção dedicada ao aspecto *material* do valor²⁵. O texto inicia com a equivalência entre ambos aspectos:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação (SAUSSURE, 2006, p. 137).

Como afirmamos anteriormente, as relações de diferença no signo são o que lhe geram o valor. O seguinte excerto merece ser destacado aqui, pois completa essa ideia: “(...) é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo” (SAUSSURE, 2006, p. 137). Esta afirmação nos permite descentralizar o aspecto sonoro/fônico da teorização linguística saussuriana, porque não é esse, intrinsecamente, o elemento que confere valor aos signos. Ela também nos possibilita interrogar se outros “elementos materiais” não poderiam figurar no jogo da língua, dado que o *som* em si mesmo não pertence a ela.

A consideração de que o valor linguístico em seu aspecto material é resultado das relações e diferenças no sistema, compreende a noção de significante, dado que é ele quem “carrega ou porta” essas diferenças (SURREAUX, 2013). O CLG ressalta que os valores convencionais (por exemplo, os monetários) apresentam o “caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte” (SAUSSURE, 2006, p. 137). Por semelhante modo, o valor linguístico não se confunde com o elemento material tangível que lhe serve de suporte, embora contenha-o, implique-o, necessite-o. Assim descreve o texto do CLG:

Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, o significante linguístico não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por uma substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (SAUSSURE, 2006, p. 138).

²⁵ Na nota 233, de Mauro diz que Malmberg, no texto “Ferdinand de Saussure et la Phonétique moderne” (publicado no CFS 12 (1954), p. 9-28), acha esse parágrafo a melhor passagem do CLG.

O significante não é fônico; ou seja, ele não é o som, elemento material. Este, como afirmamos acima, não pertence à língua. E porque os signos não atuam por seu valor intrínseco, mas tão somente por sua posição relativa, é que o significante linguístico é constituído por diferenças; é a posição relativa, portanto, que sustenta a atuação dos signos. Stawinski (2016), ao analisar o aspecto fônico da língua na teoria saussuriana, afirma que “a relação entre o aspecto puramente material, não linguístico, com o aspecto relacional no jogo das oposições da língua é indissociável” (STAWINSKI, 2016, p. 40). E essa indissociabilidade entre o aspecto material e o funcionamento relacional no jogo da língua constitui o cerne da essência dupla da linguagem, como veremos no capítulo 3 desta tese.

O fato de o significante linguístico ser incorpóreo e constituído unicamente pelas diferenças que distinguem sua imagem acústica é um “princípio tão essencial que se aplica a todos os elementos materiais da língua” (SAUSSURE, 2006, p. 138). O texto afirma, em seguida, que esses elementos²⁶ são “entidades opositivas, relativas e negativas” (idem), e que o fato de os falantes terem uma “margem de ação” para a pronúncia comprova esse princípio. Os elementos sonoros, por exemplo, de uma língua, denominados fonemas, são caracterizados “simplesmente pelo fato de não se confundirem entre si” (idem). Nesse sentido, o CLG traz como ilustração que o uso do *r* uvular em francês, não impede o do *r* ápico-alveolar, e que isso não é prejudicial à língua pois “ela não pede mais que a diferença e só exige (...) que o som tenha uma qualidade invariável” (SAUSSURE, 2006, p. 138).

Para tornar mais clara a compreensão do aspecto material do valor, o CLG traz que a escrita, também um sistema de signos (SAUSSURE, 2006, p. 138), pode servir de comparativo, e em quatro parágrafos elenca os princípios mobilizados a esse respeito:

- 1º. os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t* e o som que ela designa;
- 2º. o valor das letras é puramente negativo e diferencial; (...) A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do *l*, do *d* etc.;

²⁶ Julgamos importante ressaltar que, apesar de no CLG o termo registrado ser “fonemas”, a nota 236 de Tullio de Mauro diz que nos manuscritos não está escrito aí fonemas, e sim *elementos fônicos ou sonoros*. Por isso registramos só “elementos”, valendo-nos, mais uma vez, das considerações de De Mauro, que nos ajudam a “dessonificar” o significante.

3º. os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. Esse caráter, sem ser idêntico ao segundo, está estreitamente ligado com ele, pois ambos dependem do primeiro. Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema;

4º. o meio de produção do signo é totalmente indiferente pois não importa ao sistema (isso se deduz também da primeira característica). Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação. (SAUSSURE, 2006, p. 138, 139).

Ao recorrer a um sistema de signos de materialidade distinta da fônica/sonora para exemplificar os princípios atrelados ao significante linguístico, o texto saussuriano do CLG indica uma possível generalização dos mesmos a sistemas semiológicos de diferentes “naturezas”. Logo, podemos resumir os princípios que caracterizam o significante linguístico, independentemente do elemento material que lhe serve de suporte, nos seguintes termos: 1) é arbitrário; 2) tem valor negativo e diferencial; 3) funciona por oposição recíproca no interior de um sistema definido; e 4) seu meio de produção não importa ao sistema.

Por fim, o CLG traz que enquanto “pensamento organizado na matéria fônica”, a “língua não pode ser senão um sistema de valores puros” (SAUSSURE, 2006, p. 130). Isso porque nem o “pensamento” nem o “som” se apresentam como entidades linguísticas delimitadas de antemão: o primeiro não passa de “uma *massa amorfa* e indistinta”, enquanto o segundo é “uma *matéria plástica* que se divide (...) para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade” (SAUSSURE, 2006, p. 130 – grifos nossos). Diz o texto do CLG que a língua tem como função “servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitação recíproca de unidades” (SAUSSURE, 2006, p. 131), e que “não há (...) nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons” (idem): “a língua elabora suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas” (idem). A figura saussuriana a seguir, apresentada pelo CLG, é descrita como uma tentativa aproximada de representar o conjunto do fato linguístico com base nesses termos - o acoplamento da “massa amorfa” com a “matéria plástica” - em que “as subdivisões contíguas marcadas simultaneamente” sobre um e outro representam a língua:

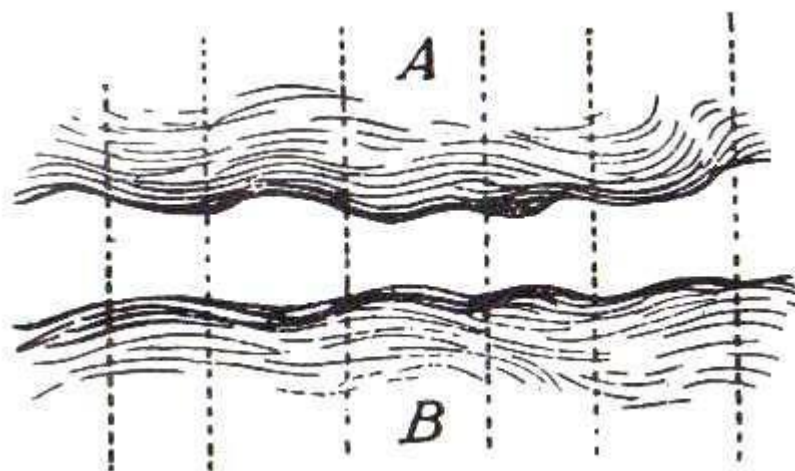


Figura 2: Ilustração das massas amorfas (Fonte: SAUSSURE, 2006, p. 131)

Se os dois domínios, que são ligados pelo fato linguístico, não fossem confusos e amorfos, e se o vínculo entre uma porção acústica e uma ideia não fosse arbitrário, “o valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora” (SAUSSURE, 2006, p. 132). O valor, portanto, enquanto noção linguística, é caracterizado por ser “inteiramente relativo” (SAUSSURE, 2006, p. 132), e é uma maneira de tornar objetivo o estudo dos elementos linguísticos tais como eles são percebidos pelos sujeitos (SCHNEIDER, 2016, p. 180). Apesar da materialidade, a percepção de diferenças é, portanto, o que sustenta a existência dos elementos linguísticos.

1.2.3 As línguas em consideração na teorização saussuriana

A reflexão saussuriana se vale de vários conceitos e noções, organizados de forma inter-relacionada, ou seja, um conceito ligado – direta ou indiretamente – a outro. Com as noções de língua e linguagem não seria diferente. Na verdade, essa inter-relação, como vimos, enseja espaço para mais uma leitura: a consideração da diversidade das línguas na teorização saussuriana. Uma vez que nossa tese parte, além da teoria linguística, de nossos conhecimentos e interesse em estudar as línguas de sinais - a Libras, em especial - precisamos também ancorar nossa discussão acerca da natureza gestual das línguas visuoespaciais em paralelo, ou, à semelhança da maneira como Saussure lidou com as diversas línguas (diferentes idiomas) que conhecia. O esquema abaixo visa ilustrar o argumento que sustentamos na presente subseção:

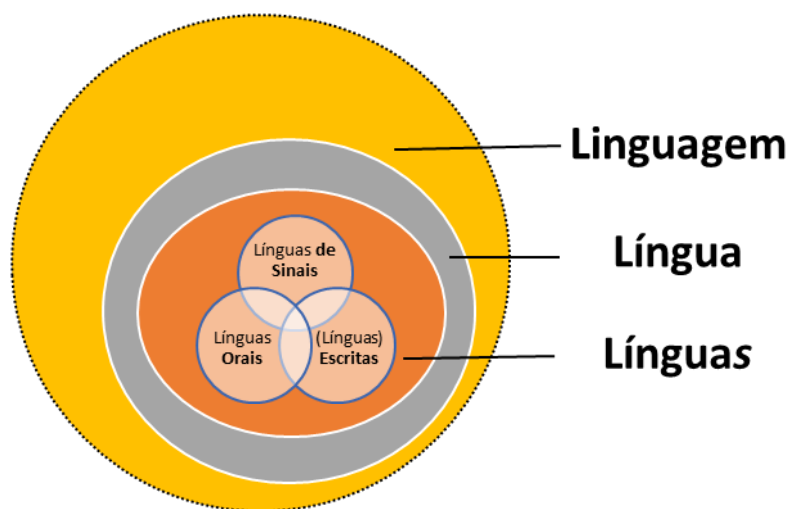


Figura 3: Inter-relação conceitual – Da *linguagem* às *línguas* (Fonte: a autora)

As *línguas*, encontra-se no seio da noção de *língua*²⁷, e esta por sua vez está inexoravelmente atrelada à noção de *linguagem*. Ora, não estamos aqui discutindo a constituição embrionária ou, a gênese dessa inter-relação teórica no pensamento saussuriano. Isso fugiria à alçada da reflexão a que nos propomos nesse momento. Contudo, há quem interprete o encadeamento conceitual saussuriano como disposto na ordem do texto do CLG, ou seja, da linguagem às línguas. Outros pesquisadores, no entanto, indicam que essa não foi a maneira como Saussure procedeu sua reflexão: ele teria partido da consideração da diversidade linguística para então chegar à noção de língua e linguagem.

Essa é, por exemplo, a opinião de Béguelin (2013), segundo o qual os editores do CLG,

Bally e Sechehaye impuseram ao texto um movimento dedutivo, longe da perspectiva indutiva privilegiada pelo professor: na lógica dos cursos tal como eles foram registrados, os princípios gerais constituem de fato apenas o principal resultado de uma reflexão profunda sobre as línguas submetidas ao efeito do tempo e sob o estatuto de entidades propostas pelo linguista

²⁷ O linguista Émile Benveniste insere como fator de comparação à distinção entre noção de *língua* e de *línguas* a diversidade social: “Existe de uma parte a sociedade como dado empírico, histórico. Fala-se da sociedade chinesa, da sociedade francesa, sociedade assíria; existe de outra parte a sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. Da mesma maneira existe a língua como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria; e existe a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação” (BENVENISTE, 1989, p. 96).

historiador das línguas. (BÉGUELIN, 2013, p. 143, *apud* PINHEIRO, 2015, p. 240).

Também Gomes (2019) aponta que

o mestre genebrino iniciara suas aulas pela análise da diversidade linguística (as línguas), para, somente então, adentrar nas reflexões sobre a língua. Assim, apesar de as línguas serem o fenômeno a partir do qual Saussure introduziu a segunda parte do terceiro curso (a língua), tal temática fora relegada ao final do Curso (quarta parte) e intitulada “Linguística geográfica”, expressão que não encontramos nem nas notas preparatórias ao terceiro curso (SAUSSURE, 2002) nem nos cadernos de Constantin (2005). (GOMES, 2019, p. 14).

Nesse sentido há uma diferença entre a ordem em que os cursos foram ministrados por Saussure e a lógica segundo a qual eles foram registrados e veiculados pelo *Curso*. Os manuscritos saussurianos talvez deixem ver mais claramente as reflexões sobre as línguas, das quais o CLG, organizado dedutivamente, apresenta uma síntese do ponto de chegada, na forma de “princípios gerais”. Como bem nos relembra Béguelin, Saussure foi um linguista historiador das línguas. No final do século XIX, como vimos na seção 1.1.1, a atividade comparativa/descritiva das línguas era muito comum, e embora Saussure questionasse os resultados dessa linguística, ele não poderia furtar-se a ela. O genebrino vivia em um contexto em que a comparação entre línguas era pujante.

Gomes, a partir de vários textos do *corpus* saussuriano, evidencia que “(...) do estudo das línguas, Saussure pôde concluir sobre as variações do sistema no tempo e no espaço, se perguntar sobre as causas da diversidade linguística, perceber a semelhança entre certas línguas e a profunda diferença entre outras e questionar a noção de língua e de dialetos” (GOMES, 2019, p. 18). Schneider (2016), por sua vez, nos mostra como, no escopo da reflexão de Saussure sobre a acentuação lituana, a *língua* é tomada em relação às línguas:

Tomar a língua como uma coisa parece ser a tarefa que se inaugura com esse registro, o que contribui para a interpretação da inovação ontológica produzida por Saussure. A frase entre parênteses « *savoir toujours la langue déterminée qu'on a décidé d'étudier* » (NAL, [2003], p. 340) nos indica que a língua é espécie de coisa e não coisa única. Se é preciso saber a língua determinada que se decide estudar, é preciso considerar a existência de outras línguas que não aquela examinada. Ciente de que a língua é uma espécie de coisa que apresenta diversos exemplares – o lituano, o grego, o francês – é possível desenvolver o estudo do papel do acento com relação a essa outra espécie de coisa que é a *língua*. (SCHNEIDER, 2016, p. 162).

Ora, dentre os “diversos exemplares” que a língua nos apresenta, e dentre os quais Saussure se dedicou a estudar mais de dez²⁸, as línguas visuoespaciais, línguas calcadas na materialidade gestual, também podem (e precisam) ser levadas em consideração, para um melhor conhecimento dessa “*coisa*” que é a língua. Seja como for – da linguagem às línguas, ou das línguas à linguagem – fato é que a diversidade linguística está implicada na teorização linguística saussuriana. Ou seja, o construto teórico saussuriano não subsiste com a desconsideração da diversidade das línguas.

Por fim, a interrogação expressa por Gomes quanto à contribuição da diversidade linguística à reflexão teórica - “o que de mais evidente tem a diversidade linguística a dizer sobre a língua senão o fato de que cada sistema linguístico associa diferentemente formas significantes e formas significadas?” (GOMES, 2019, p. 30) – só faz reforçar nossa hipótese de que as associações de cada sistema linguístico não dependem da materialidade significante que os constitui, e que, ao mesmo tempo, a consideração da(s) materialidade(s) linguística(s) pode, enquanto fator para a diversidade, nos dizer muito sobre a língua.

1.3 A MATERIALIDADE EM SUSPENSO

Como vimos até aqui, os conceitos básicos de linguística saussuriana apontam todos para a circunscrição do objeto da Linguística, à concepção da noção de língua e seu funcionamento. Nesse sentido, os conceitos saussurianos se inter-relacionam, e o escrutínio dos mesmos, em seções distintas no presente capítulo, visou à compreensão da particularidade de cada um. Vimos que a massa da linguagem é heteróclita e que nela a língua tem seu embrião enquanto fenômeno; compreendemos também que ao configurar-se como um sistema de signos, a língua apresenta-se como uma instituição semiológica, que por si mesma constitui um interior, o que a torna um todo e um princípio de classificação às demais linguagens. O princípio do arbitrário, por sua vez, garante a existência do sistema pois é o que une os elementos que constituem suas unidades. Assim sendo, todos os elementos da língua são produzidos pela própria língua, e todos os valores são advindos das relações internas ao seu sistema. A

²⁸ Na introdução ao capítulo 3 explicitamos em mais detalhes esse conhecimento “poli” linguístico que Saussure possuía, e, inclusive, mostramos como ele analisava, estudava algumas dessas línguas, evidência coletada especialmente das notas de cunho analítico encontradas no manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem*.

orquestração desses conceitos, confirma que “*a língua é uma forma, e não uma substância*” (SAUSSURE, 2006, p. 141 – grifos no original).

Ferdinand de Saussure contribuiu para a definição do objeto e de um arcabouço teórico para a Linguística. De acordo com Fiorin, “o primeiro gesto de Saussure, no *Curso*, foi definir o objeto teórico da Linguística” (FIORIN, 2013, p. 99). E, com esse gesto, podemos dizer que ele suspendeu, no sentido de interromper temporariamente, a consideração da materialidade em sua reflexão, porque a língua, para ser *língua*, tinha que ser tomada como uma abstração.

Como afirma Schneider (2016), ao elaborar suas reflexões em contato com seus objetos de análise, Saussure revela uma “atitude epistemológica” (p. 188). Na possibilidade, portanto, de se fazer o estudo de um objeto destituído de um substrato material está a virada epistemológica proposta por Saussure, é o que conclui Schneider (2016, p. 191). Ora,

Por trabalhar com o que se sustenta na percepção das características diferenciais, a ciência que Saussure propõe está assentada na compreensão de que o conhecimento se produz no diagnóstico da diferença, no mapeamento das variações e catalogação das multiplicidades (SCHNEIDER, 2016, p. 193).

Essa constatação nos leva a questionar o lugar da materialidade nos estudos linguísticos. O fato de que há um fenômeno fisiológico/articulatório nas línguas é inegável. Mas não é ele que garante a presença ou a ausência de um elemento linguístico (SCHNEIDER, 2016, p. 176), isso porque os objetos linguísticos têm um modo peculiar de existência, não garantido por uma empiria material, que se configura como o “ponto de convergência no qual estão coordenadas as diferenças que se apresentam ao espírito” (SCHNEIDER, 2016, p. 180). Ou seja, as *línguas*, enquanto realidades empíricas são sim, sustentadas por um substrato material; já em se tratando da *língua* enquanto conceito teórico, é na abstração que se fundamenta a “percepção das diferenças”. Nesse sentido, abordar linguisticamente *línguas de sinais* é considerar a abstração necessária à percepção das diferenças que a materialidade gestual sustenta.

Nesse ínterim, discutir a gestualidade, enquanto potencial materialidade linguística, resulta não mais da necessidade em se determinar o objeto da Linguística, tal como era a necessidade que se apresentava para Saussure ao final do século XIX, mas da necessidade de se compreender o fenômeno linguístico como multimodal, não restrito ao aspecto vocal fônico. Stawinski (2016) argumenta que “a realidade linguística (...) só tem como ser definida a partir do dado concreto, que, na sistemática

da língua, não será mais apenas a materialidade sonora, pois o que era puro som passa ao estatuto de significante do que já é signo linguístico” (STAWINSKI, 2016. p. 34). Ora, é justamente a partir a noção de significante, considerada em relação ao valor, que encontramos ancoragem para uma abordagem ao aspecto material da língua: aspecto esse não exclusivamente fônico/sonoro, mas conformado por qualquer substância que possa ser reconhecida pelos falantes.

Ainda, de acordo com Stawinski (2016; 2019), a relação do dado concreto com a realidade linguística tem relação com o ponto de vista saussuriano de que só existe linguisticamente o que o falante reconhece como pertencente à língua. Ora, o dado concreto, por ser concreto, depende da materialidade (acústica ou não), mas não é a materialidade que define o que é ou não significante – mas o falante que reconhece aí um estatuto linguístico.

Ou seja, a materialidade por si só não define o significante. Como vimos acima, na linguística saussuriana há todo um conjunto de conceitos e noções que, interligados, conduzem à uma concepção de *língua*. Nesse sentido, concordamos com Normand (2009) quando diz que a língua é um objeto concreto, abstratamente definido. Isso fica evidente quando Saussure, por exemplo, analisa, ou mesmo exemplifica algum aspecto linguístico em suas reflexões, porque ele se vale da substância “enformada” ou “formatada”, significada (tornada signo): ele recorre a exemplos de fonemas/palavras de línguas diversas e até mesmo à materialidade da escrita para evidenciar os princípios linguísticos que busca definir²⁹.

Um hipotético diálogo entre Saussure e seus colegas comparatistas, tecido por Normand, ilustra a preocupação que ele teria em compreender a “formatação” da língua:

- Vocês comparam muitas línguas, vivas ou mortas, traçam sua história, mas já se perguntaram o que é a língua?
 - A linguagem?
 - Não! A LÍNGUA! O que se deve supor presente nas falas, que faz com que ela seja diferente de ruídos, canto de pássaros ou trovão.
 - Mas essa presença, ela não é o pensamento?
 - Sem dúvida, mas sob que forma? Como o caroço da azeitona? Como o sangue nas veias? Como o Corpo Santo na hóstia?
- (NORMAND, 2009b, p. 199)

²⁹ No capítulo 3, ao detalharmos o manuscrito DEDL, mostramos inclusive que Saussure se vale de outros sistemas semiológicos para exemplificar suas análises e reflexões teóricas.

Aos questionamentos sob a forma da língua, Normand acrescenta uma citação extraída dos ELG: “qualquer um que põe o pé no terreno da *língua* pode se dizer abandonado por todas as analogias do céu e da terra” (NORMAND, 2009, p. 199).

A ciência progride, o conhecimento da linguagem abre continuamente novos caminhos, nada pode parar seu desenvolvimento: “semiologia geral”, “semiologia de segunda geração”, “semiologia universal” ...Todas as ciências estão envolvidas, convidadas a se reagruparem sob a égide de um pensamento dos signos que só lhes impõe uma coisa: não esquecer que o sentido passa sempre por formas” (NORMAND, 2009, p. 203).

No percurso teórico trilhado nesta tese, as formas do sentido serão exploradas até seu nível material, para a continuidade dos novos caminhos inaugurados pelo progresso da ciência da linguagem. Sendo assim, interrogar o estatuto da materialidade nos estudos da linguagem, obriga-nos a pôr a mão na “massa amorfa”, naquilo que ela apresenta de “matéria plástica”, via sistema e funcionamento da língua. É aí, à sombra da reflexão saussuriana, que situamos nossa abordagem ao *gesto*. Contudo, antes de explorarmos esse lugar, é necessário contextualizarmos nossa perspectiva em paralelo ao que já foi (e tem sido) estudado sobre a gestualidade humana, sobre o gesto, o que fazemos no próximo capítulo.

2 O GESTO EM ESTUDO

Men are created, not with a God-given language, but with a God-given capacity to make signs and sounds, and by the use of these to form a language. (...) We read that Adam named the beasts and birds. But how could he give them names without first pointing them out by other means? (KENDALL, 1864, *apud* ARMSTRONG, 1999, p. 16).

Para um contorno à noção de *língua* à moda de um desenho dos alpes suíços, Saussure afirma ser necessário um ponto de vista específico:

Seria absurdo desenhar um panorama dos Alpes focalizando-o de vários picos do Jura; um panorama deve ser focalizado de um só ponto. O mesmo para a língua; não podemos descrevê-la nem fixar normas sem nos colocarmos num estado determinado (SAUSSURE, 2006, p. 97).

Nesse sentido, para delimitar uma abordagem à noção de *gesto*, nosso foco de estudo, é preciso considerar os vários “Alpes” já desenhados, e eleger um ponto de onde partir. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é fazer uma introdução à área conhecida por *Estudos do Gesto*, tomando-a em perspectiva aos estudos linguísticos das línguas de sinais. No que diz respeito a um estudo específico ao gesto, as diferentes motivações para abordar a gestualidade humana produzem diversificadas e, conseqüentemente, variadas concepções sobre *gesto*. O gesto embasa algumas teorias para a origem da linguagem, está implicado no processo de produção da fala, cumpre um papel na comunicação, constitui as línguas de sinais.

Muitas vezes o fator que motiva a estudar e a pesquisar a gestualidade acaba se tornando um caminho ou o próprio meio para uma abordagem à gestualidade em si. A busca pela reiteração do estatuto linguístico da língua brasileira de sinais, em Frydrych (2013), nos conduziu a olhar para o *gesto* e, uma decorrência desse olhar é que a própria língua de sinais, especificamente, se constitui, para o presente trabalho, um contexto, ou, um “estado determinado” onde se pode considerar a gestualidade.

Susan Goldin-Meadow e Diane Brentari (2017), psicóloga e linguista americanas, referem os movimentos de um pêndulo como figura para ilustrar a constatação de que a pesquisa em línguas de sinais, a partir de 1960, passou por três estágios: o primeiro considerava os sinais da língua não mais que pantomimas ou que uma *linguagem de gestos*; o segundo, num movimento em direção oposta, se atentou para o fato de que os sinais, em muitas dimensões, se parecem com a fala das línguas

orais – um resultado surpreendente, afirmam as autoras, por sublinhar a falta de impacto que a modalidade teria sobre a estrutura linguística – e nesse período, então, os sinais passaram a ser considerados uma língua como qualquer outra³⁰; o pêndulo está tomando, agora no terceiro estágio, uma outra direção, em que a influência da modalidade na estrutura das línguas é atestada, o que conduz a reivindicação de que os sinais são (pelo menos em parte) gestuais. Estudar as línguas, e em específico as de sinais, implica em abordar a gestualidade que lhes é constitutiva, contudo a mesma não se limita ao escopo daquelas, ou seja, a consideração linguística não esgota as abordagens ao gesto. Isso porque, enquanto o pêndulo dos estudos teórico-linguísticos sobre as línguas de sinais se movimenta(va), o *gesto* se tornou um tópico de estudo por direito próprio.

Visando resenhar um panorama à área de estudos do gesto, no presente capítulo pontuamos a diversidade de abordagens nos estudos do gesto (seção 2.1), destacamos algumas definições à noção de *gesto* (seção 2.2), e também examinamos de que forma a noção tem sido mobilizada em relação às línguas orais e às de sinais (seção 2.3). A última seção deste capítulo aponta, por fim, para a necessidade de delimitação de um *locus* ou, de um estado determinado, de onde avistar (ou “*unde exoriar*”) especificamente a possibilidade de abordagem ao potencial linguístico da gestualidade humana (seção 2.4).

2.1 DIVERSIDADE EM ESTUDOS DO GESTO

Uma consulta ao website da Sociedade Internacional de Estudos do Gesto³¹ (ISGS) nos mostra o quão vasto é o campo e que os temas sobre os quais versam os estudos são bastante variados. Há estudos³² sobre a relação entre gesto e fala (oral),

³⁰ Sobre a motivação para pesquisas em línguas de sinais, Leite (2008) afirma que “no esforço de conferir estatuto científico às LSs, algumas características patentes do uso dos sinais, tais como a gradiência, a iconicidade e a motivação foram varridos para debaixo do tapete, em favor de análises que valorizavam a discricção e a arbitrariedade típicas das gramáticas normativas e descritivas tradicionais das LOs. É interessante notar, nesse sentido, que o questionamento sobre o caráter puramente discreto e arbitrário da gramática das LSs não tenha partido do próprio campo, tendo sido impulsionado pelo desenvolvimento de teorias emergentes no âmbito das próprias LOs, em análises sobre a relação entre língua e gesto (e.g. Kendon, 1980; McNeill, 1992) e língua e cognição [...]” (LEITE, 2008, p. 34).

³¹ Link: <http://gesturestudies.com/> acessado em 23/04/2019.

³² Ao leitor interessado em conhecer algumas referências bibliográficas sobre os temas de estudos aqui mencionados sugerimos a consulta à série de publicações da editora John Benjamins, intitulada *Gesture Studies*, disponível no link <https://www.benjamins.com/catalog/gs>. Essa série é editada desde 2007 por Adam Kendon, e conta atualmente com 8 volumes.

sobre o papel que o gesto pode ter na comunicação, em diversas situações de interação sociais, incluindo conversações em contextos de instruções ou em locais de trabalho. Outros estudos versam sobre gesto e cognição; sobre o desenvolvimento do gesto na criança, a respeito do lugar do gesto na aquisição de primeira e segunda línguas; sobre o processo por meio do qual gestos são espontaneamente criados e podem se transformar em formas codificadas; e também sobre a documentação de vocabulários de gestos “citáveis” ou “emblemáticos”. Há estudos acerca da relação entre gesto e sinal; estudos sobre sistemas gestuais ou línguas de sinais, para além das comunidades surdas, tais como aquelas que se desenvolvem em fábricas, em comunidades religiosas ou sociedades tribais; sobre o papel do gesto em rituais de interação variados, tais como saudações, rituais religiosos, civis ou legais. Há também abordagens comparativo-culturais sobre os gestos; outras sobre os gestos na interação social entre primatas, bem como sobre estudos biológicos do gesto, incluindo discussões sobre o lugar do gesto nas teorias sobre a origem da linguagem. Outras pesquisas, ainda, se voltam para os gestos nas interações homem-máquina; e há, também, estudos históricos sobre o gesto, e estudos sobre a historiografia dos estudos do gesto, incluindo discussões sobre o gesto no teatro ou como parte da retórica.

As contribuições para a área dos Estudos do Gesto, portanto, são oriundas de diversas disciplinas tais como a semiótica, a arqueologia, a antropologia, a biologia, os estudos da comunicação, a neurologia, a etnologia, os estudos teatrais, a literatura e as artes visuais, a psicologia cognitiva e a engenharia computacional. Por isso, há quem afirme a natureza interdisciplinar do gesto (STAM; ISHINO, 2011), e daí qualificarmos essa área como grande, ampla.

Adam Kendon³³ é um importante autor para nossa incursão aos Estudos do Gesto. Em um livro publicado no ano de 2004, ele apresenta um abrangente tratamento para o gesto e seu uso em interação tomado em análises de conversações cotidianas, para demonstrar seu variado papel na construção de enunciados. O autor acompanha

³³ Adam Kendon (nascido em 1934, em Londres) estudou botânica, fisiologia, zoologia, e psicologia experimental em Cambridge e em 1963 obteve o prêmio D. Phil de Oxford. Ele trabalhou nos Estados Unidos, na Austrália e na Itália com interações face-a-face, línguas de sinais e gesto. Dentre as suas diversas publicações incluem-se *Sign Language of Aboriginal Australia* (Cambridge, 1988); uma coleção de artigos em *Conducting Interaction* (Cambridge, 1990), e *Gesture: visible action as utterance* (Cambridge, 2004). Ele também publicou uma tradução em inglês do tratado de 1832 de Andrea de Jorio sobre o gesto napolitano sob o título de *Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity* (Indiana, 2000). Ele é o editor chefe da revista *Gesture* (publicada desde 2001 pela editora John Benjamins), e da série de livros *Gesture Studies*, também publicada pela John Benjamins. Tem interesse pelas implicações de gesto e sinal para concepções de linguagem e pelo lugar do gesto nas teorias sobre as origens da linguagem (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7rINjkSLcQ8>).

suas análises com uma extensa discussão sobre a história dos estudos do gesto, bem como explora a relação entre gesto e língua (de sinais), e evidencia como o uso de gestos varia de acordo com diferenças linguísticas e culturais. O autor afirma que o gesto tem atraído o interesse de muitos estudiosos porque ele tende a ser visto como uma forma de expressão universal e natural. Por um lado, apesar de parecer algo espontâneo e criado à moda de um “capricho” dos indivíduos, o gesto parece, por outro, indicar ser regulado e tomado como objeto de convenção social. Kendon aponta que em algumas circunstâncias, de fato, quando a fala oral³⁴ é impossibilitada, quer por razões ambientais, ritualísticas ou fisiológicas, o gesto pode se tornar uma forma de língua completa por si mesma.

O estudo da gestualidade humana, portanto, enseja abordagens especiais na maneira como as formas de expressão individuais são transformadas por processos sociais em códigos comunicativos socialmente compartilhados. Essas questões se tornaram especialmente vivas nos últimos anos com o crescente interesse pelas línguas de sinais, e essa é uma das razões, apontadas por Kendon, de por que o gesto tem atraído cada vez mais interesse de pesquisa.

Outros motivos que justificam o interesse acadêmico pela área dos estudos do gesto estão em que os estudos detalhando a inter-relação entre gesto e oralidade, ao mostrarem como essas duas atividades estão intimamente conectadas, apontam que ambas parecem ser governadas por um único processo; nesse sentido, a consideração do gesto traz nova luz às questões alusivas à relação entre linguagem verbal, imagem e pensamento, e desafia, na opinião de Kendon, os teóricos que tentam construir um modelo para o processo de produção da fala. Além disso, as análises da interação face-a-face (graças também ao constante aprimoramento tecnológico) têm mostrado que o gesto pode ter um papel crucial no processo de comunicação. E ainda outro motivo reside no fato de que, desde a metade do século XX, com o renovado interesse pela questão das origens, principalmente evolutivas, da linguagem, as consequentes retomadas paleontológicas, arqueológicas e neurológicas sobre a comunicação dos primatas mostram a relevância da gestualidade em defesa de uma possível teoria gestual para a origem da linguagem.

³⁴ O termo em língua inglesa para “fala” presente na literatura da área é *speech*. Lembramos que em nossa perspectiva “fala” contém o valor da *parole* saussuriana. Assim, a fala/*parole* não tem compromisso com a oralidade, podendo ser de natureza gestual também. O termo *speech*, será traduzido doravante, em nossa leitura, quando com valor estritamente de “fala oral/vocal”, por “oralidade”. Essa distinção é uma das propostas de desdobramentos para a tese como um todo, mencionada também no capítulo 3.

Com isso, vemos que motivos não faltam para haver, cada vez mais interesse de pesquisa sobre a gestualidade. Conforme apontado por Kendon (2000), o estudo das línguas de sinais constitui nesse ínterim, um dos caminhos para se abordar a gestualidade. Elas são tidas, sob essa perspectiva, como sistemas gestuais autônomos, e, diferentemente da gestualidade no contexto da interação falada oralmente, com a qual o gesto está em relação - ora de alternância, ora de substituição; por vezes coproduzido com a oralidade ou também em relação de conjunção a ela (Kendon, 1996) – tomam o gesto em si mesmo³⁵. Assim, abordar os sistemas gestuais autônomos é um dos dois caminhos; o outro é abordar o gesto, enquanto atividade, em relação à oralidade. Este último é a senda que mais é investigada por Kendon em seus trabalhos e pesquisas.

Em outra publicação, Kendon (1996) aponta que uma das correntes de interpretação ao fenômeno gestual é de que o gesto é apenas um efeito “transbordante” do esforço de falar; ou de que o gesto é como uma “ajuda” para o falante falar; ou ainda que os gestos são determinados pelas escolhas linguísticas que o falante faz ao construir seus enunciados. Para Kendon, porém, o gesto é um modo de expressão distinto e separado da oralidade, que possui propriedades intrínsecas, as quais podem ser trazidas para uma relação cooperativa com um enunciado oral, e assim, os dois modos de expressão – gestual e oral – podem ser usados de forma complementar (KENDON, 1996, p. 3).

Apresentando uma lista de formas pelas quais os falantes empregam o gesto de forma integrada, não alternada, portanto, a enunciados orais, Kendon (1997) ressalta que, com ela, não objetiva propor nem mesmo um começo de tipologia dos gestos, e isso porque, em sua opinião, uma perspectiva tipológica sobre os gestos tende a obscurecer sua complexidade e refino. A lista contém, por exemplo, além da apontação (*pointing*), os gestos como representação de aspectos do conteúdo do enunciado oral, o que McNeill (1992) denomina de “gestos icônicos” (*iconic gestures*); os gestos como o equivalente a um “ritmo visual” à estrutura entoacional da oralidade; também gestos como elemento da retórica do falante (*speech-act marker gestures*), dentre outros. Assim, levando em consideração essas diversas maneiras pelas quais o gesto é empregado, Kendon (1996) sugere que “qualquer projeto sobre gesto deve reconhecer essas múltiplas funções, e um componente importante que deve estar a ele vinculado é

³⁵ Em inglês, a expressão usada nesse caso é “*gesture used alone*” (KENDON, 1996, p. 5).

um mapeamento delas” (p. 8 – tradução nossa)³⁶. Tal empreendimento, complementa ele, é de grande complexidade e sutileza.

O gesto, portanto, pode ser estudado em diversas abordagens e sob diferentes enfoques, pelas mais variadas disciplinas. A bibliografia introdutória para estudos do gesto, compilada por Kendon (1997), sugere cinco subáreas de interesse. Ele ressalva que as discussões e propostas apresentadas nos textos de referência não se limitam à subdivisão temática destacada, e que, por vezes, mais de uma abordagem permeia a reflexão dos pesquisadores. São elas: 1) a história do gesto e a história dos Estudos do Gesto; 2) a relação entre gestualidade e oralidade; 3) as funções do gesto na interação e na comunicação; 4) as abordagens sobre gestos convencionais e sobre a convencionalização dos gestos; e 5) estudos sobre sistemas gestuais independentes à oralidade.

Integram esse quinto enfoque apontado por Kendon os chamados sistemas gestuais autônomos, mencionados anteriormente, que tomam o gesto em si mesmo, na não-concomitância com a oralidade. Nesse grupo se enquadram as línguas de sinais, às quais Kendon (1997) classifica como *línguas de sinais primárias*, que são as línguas de sinais utilizadas nas comunidades de surdos; as *línguas de sinais primárias isoladas*, conhecidas também por “sistemas de sinais caseiros”, que contemplam estudos sobre contextos de isolamento geográfico ou os casos de surdos “isolados” de outros pares surdos; bem como as *línguas de sinais alternativas*, e os sistemas gestuais que são desenvolvidos por ouvintes que os utilizam como alternativa à oralidade, quando esta não é possível ou permitida.

Kendon (2004) denomina esses sistemas de “*kinesic codes*”, o que inclui as línguas de sinais, tanto as desenvolvidas entre os surdos quanto as que são criadas em comunidades de ouvintes, como aquelas em fábricas, monastérios ou em certas sociedades tribais. Em sua análise ele também compara as estratégias comuns entre os ouvintes quando usam o gesto comparadas àquelas encontradas nas falas em línguas de sinais. Kendon defende, como veremos mais adiante, que há uma *continuidade* entre gesto e *sinal*, no sentido de que, numa língua de sinais, um *sinal* seria a especialização máxima de um *gesto*. Isso contribui para o entendimento de que haveria uma “continuidade” entre os mais variados tipos de sistemas de expressão simbólica, do mais simples ao mais complexo. Nesse sentido, para Kendon, a linguagem, quando pensada

³⁶ No original: I think that any gesture project must recognize these multiple functions and an important component of what it should be engaged in is to map these out.

em termos estritamente linguísticos, quer falada, escrita ou sinalizada, seria então um ponto de chegada no *continuum*³⁷ dos sistemas de expressão simbólica (KENDON, 2004).

A partir do século XVIII, em uma perspectiva histórica, alguns temas em relação à gestualidade se fizeram presentes em diferentes estudos: a natureza universal e primitiva do gesto; a possibilidade de o gesto ser um tipo de ponte para as formas arbitrárias das línguas orais; o papel crucial do gesto em teorias sobre as origens da linguagem; e o significado das línguas de sinais para entender a relação entre pensamento e linguagem são alguns desses temas. Publicações tais como as de John Bulwer (1644), Diderot ([1751] 1916), Andrea de Jorio ([1832] 2000), Tylor (1865), e Wundt ([1921] 1973) são mencionados por Kendon (2004) em uma revisão histórica às diversas abordagens à gestualidade. Ao se atentarem, estudarem, descreverem e analisarem os gestos e seus significados, esses pesquisadores percebiam similaridades com a fala oral, e por isso os tomavam por “complementar” a ela, e os consideravam relevantes a uma explicação sobre o surgimento da linguagem. Suas abordagens teóricas, contudo, eram bastante distintas.

Apesar de no final do século XIX um alto nível de compreensão sobre a natureza e a significação do gesto ter sido alcançada, nesse mesmo período, Kendon (2004) aponta que houve um declínio em relação ao interesse pelo gesto e pelas línguas de sinais, pelo menos no mundo anglófono, bem como pela questão das origens da linguagem. Uma das razões para esse declínio, foram as mudanças que ocorreram na ideologia da educação de surdos no final do século XIX, e que levaram ao abandono em larga escala da língua de sinais como meio de instrução, e até a sua completa proibição em contextos escolares, nas salas de aula e nas áreas de recreação/lazer inclusive. As resoluções aprovadas no II Congresso Internacional de Instrutores de Surdos e Mudos, ocorrido no ano de 1880 em Milão, contribuíram para que a língua de sinais passasse a ser vista como algo menos importante que uma língua e por isso, não mereceria atenção séria. Apesar de, muitos anos depois, em 1960, William Stokoe ter publicado sua análise linguística pioneira sobre a Língua de Sinais Americana, outros trabalhos sérios sobre o tópico foram mais demorados na sequência àquele, e mais ou menos dez anos se passaram antes que seu trabalho fosse aceito e difundido: “o estudo da língua de sinais

³⁷ O “*Continuum* de Kendon”, termo cunhado por McNeill (1992), será apresentado ainda nesse mesmo capítulo, bem como a problematização feita a ele por pesquisadores das LSs (como Dominique Boutet *et al.*, 2010).

não começou sua maior expansão antes de 1975” (KENDON, 2004, p. 63 – tradução nossa)³⁸.

No século XX houve como que uma recessão e um retorno aos estudos do gesto. Em 1914, por exemplo, Leonard Bloomfield, linguista norte-americano, segue a perspectiva de Wundt e considera o gesto como instrutivo para compreender a origem da expressão simbólica. Enquanto no século XIX, por influência da teoria de Darwin, o conhecimento que se tinha de culturas primitivas se tornou disponível em termos “evolutivos”, no século XX, a tendência foi o empreendimento de análises de cunho estrutural funcional das sociedades, na forma da doutrina do relativismo cultural, isto é, as “culturas primitivas” não foram mais consideradas um estágio anterior da evolução humana. Nesse ínterim, um ponto de vista histórico evolutivo sobre o gesto não era mais pertinente. Caberia, talvez, um ponto de vista linguístico ou psicológico; contudo, afirma Kendon, “essas disciplinas não se desenvolveram de forma hospitaleira ao estudo do gesto” (KENDON, 2004, p. 64 – tradução nossa)³⁹.

Segundo Kendon, considerando-se a orientação semiótica dada ao gesto pelos trabalhos de De Jorio, Tylor, Mallery e Wundt⁴⁰, talvez fosse esperado que alguns linguistas tivessem desenvolvido algum interesse, mas, de fato, poucos o tiveram. Ainda segundo o autor, “a linguística como uma disciplina autônoma emergiu nas primeiras duas décadas do século vinte, separadamente na Europa e nos Estados Unidos”⁴¹ (KENDON, 2004, p. 65 – tradução nossa)⁴². Ele cita então alguns linguistas

³⁸ No original: The study of sign language did not begin its major expansion until after 1975.

³⁹ No original: (...) these disciplines, also, did not develop in a way that was to be hospitable to the study of gesture (...).

⁴⁰ É interessante notar que cada um desses pesquisadores tinha uma formação distinta: Wundt era um psicólogo experimental; Mallery, um militar explorador/etnógrafo; Taylor era um antropólogo, e De Jorio um etnógrafo arqueólogo, e as motivações para o estudo dos gestos, no âmbito de sua área de formação, correspondeu a suas áreas de atuação.

⁴¹ Para sua abordagem, especificamente quanto a história do estudo do gesto, Kendon diz que “é o crescimento da linguística nos Estados Unidos que parece ser mais relevante”, e complementa que lá “(...) o que se tornou conhecido como “linguística estrutural” ou “linguística descritiva” se tornou dominante” (KENDON, 2004, p. 65 – tradução nossa). Cabe mencionar aqui, a título de curiosidade, no que diz respeito ao desenvolvimento da linguística americana, as palavras de Isaac Nicolaum Salum, no prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*: “É bem certo que a Linguística americana moderna surgiu sem especial contribuição de Saussure; não deixa, porém, de causar espécie a onda de silêncio da quase totalidade dos linguistas americanos com relação ao *Cours*. Bloomfield, fazendo em 1922 a recensão da *Language* de Sapir, chama o *Cours* “um fundamento teórico da mais recente tendência dos estudos linguísticos”, repete esse juízo ao fazer a recensão do próprio *Cours*, em 1924, fala em 1926, do seu “débito ideal” a Sapir e a Saussure, mas não inclui o *Cours* na bibliografia de sua *Language*, em 1933. Como a Linguística norte-americana teve desenvolvimento próprio, isso se entende. Mas é conveniente que numa edição brasileira do *Curso* se note o fato, para que nossos estudantes não sejam tentados a “superá-lo” sem tê-lo lido diretamente” (SAUSSURE, 2006, p. XV).

⁴² No original: Linguistics as an autonomous discipline emerged in the first two decades of the twentieth century, separately in the Europe and the United States.

pesquisadores que mencionaram, lidaram ou analisaram o gesto, nos desenvolvimentos da linguística americana, e afirma que

é bem possível que os programas que Trager (1958), Birdwhistell (1952; 1970) e outros estavam propondo pudessem ter sido levados adiante, e teriam acarretado um corpo de trabalhos sistemáticos que teriam providenciado um lugar na linguística para o estudo do gesto, não tivesse sido o redirecionamento do interesse de muitos da linguística e disciplinas relacionadas, ocasionado pelo trabalho de Noam Chomsky (de 1957 em diante) (KENDON, 2004, p. 68 – tradução nossa)⁴³.

Paralelamente ao desenvolvimento da linguística nos Estados Unidos, à época em que as gravações de áudio e as tecnologias de gravação audiovisual sincrônica se tornaram disponíveis e baratas o suficiente, no fim dos anos 1940, para permitir que estudantes do comportamento humano delas fizessem uso, surgia um conceito que se tornaria bastante corrente: comunicação *não-verbal*. Psicólogos e psiquiatras, em meados de 1955, analisando filmagens de sessões clínico-terapêuticas, se atentaram para a multimodalidade da comunicação humana. Isso, como destaca Kendon (2004), foi crucial para um retorno aos estudos do gesto. Algum tempo depois, em meados de 1970, a questão da origem gestual da linguagem foi retomada; também, com o reconhecimento do status linguístico das línguas de sinais essa modalidade de língua passou a ser cada vez mais estudada; e, o advento ainda, da psicolinguística, para a qual a manifestação gestual na comunicação enquanto processo cognitivo também se tornou relevante, contribuíram para esse retorno aos estudos do gesto.

Frente aos desdobramentos dos estudos do gesto ao longo da história, Kendon afirma que,

(...) apesar do crescimento da linguística por um lado, e de um aumento no interesse ao que concerne a comunicação, especialmente não-verbal, de outro, o gesto permaneceu amplamente não estudado porque ficou sem um quadro teórico no qual pudesse ser de fato abordado (KENDON, 2004, p. 72 – tradução nossa)⁴⁴.

Se considerarmos que o foco da linguística esteve principalmente sobre línguas orais e a escrita, e que, no caso da abordagem específica de base chomskiana, esse foco

⁴³ No original: It is possible that the programme that Trager, Birdwhistell and others were proposing might have brought about a body of systematic work that would have provided a place in linguistics for the study of gesture, had it not been for the redirection of interest of many in linguistics and related disciplines brought about by the work of Noam Chomsky (from 1957 onwards).

⁴⁴ No original: (...) despite the growth of linguistics, on the one hand, and a greatly increased concern with communication, especially nonverbal communication, on the other, gesture remained largely unstudied because it was left without a theoretical framework into which it could be fitted.

foi sobre enunciados idealizados abstraídos de seu uso real, conforme afirma Kendon (2004), a relação entre gesto e fala oral permaneceu obscura. Considerando também a separação dicotômica entre comunicação verbal e não-verbal, a atenção no campo da psicologia esteve voltada para aqueles aspectos do comportamento humano que contribuíam para a manutenção ou mudança nas interações ou relações, ou que se pensava revelavam atitudes e características pessoais, e que não são reveladas por meio do estudo do que é produzido oralmente. Kendon afirma que, nesse contexto, parecia também não caber o estudo do gesto. É como se o estudo do gesto, em sua longa história interdisciplinar, “tivesse caído entre dois assentos” (KENDON, 2004, p. 72 – tradução nossa)⁴⁵.

Frente a esse resumido panorama histórico aos estudos do gesto, vimos quão diversificadas foram as abordagens feitas, e algumas consequências ao desenvolvimento do campo devido à ausência de um quadro teórico onde o gesto pudesse ser situado. Mesmo assim, à semelhança do que ocorre com a linguagem (SAUSSURE, 2006, p. 14), do gesto “toda a gente dele se ocupa, pouco ou muito”. Justamente devido à essa diversidade em estudos do gesto é que podemos concordar com Jean-Loup Rivière (1987), dramaturgo e crítico de teatro francês que, como veremos na próxima seção, aponta para a impossibilidade de criação do que poderia ser considerado uma “ciência do gesto”. Sendo assim, podemos apenas contornar diferentes definições para *gesto*.

2.2 DELINEANDO ALGUMAS DEFINIÇÕES DE *GESTO*

Apesar das diversas frentes de detalhamento de análise do gesto possibilitadas principalmente pela tecnologia moderna, Kendon (2004) afirma que falta um aparato conceitual adequado para tratá-lo. Diante dessa falta, o autor explicita definições para os conceitos que mobiliza. Na abordagem proposta por ele, “gesto (...) é o nome dado à ação visível quando usada como enunciado ou parte de um enunciado” (KENDON, 2004, p. 7 – tradução nossa)⁴⁶. Um enunciado⁴⁷ (*utterance*), por sua vez, é todo “o conjunto de ações que vale para outros como uma tentativa do “ator” em “dar” algum

⁴⁵ No original: It thus fell between two stools.

⁴⁶ No original: Gesture (...) is a name for visible action when it is used as an utterance or as a part of an utterance.

⁴⁷ Para Kendon, “um enunciado é uma unidade de atividade que é tratada por aqueles co-presentes como um ‘movimento’, ‘turno’ ou ‘contribuição’ comunicativa” (KENDON, 2004, p. 7). Essa definição nos remete à noção de *parole* saussuriana, a qual implica a díade *falante-ouvinte*.

tipo de informação. *Gesto*, portanto, é o nome dado à ação corporal visível que tem um papel⁴⁸ a desempenhar nas unidades de ação comunicativa.

Nesses termos, nem todas as ações corporais visíveis são consideradas *gesto*. A palavra “gesto” não é comumente empregada para referir movimentos que as pessoas fazem quando estão nervosas, tais como mexer nos cabelos, ajeitar a roupa ao corpo, manipular repetidamente acessórios, como brincos e anéis. Apesar de frequentemente revelarem ou, algumas vezes serem lidos por outros como sintomas de humor ou sentimentos de alguém, eles não são, via de regra, referidos como *gesto*, mesmo que nas interações comuns esses movimentos tendam a serem designados ou tratados como habituais ou involuntários. Outros tipos de ações práticas que podem ocorrer nos contextos de interação face-a-face, tais como fumar, beber, etc, não são usualmente consideradas *gesto*, apesar de servirem para regular a interação, afirma Kendon.

Em comparação à oralidade, a qual é uma “atividade altamente especializada e que parece ser sempre reconhecida, quer a língua empregada seja entendida ou não” (KENDON, 2004, p. 7 – tradução nossa)⁴⁹, os elementos que determinam se uma ação corporal visível é reconhecida como parte de um enunciado merece algum exame. Nesse sentido, quando alguém abre a boca/solta a voz, mesmo que não distingamos valor para os significantes, não duvidamos que ele o faça para falar, para veicular significação. Agora, quando vemos alguém se movimentando, cabe o questionamento se aquela movimentação vai ser uma fala ou não. É interessante perceber que quando alguém começa a aprender Libras, por exemplo, a maioria dos movimentos corporais que qualquer pessoa faça salta aos olhos do aprendiz, e a tendência é supor que são todos significantes, e que a movimentação seguirá constituindo signos linguísticos da Libras. Mas, na maioria das vezes, não.

Para Kendon, *gesto* é a ação corporal visível que potencialmente implica sentido, é intencionada para o sentido, e não para o contexto da interação, por exemplo, para regular a interação. Quem reconhece se a ação corporal visível é intencionada como comunicativa ou não são os participantes da interação. No entanto, para que uma ação corporal seja reconhecida como um *gesto*, segundo Kendon, é necessário que ela

⁴⁸ Cabe mencionar, se entendermos a noção de “papel”, aqui referida, como equivalente à de “função”, a perspectiva da linguista francesa Julia Kristeva (1968) quando afirma que “a aceitação da gestualidade como *prática* introduzida na reflexão sobre os sistemas semióticos, diz respeito a dois pontos: 1. a definição da *função* de base do gesto (não se diz mais “unidade” de base); 2. a diferenciação prática-produtividade/comunicação-significação” (p. 51 – tradução nossa).

⁴⁹ No original: Speech is a highly specialized activity and it seems always to be recognized, whether or not the language employed is understood.

manifeste indícios, indícios de deliberada expressividade: “gestos são aqueles movimentos que apresentam esses traços (...) em um grau bem óbvio” (KENDON, 2004, p. 14 – tradução nossa)⁵⁰. Ou seja, esses movimentos têm o propósito de manifestar expressividade, mais do que servir a um objetivo prático (fisiológico, por exemplo). Os *gestos* têm certos traços que os distinguem de outros tipos de atividades (tais como ações práticas, ajustamentos posturais, mudanças de orientação, auto manipulação, etc) e são as ações percebidas como produzidas para “dizer algo”.

Kendon (1996), seguindo a proposta de Schegloff (1984), detalha um pouco mais a noção de *gesto*, ao afirmar que *gestos* são “excursões”, no sentido de que as frases de ação, reconhecidas como *gesto*, se movem a partir de uma posição de descanso e sempre retornam para ela. Ele afirma também que essas excursões sempre tem um centro, o que seria o cerne da frase gestual, ou o equivalente ao que o movimento “faz” ou o que ele significa/representa/quer dizer⁵¹. Ainda, ao propor uma “morfo-cinética” do gesto, em abordando as diferentes formas dos gestos, Kendon afirma que as frases de ação reconhecidas como *gesto* tem conteúdo, no sentido de que nelas vemos muitas variedades de forma de movimento, mudanças de ponto de articulação, tipo de configuração de mão, e que mesmo sendo variáveis, de um falante para outro, esses elementos são padronizados e consistentes, ou seja, os falantes são de certa forma, consistentes no que fazem gestualmente (KENDON, 1996). Nesse sentido, pode-se falar na existência de um “estilo gestual”, por exemplo, e analisá-lo em diferentes culturas, de forma a examinar diferentes padrões gestuais⁵².

Buscando verificar a possibilidade de descrever os traços (*features*) das ações que são tratadas como *gesto*, Kendon (1978) realizou um estudo em que visava responder à questão: quais características uma ação deve ter para ser tratada como *gesto*? (KENDON, 2004, p. 10). A resposta encontrada é que ela deve apresentar traços de expressividade deliberada⁵³, que é diferente das ações naturais, ou dos movimentos práticos. Do estudo realizado por Kendon, “o que restou saliente aos observadores da

⁵⁰ No original: What is normally called ‘gesture’ are those movements that partake of these features (...) to an obvious degree.

⁵¹ Essa constatação nos remete ao recorte, delimitação da unidade. Metodologicamente falando, isso é decisivo à análise linguística.

⁵² O trabalho de Jorio (2000) sobre o gesto napolitano aponta justamente isso: o aspecto cultural da gestualidade na região italiana de Nápoles.

⁵³ No original: “features of manifest deliberate expressiveness”; optamos por traduzir *features* por “traços”, tal como consta na tradução para língua portuguesa do texto de Roman Jakobson, *Seis lições sobre o som e o sentido*, de Moraes Editores, Lisboa: “distinctive features” por traços distintivos (JAKOBSON, 1977, p. 69).

experiência foi aqueles movimentos que compartilhavam certos traços que se identificavam ao observador como deliberados e, nesse caso, intencionados como comunicativos” (KENDON, 2004, p. 13 – tradução nossa)⁵⁴.

Para Kendon (1996), os gestos, assim como os enunciados falados oralmente, são ações voluntárias: “As pessoas se engajam na gestualidade, assim como elas se engajam na oralidade, como parte integrante de seus esforços para ‘dizer alguma coisa’, para se envolver de alguma maneira explícita, disposta, na interação social” (KENDON, 1996, p. 8 – tradução nossa)⁵⁵. Nessas ações, se o aspecto “movimento” é primordial, o processo de percepção do movimento é mais importante ainda. Isso porque, segundo Kendon (2004) a expressividade deliberada, que é mostrada na gestualidade, é manifesta e é percebida diretamente: ela não requer um processo dedutivo, e isso conduz à inferência de uma intenção. De acordo com o autor, a intencionalidade - e não a intenção, propriamente dita - de uma ação é diretamente perceptível, ou seja, é a qualidade da ação enquanto intencional que é diretamente percebida. Assim sendo, uma ação que é um *gesto* tem uma aparência imediata de intencionalidade, e, nesse sentido, “*gesto* é o rótulo para esses tipos de ações que manifestam traços de expressividade deliberada” (KENDON, 2004, p. 15 – tradução nossa)⁵⁶.

Ele afirma ainda que, numa interação, há ações de ‘*background*’ e de ‘*foreground*’, e que na hierarquia atencional, ‘*vocalization*’ e a fala oral são especialmente orientadas e tomam um tipo de primeiro lugar. Assim como um ouvinte percebe a fala, quer compreendida ou não como uma ‘figura’, não importa qual fundo (*ground*) talvez seja, e da mesma forma que a fala é sempre tomada como intencional e completamente intencionada comunicativamente, assim também é sugerido que os movimentos gestuais são feitos de forma a terem certas características dinâmicas: eles são percebidos como ‘figuras’ contra o ‘fundo’ de outro movimento, e esses movimentos são considerados como completamente intencionais e intencionalmente comunicativos (KENDON, 2004, p. 13). Quanto mais um movimento compartilha esses traços de expressividade deliberada, mais parece que ele ganha um status privilegiado na atenção do outro e é visto como parte do esforço de veicular sentido

⁵⁴ No original: (...) what stood out for them as salient and worth reporting were those movements that share certain features which identify them for the observer as deliberate and, in this case, intended as communicative.

⁵⁵ No original: “People engage in gesture, as they engage in speech, as part and parcel of their effort to ‘say something’, to engage in some explicit, willing, fashion in the give and take of social interaction”.

⁵⁶ No original: ‘Gesture’ we suggest, (...) is a label for actions that have the features of manifest deliberate expressiveness.

(*convey meaning*) (KENDON, 2004, p. 13). A palavra ‘gesto’ tende a ser usada para esses movimentos.

De acordo com Kendon, os participantes da interação são capazes de reconhecer, simplesmente pela forma como uma ação é feita, se ela é intencionada como comunicativa ou não:

(...) o julgamento da intencionalidade de uma ação diz respeito a como ela parece para os outros, e não é uma questão relativa a algum processo misterioso pelo qual a ou as intenções por si mesmas talvez guiem a ação a seu reconhecimento. (KENDON, 2004, p. 15 – tradução nossa)⁵⁷.

Como as ações, que variam nos termos dos traços de expressividade deliberada manifesta, são interpretadas, contudo, vai depender do contexto. O que pode ser um *gesto* numa circunstância, pode ser um *movimento acidental* em outra, no entendimento de Kendon. *Gesto* portanto, não pode receber uma definição que seja independente de como os participantes em qualquer situação tratam o fluxo de ações uns dos outros: “o que será contado como intencionalmente expressivo e tratado como tal pode variar de uma situação para outra” (KENDON, 2004, p. 15, 16 – tradução nossa)⁵⁸. Seja como for, fato é que há um centro de fenômenos de movimentos corporais visíveis que são geralmente referidos como *gesto*: “independentemente das tentativas de classificação e apesar dos diferentes nomes que possam ser usados, parece evidente que as pessoas tratam o comportamento distinto dos outros de uma forma altamente similar” (KENDON, 2004, p. 16 – tradução nossa)⁵⁹.

Na ausência ou, frente à dificuldade de se elaborar definições ou, ainda, dada a heterogeneidade de abordagens distintas à materialidade gestual, algumas tentativas de classificações visam dar conta de estabelecer contornos teóricos à noção de *gesto*, e desse procedimento surgem diferentes metodologias/enfoques para lidar com o gesto. Propostas para uma classificação da gestualidade surgem da compreensão que se tem da função do gesto. Há que se respeitar essa configuração, esse quadro de onde ela surge. Na opinião de Kendon, Wundt (1973), Efron (1941), Ekman e Friesen (1969) e McNeill (1992), são os autores do século XX que mais influenciaram as pesquisas sobre gesto com as classificações que propuseram.

⁵⁷ No original: (...) the judgment of an action’s intentionality is a matter of how it appears to others and not a matter of some mysterious process by which the intention or intentions themselves that may guide an action may be known.

⁵⁸ No original: What will be counted as intentionally expressive and treated as such may vary from one situation to another.

⁵⁹ No original: Though different names may be used, it seems evident that people treat each other’s behaviour differentially in a highly similar fashion.

O esquema abaixo, que elaboramos com base na resenha feita por Kendon (2004) ao trabalho de classificação dos gestos por diferentes pesquisadores, visa apresentar de forma sintética os elementos/aspectos da gestualidade levados em conta nos variados enfoques de estudo sobre o gesto:

AUTOR(ES)	DESIGNAÇÃO	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
Engel (1785) e Austin (1802)	Gestos	<ul style="list-style-type: none"> Descritivos Expressivos Indicativos 	<ul style="list-style-type: none"> Intencionais Figurativos Fisiológicos
Wundt (1873) * Classificou apenas os movimentos das mãos	Gestos	<ul style="list-style-type: none"> Demonstrativos Descritivos 	<ul style="list-style-type: none"> Mímicos Conotativos Simbólicos
Efron (1941) * Classificou os movimentos das mãos e braços	Gestos	<ul style="list-style-type: none"> Espaço-temporais (movimento) Inter-locucionais (interação) Linguísticos 	<ul style="list-style-type: none"> Gestos com sentido lógico (mais abstrato) ou discursivo, dependentes da oralidade. Gestos com significado objetivo; que produzem sentido independentemente da oralidade: <ul style="list-style-type: none"> → Dêiticos; → Fisiográficos: <ul style="list-style-type: none"> • Iconográficos • Cinematográficos Gestos simbólicos ou emblemáticos
Ekman e Friesen (1969)	Comportamento não-verbal	<ul style="list-style-type: none"> Emblemático Ilustrativo Que afeta a exibição Reguladores Adaptadores 	<ul style="list-style-type: none"> Condutores Ideográficos Movimentos dêiticos Movimentos espaciais Cinematográficos Pictográficos
McNeill (1992)	Gesticulação	<ul style="list-style-type: none"> Imagética Não-imagética 	<ul style="list-style-type: none"> Gestos icônicos Gestos metafóricos Gestos de apontamento/ dêiticos Gestos rítmicos

Figura 4: Tabela com classificações de *gesto* (Fonte: a autora, com base no Capítulo 6 de Kendon (2004))

Como se pode depreender do exposto no esquema acima, Engel e Austin propõem sua classificação entre gestos significativos e gestos não-significativos. Wundt classificou apenas os movimentos das mãos. Efron considerou os movimentos das mãos e dos braços, e foi o primeiro a tentar lidar com a relação entre gesto e oralidade. Para ele o estilo no/de gesto é uma questão cultural; não é biológica. Ekman e Friesen se valeram dos aspectos origem, uso e codificação ao analisarem o “comportamento não-verbal” em suas cinco categorias. Sobre o trabalho desses últimos, segundo Kendon,

Quanto mais atentamente alguém lê esse famoso artigo, mais confuso ele parece ser. Ele é repleto de interessantes pontos teóricos, mas a tentativa de enquadrar tal diversidade do fenômeno em uma categoria esquemática a qual, tal como os autores tentam fazer, eles como que reconhecem não ser possível fazer, cria um tipo de nebulosa mental (KENDON, 2004, p. 97 – tradução nossa)⁶⁰.

McNeill, por sua vez, é interessando nas áreas de psicologia e linguística, especialmente sobre os fundamentos cognitivos da linguagem. Para ele, gesto e oralidade são inseparáveis no enunciado, o que prova ao analisar narrações. Apesar dos diferentes termos empregados nas classificações propostas pelos autores acima mencionados, por vezes a noção implicada pelo termo é comum às abordagens:

As *batidas* de McNeill lembram os *bastões* de Efron e Ekman e Friesen, e alguns dos gestos *não significativos* de Austin. O reconhecimento de McNeill de que existem gestos que expressam *imagens* nos lembra da ampla classe de gestos *representativos* de Wundt ou dos gestos *pictográficos* e *kitográficos* distinguidos por Efron e Ekman e Friesen. No entanto, o conceito de McNeill de gesto *metafórico* parece não ter sido formulado desta forma antes, a menos que possamos entender a noção de Engel de gestos *figurativos* ou *análogos* como tendo algumas semelhanças com ele (KENDON, 2004, p. 100 – tradução nossa; grifos no original)⁶¹.

Em linhas gerais as classificações dividem os gestos entre dois grupos: 1) os que se referem a objetos por meio do apontamento a eles; e 2) os que caracterizam os

⁶⁰ No original: The more carefully one reads this famous paper, the more confused and confusing it seems to become. It is full of interesting theoretical points but the attempt to fit such a diversity of phenomena into a category scheme which, even as the authors try to do so, they half-recognize is not really possible, creates a sort of mental fog.

⁶¹ No original: McNeill's *beats* recall Efron and Ekman and Friesen's *batons* and some of Austin's *non-significant* gestures. McNeill's recognition that there are gestures that express *images* reminds us of Wundt's broad class of *depictive* gestures or of the *pictographic* and *kitographic* gestures distinguished by Efron and Ekman and Friesen. However, McNeill's concept of the *metaphoric* gesture appears not to have been formulated in this way before, unless we can understand Engel's notion of *figurative* or *analogous* gestures as having some similarities to it.

objetos de alguma forma descritiva à imagem. Kendon, indica também que as dificuldades e perigos inerentes a uma abordagem tipológica talvez possam ser suplantados por uma abordagem que não tente dispor os tipos gestuais em categorias mutuamente exclusivas, e propõe, então, que uma maneira de os abordar seria considerar as diferentes dimensões nas quais os gestos podem ser comparados.

Em um artigo publicado em 1988, Kendon sugere que muitas das propriedades que foram propostas como traços distintivos ao meio oral – tais como a composicionalidade e as formas lexicais – não são específicas ao meio vocal, mas podem ser encontradas no gesto. O gesto pode, segundo Kendon, adquirir essas propriedades também. Em uma interpretação a esse artigo, McNeill (2000) propõe o que denomina como “*continuum* de Kendon”, no qual sugere que quatro categorias de gesto se encontram dispostas. Contrastados em termos de como se relacionam com a oralidade (*speech*), até que ponto eles têm propriedades linguísticas, seu nível de convencionalização, e como se contrastam em termos de propriedades semióticas (KENDON, 2004, p. 106), os quatro tipos de gesto - 1) Gesticulação; 2) Pantomima; 3) Emblema; e 4) Língua de sinais - podem ser vistos no *continuum* tal como no esquema abaixo, extraído de Müller (2018):

	gesticulation	pantomime	emblems	sign language
1	obligatory presence of speech	obligatory absence of speech	optional presence of speech	obligatory absence of speech
2	linguistic properties absent	linguistic properties absent	some linguistic properties present	linguistic properties present
3	not conventionalized	not conventionalized	partly conv.	fully conventionalized
4	global and synthetic	global and analytic	segmented and synthetic	segmented and analytic

Figura 5: Representação ao *continuum* de Kendon (Fonte: MÜLLER, 2018, p. 8)

Por não ser nosso objetivo aqui empreender uma análise específica ao “*continuum* de Kendon”, mas apenas contextualizá-lo em relação às propostas de classificação aos gestos, não nos deteremos em discuti-lo. Podemos dizer que a formulação de McNeill ao mesmo tempo em que possibilita que não se tome o gesto

como um todo, evidenciando que há diferentes tipos de gestos, e que, conseqüentemente, cada um pode ser abordado em uma determinada perspectiva teórica, com a gradação sugerida pelos critérios, sua classificação se torna bastante discutível. Primeiro porque diferenciar os gestos tendo por base a *obrigatoriedade* da presença ou ausência da oralidade (*speech*) é um critério que exclui a possibilidade de integração entre gestualidade e oralidade. Segundo, porque “propriedades linguísticas” são sempre passíveis de serem identificadas nas mais variadas formas de manifestação gestual, e inclusive de regularem sua ocorrência; de nosso ponto de vista, a diferenciação linguístico/não-linguístico é mais radical do que a “gradual” sugerida por McNeill, e está diretamente ligada à significação da língua, como apresentaremos no capítulo 3. Além disso, o terceiro critério, convencionalização, é diretamente ligado ao caráter linguístico; sendo assim, tal critério não subsidia por si só a distinção pretendida.

Cabe ressaltar que “o *continuum* foi útil como um caminho para definir seu [de McNeill] domínio particular de interesse – o qual é o ‘gesto’ como encontrado na extremidade esquerda do continuum ou, ‘gesticulação’ como a denominou Kendon” (KENDON, 2004, p. 104 – tradução nossa)⁶². Nesse sentido, o fato de ele considerar e distinguir dessa ‘gesticulação’ o estatuto das línguas de sinais é algo positivo. No entanto, como bem apontam Boutet, Sallandre e Fusellier-Souza (2010) em um artigo que questiona os elementos em suspenso no continuum, os emblemas e a pantomima, através da teoria das Estruturas de Grande Iconicidade (SGI, proposta por Cuxac, 2000), as línguas de sinais não são um resultado semiológico gestual, ou um ponto de chegada que se alcança pelo “continuum”, mas são um “condensado, uma verdadeira precipitação dos fenômenos em suspenso no continuum” (BOUTET et al, 2010, p. 74 – tradução nossa)⁶³. As línguas de sinais, por essa perspectiva, não se “tornam” – como o continuum de Kendon indica – mas elas “são”.

Do exposto até aqui podemos concluir com Kendon que “os humanos tem ao seu dispor o meio gestual que pode ser usado de diferentes formas e do qual muitas formas diferentes podem ser estilizadas” (KENDON, 2004, p. 106 – tradução nossa)⁶⁴, e que, dada a natureza do gesto como uma forma de expressão humana, não é possível estabelecer categorias/classificações permanentes que representarão essencialmente as

⁶² No original: The continuum was useful as a way of defining his particular domain of interest – which is ‘gesture’ found at the extreme left end of the continuum, or ‘gesticulation’ as Kendon once called it.

⁶³ No original: Les LS ne constituent pas un aboutissement sémiologique gestuel mais un condensé, un véritable précipité des phénomènes em suspens dans le “continuum”.

⁶⁴ No original: Humans have at their disposal the gestural medium which can be used in many different ways and from which many different forms of expression can be fashioned.

distintas formas de comportamento expressivo. Apesar das diferentes terminologias e ênfases de análise, há um entendimento comum em relação aos diferentes modos pelos quais o gesto é usado:

(...) gestos podem ser usados para apontação; para representar através de algum tipo de descrição ou encenação, algo que é relevante ao conteúdo referencial do que está sendo dito; e há funções nos gestos que estão ligadas às marcações ou posicionamentos de aspectos da estrutura lógica do discurso de um falante (KENDON, 2004, p. 107 – tradução nossa)⁶⁵.

No que diz respeito ao esforço em classificar os gestos, cabe ainda fazer menção à crítica apontada por Rivière, no verbete *gesto* da Enciclopédia Einaudi (1897), quanto ao estabelecimento de classificações antes mesmo que se teça uma definição para o termo:

Em vez da definição que estabelece fronteiras, um campo de ação, uma estrutura, encontra-se o catálogo dos predicados que figuram, distinguem, modulam, mas sempre empiricamente. É que o *nome* da definição separa e isola, enquanto o *adjetivo* abre para a indefinição (...). A precipitação em classificar os gestos também é a pressa de os fazer escapar ao não-sentido (RIVIÈRE, 1987, p. 13).

Ainda, como afirma Rivière, “a concepção do gesto corresponde às necessidades de uma configuração ideológica exata” (RIVIÈRE, 1987, p. 12). Assim, perguntamos qual configuração ideológica permearia hoje, no século XXI, a pesquisa linguística em línguas de sinais/gestualidade. Vimos que, para Kendon, uma ação que é gestual tem uma aparência imediata de gestualidade. Isso significa que um movimento tendo essa aparência será discriminado e reconhecido como tal diretamente. Um movimento tem que ser percebido como *gesto*, não apenas como “(...) feito unicamente pela influência da gravidade” (KENDON, 2004, p. 14 – tradução nossa)⁶⁶. Uma especificação de quais formas e padrões de movimento são requeridos para que um gesto seja discriminado permanece, contudo, um problema para mais pesquisa.

Cabe aqui destacar a leitura também de Rivière quanto às tentativas de classificação dos gestos:

Além do fato de essas classificações, que poderiam definir-se como pré-semiológicas, serem muito redutoras, é preciso notar que um gesto pode

⁶⁵ No original: (...) gestures may be used in pointing, for representing through some form of depiction or enactment something that is relevant to the referential content of what is being said, and many have recognized that there are also important functions for gesture in respect to marking up or displaying aspects of the logical structure of the speaker’s discourse.

⁶⁶ No original: (...) that the movement is not made solely under the influence of gravity.

pertencer a várias categorias e que aquilo que se descreve não é tanto o gesto como o contexto. Registrem-se, apesar de tudo, tentativas para distinguir os gestos baseados na intenção, ou não, de significar. Mas o significado de um gesto não depende certamente da intenção. Há, apesar de tudo, nestas classificações a intuição de que o gesto supõe sempre uma situação de interlocução e que não é redutível, simplesmente, à comunicação. O gesto dirige-se sempre a um outro, real ou imaginário, mediata ou imediatamente; (...)” (RIVIÈRE, 1987, p. 14).

Para ele, por fim,

Antes de ser funcional, comum ou estético, *o gesto é aquilo que aliena ao homem uma parte do seu corpo para o mergulhar na rede significativa da socialidade*. Assim, para se perceber a natureza do gesto, é preciso analisar a forma como as sociedades organizam, mascaram ou reavivam esta alienação. Como diz Christian Metz⁶⁷, poderemos classificar os gestos quando conhecermos melhor o gesto” (RIVIÈRE, 1987, p. 14 – grifos nossos).

A afirmação de Rivière, quanto ao gesto ser aquilo que “aliena ao homem uma parte de seu corpo”, remete a uma desnaturalização do corpo em relação ao que ele chama de “rede significativa da socialidade”, ao simbólico da experiência humana. Para ele, ainda, “é o *impacto do simbólico* no sujeito que autoriza a falar em gesto, ou seja, algo diverso de um movimento comportamental” (RIVIÈRE, 1987, p. 20 – grifos nossos). Assim, uma concepção de gesto pode ser a que surge do entendimento desse primeiro impacto do simbólico, que faz com que o corpo do homem seja alienado de si mesmo.

A formulação proposta por Kendon (2004) – *visible action as utterance* (“ações visíveis como enunciado”) – pode ser um substituto ao termo “gesto”. Goldin-Meadow e Brentari (2017) (doravante G-M&B) afirmam que, ao lançar mão desse termo superordenado, Kendon é bem-sucedido em unificar todos os fenômenos que envolvem o uso do corpo na comunicação, mas que ele também “corre o risco de embaçar as distinções entre os diferentes usos do corpo, ou de tratar todas as distinções com igual importância” (G-M&B, 2017, p. 2 – tradução nossa)⁶⁸.

Gesto – enquanto rótulo para ações que manifestam traços de expressividade deliberada – é apenas um dos aspectos do fenômeno simbólico, dado que, como nos afirma Rivière (1987), “o gesto é aquilo que aliena ao homem uma parte do seu corpo

⁶⁷ Christian Metz, aqui citado por Rivière, foi um francês teórico de cinema, mais conhecido por ser o pioneiro na semiótica cinematográfica quanto à aplicação das teorias semiológicas de Saussure ao cinema.

⁶⁸ No original: he also runs the risk of blurring distinctions among different uses of the body, or treating all distinctions as equally important.

para o mergulhar na rede significativa da socialidade” (p. 14). Para ser linguístico, como detalharemos no capítulo 4, de acordo com a perspectiva que mobilizamos, o gesto precisa ser tomado como *signo*, com todas as consequências que implicam pensar um signo linguístico estabelecendo relações no interior de um sistema. Ainda no presente capítulo, exploraremos um pouco mais sobre as relações entre gesto e língua sob a perspectiva dos Estudos do Gesto.

2.3 RELAÇÕES *GESTO* E LÍNGUAS (DE SINAIS)

Um primeiro nível de distinção na análise do gesto se dá na consideração de se ele é um sistema “autônomo” à oralidade ou não. As línguas de sinais, por serem independentes da língua oral, são consideradas sistemas gestuais autônomos. Quando o gesto é abordado em relação à oralidade, Kendon (1996) aponta que entre eles pode haver diversos tipos de relação: alternância, substituição, coprodução e conjunção. Para Kendon, a gestualidade é diferente e separada da oralidade, ambas podem ser usadas de forma complementar e, nesse sentido ela não é autônoma.

G-M&B (2017) concordam com Kendon no que diz respeito à centralidade do gesto na língua(*gem*)⁶⁹ e, junto com ele, afirmam que o gesto não é meramente um acessório. Considerando essa ideia, as autoras sugerem, então, que não se deve comparar todos os movimentos que os falantes de línguas de sinais fazem à oralidade (*speech*) simplesmente porque alguns desses movimentos tem o potencial de serem gestos. Ao contrário, a comparação deve ser feita entre as produções dos falantes de línguas de sinais com a oralidade-mais-o-gesto. A abordagem de G-M&B (2017), portanto, se distingue da de Kendon (2004, 2008) quanto ao foco de investigação acerca da gestualidade: este busca a diversidade de formas usadas por falantes de línguas de sinais (*signers*) *versus* falantes de línguas orais (*speakers*), enquanto aquelas buscam os pontos em comum que podem ser encontrados nas formas gestuais de falantes de línguas de sinais e de falantes de línguas orais, no sentido de que a gestualidade é comum aos falantes de ambas modalidades de línguas.

⁶⁹ Pelo fato de as autoras utilizarem em inglês o termo *language*, não temos como saber se se referem à língua (*langue*) ou à linguagem (*langage*), nem se elas levam em consideração essa distinção, no original temos: “We agree with Kendon that gesture is central to *language* and is not merely an add-on” (G-M&B, 2017, p. 2 – grifo nosso). Pela dupla acepção ao termo *language*, optamos por grafar em língua portuguesa *língua(gem)*.

Uma das abordagens feitas por Kendon em seus estudos se pauta na investigação da relação do gesto com a língua oral nos enunciados dos falantes. Ele afirma que, por serem semioticamente diferentes das palavras orais, os gestos colaboram com elas na produção do complexo de sentido do enunciado que integram (KENDON, 2004, p. 5). A partir dessa constatação, o autor questiona como ocorreria essa “colaboração”, e afirma que “a língua é a expressão máxima, o ponto de chegada no contínuo dos sistemas de expressão simbólica” (KENDON, 2004, p. 5 – tradução nossa)⁷⁰.

De acordo com Kendon, McNeill foi o primeiro linguista a propor um modelo de análise da integração entre o gesto e a fala oral (*co-speech gestures*). Segundo McNeill, o modo de expressão gestual é holístico, global e imagético, ao passo que a fala oral usa um sistema categorial de representação composto por símbolos arbitrários. McNeill (1992) afirma que a gestualidade contribui para a singularidade do enunciado, no qual fala oral e gesto trabalham juntos para transmitir significados. Ainda segundo Kendon (2004, p. 78), outros autores que propõem uma abordagem teórica que integra gesto e fala oral são Kita (2000) e De Ruiter (2000).

As diferenças estruturais nas línguas orais talvez acarretem diferenças na forma como a gestualidade é empregada (KENDON, 2004, p. 344). McNeill (1992) desenvolveu a seguinte metodologia para divisar essas diferenças: mostra-se um *cartoon* para uma pessoa e pede-se para que ela recontasse para outra, a qual, por sua vez, não viu o filme; com isso, tem-se uma base imagética de comparação para o que se fala/gesticula (o filme). Já Talmy (1985) comparou línguas orais para ver como os componentes semânticos de um “evento móvel/motor” (*motion event*) são embalados linguisticamente, e constatou que há línguas em que o verbo carrega toda a informação e outras em que são necessários “satélites verbais” (artigos e preposições) (KENDON, 2004, p. 345). Em seu estudo Kita e Özyürek (2003) indicam que os traços semânticos das categorias providas pela língua oral sendo usada pode ter uma influência na forma como algo descrito é coletado e isso, por sua vez, influencia o que é mostrado no gesto (KENDON, 2004, p. 347).

Esses diferentes estudos, em suas abordagens e metodologias particulares, sugerem que as diferenças gramaticais e lexicais entre línguas orais podem ter um papel em estruturar a forma como o falante organiza os gestos a elas associados. Há algumas formas de se analisar isso, mas os trabalhos feitos até aqui mostram que essa não é uma

⁷⁰ No original: ‘Language’ when thought of in the narrowest ‘linguistic’ terms, whether spoken, written or signed, is thus an end point on a continuum of systems of symbolic expression.

questão simples. Kendon aponta, inclusive, a necessidade de mais estudos comparativos para elucidar a questão (KENDON, 2004, p. 348).

G-M&B (2017) ressaltam o fato de que a oralidade e a gestualidade transmitem significados de formas distintas: enquanto a fala oral usa principalmente dispositivos categoriais, o gesto depende de dispositivos que são principalmente imagéticos e analógicos. Diferentemente das sentenças orais nas quais constituintes menores são combinados em constituintes maiores, conforme McNeill (1992) “(...) cada gesto é uma completa expressão holística de significado em si mesmo” (G-M&B, 2017, p. 10 – tradução nossa)⁷¹. Além disso, o fato de os falantes usarem de maneira não regulada as formas gestuais demonstra que o gesto não pode sustentar-se por conta própria sem a fala oral. As autoras afirmam também que “isso é consistente com o princípio de que oralidade e gestualidade formam um sistema integrado” (G-M&B, 2017, p. 10 – tradução nossa)⁷².

As seguintes evidências são elencadas por elas para mostrar que o gesto e a oralidade formam um único sistema: 1) os gestos e a fala oral são semanticamente e pragmaticamente co-expressivos; os falantes produzem uma variedade de gestos espontâneos em conjunção com a fala oral, e cada tipo de gesto espontâneo tem a característica do tipo de fala oral com o qual co-ocorre; 2) gesto e fala oral são temporariamente organizados como um único sistema, em que pese o fato de o gesto e o segmento linguístico oral para a representação de uma mesma informação serem alinhados temporalmente, ou seja, que haja uma sincronia entre eles; 3) a mão (direita ou esquerda) que gesticula suporta a ideia de que fala oral e gesto são integrados em um único sistema porque os gestos são realizados mais com a mão predominante, do que os toques pessoais adaptadores (*self-touching adaptors*), os quais são produzidos com ambas as mãos; esse padrão sugere um link com o hemisfério esquerdo do sistema da fala oral para o gesto, mas não para os toques adaptadores; 4) os gestos tem um efeito em como a fala oral é percebida e isso sugere que ambos formam um sistema unificado; e 5) a informação transmitida no gesto, quando considerada em relação à informação transmitida na fala oral, suporta um sistema integrado gestualidade-oralidade (G-M&B, 2017, p. 10 e 11).

⁷¹ No original: (...) each gesture is a complete holistic expression of meaning unto itself.

⁷² No original: (...) which is consistent with the principle that speech and gesture form an integrated system.

As autoras mencionam ainda outra evidência advinda dos estudos da aprendizagem, em que a relação entre gesto e fala oral ensejam a previsão do progresso de estudantes de diferentes faixas etárias em tarefas variadas:

Quando gesto e fala oral são tomados juntos, eles preveem qual será o próximo passo de um aprendiz, providenciando evidência mais aprofundada de que gesto e fala oral estão intimamente conectados e formam um sistema cognitivo integrado (G-M&B, 2017, p. 11 – tradução nossa)⁷³.

As autoras concluem com a afirmação de que essa compreensão seria perdida se gesto e fala oral não fossem analisados como componentes distintos de um único e integrado sistema, ou seja, se eles não fossem vistos como contribuintes de diferentes tipos de informações em um único ato comunicativo. Nesse sentido, uma concepção “mono modal” da comunicação humana pode ser flexibilizada, e a combinação do gesto com a fala oral serve de suporte a uma concepção de linguagem multimodal. Em relação a essa flexibilização do valor da oralidade, as palavras de Rivière mais uma vez são pertinentes:

Poder-se-ia afirmar que foi a etnologia que despertou a atenção sobre o interesse antropológico da gestualidade. Não restam dúvidas que as dificuldades de comunicação oral e a admiração perante civilizações que não são “fonocentradas” como a nossa aumentaram a percepção dos sistemas gestuais que acompanham ou substituem a palavra. A comunicação oral é, assim, relacionada com o conjunto social, com as suas estruturas e regras; aí, é apenas um elemento entre outros” (RIVIÈRE, 1987, p. 14).

De outra perspectiva, Kendon ressalta que a intimidade com a qual o gesto é integrado à fala oral pode sugerir que esta está intimamente ligada à atividade manual (KENDON, 2004, p. 360). A espécie humana é também *homo faber*, espécie fabricante, e sendo assim, Kendon sugere que o desenvolvimento íntimo recíproco da oralidade e do gesto no enunciado suporta a visão de que a linguagem também pode ser entendida como sendo enraizada na sua atividade fabricante. Ele afirma que para uma visão de linguagem humana verdadeiramente inclusiva, o gesto deve ser levado em consideração:

⁷³ No original: When gesture and speech are taken together, they predict what a learner’s next step will be, providing further evidence that gesture and speech are intimately connected and form an integrated cognitive system.

Quando fizermos isso, poderemos ver que a linguagem⁷⁴ não pode ser propriamente compreendida se ela for considerada apenas como um sistema de símbolos abstratos governados por regras quase-matemáticas de operação que são *sui generis* e remotas à ação prática. A linguagem deve ser vista, ao contrário, como incorporada com, como uma parte dos sistemas de ação pelas quais o ambiente e os objetos neles são manipulados, modificados, organizados e criados (KENDON, 2004, p. 361 – tradução nossa)⁷⁵.

Kendon conclui que apesar da complexidade de elaboração e do aparente distanciamento da ação prática em relação à língua oral, o laço íntimo do gesto com ela nos ensina que, sobretudo, “(...) quando humanos põem seus pensamentos em enunciados, isso é um aspecto da fabricação, que é uma característica fundamental da nossa espécie” (KENDON, 2004, p. 361 – tradução nossa)⁷⁶.

Já ao apresentar o gesto quando usado como único meio de enunciado, ou seja, quando não há relação direta com a língua oral, Kendon (2004) aponta a existência de códigos sinestésicos: em alguns casos o gesto se torna suficientemente não especializado em seu uso e suficientemente bem estabelecido como uma instituição social que passa a merecer o nome de *língua*. Nesse caso, línguas moldadas exclusivamente a partir do meio sinestésico (*kinesic medium*) são geralmente denominadas “línguas de sinais” (KENDON, 2004, p. 284). Kendon distingue dois tipos de línguas de sinais: 1) Línguas de sinais primárias (*Primary sign languages*)⁷⁷, que são aquelas desenvolvidas em comunidades de surdos - no máximo elas tem uma relação indireta com a língua falada oralmente ou as línguas da sociedade nas quais a comunidade surda em questão se encontra; e 2) Línguas de sinais alternativas (*Alternate sign languages*), que são os códigos sinestésicos elaborados em comunidades de falantes de línguas orais tais como aborígenes na Austrália, ou os Plain Indians na América do Norte; estas possuem uma relação direta com a língua oral.

⁷⁴ O termo no original aqui usado é *language*. Destacamos essa citação aqui pela crítica que carrega e a proposta que sugere à concepção de língua(gem). Sob a perspectiva saussuriana, como vimos no capítulo 1, o ponto de vista cria o objeto. Logo, necessário é um ponto de vista que possibilite a criação do seguinte entendimento: a linguagem humana é calcada na correlação entre gestualidade e oralidade.

⁷⁵ No original: Once we do so we may come to see that language cannot be properly understood if it is regarded only as a system of abstract symbols governed by quasi-mathematical rules of operation that are *sui generis* and remote from practical action. Language must be seen, rather, as embedded within, and as a part of, the action systems by which the environment and objects within it are manipulated, modified, organized and created.

⁷⁶ No original: (...) when humans put forth their thoughts in utterances this is, at bottom, but an aspect of *fabrication*, which is so fundamental a characteristic of our species.

⁷⁷ Kendon (2004), em nota rodapé (à página 285) afirma que foge ao escopo de seu livro revisar as pesquisas modernas sobre as línguas de sinais primárias; ele sugere como fonte de pesquisa contemporânea à sua publicação o trabalho de Emmorey (2002), cujo viés se volta aos estudos linguísticos e o de Maher (1996), que versa sobre a história da luta para a aceitação das LS em si mesmas.

Kendon menciona cinco trabalhos que se dedicaram a analisar línguas de sinais alternativas: 1º) Barakat (1969) apresenta um “sistema técnico” no qual sinais manuais são utilizados para guiar o condutor de guindaste (*crane*), em comparação aos sinais descritos por Brun (1969) - sinais manuais usados em estúdios de gravação; pistas de corrida, e trocas de estoques, por exemplo; 2º) Meissner e Philpott (1975) descrevem sistemas de gestos desenvolvidos numa serraria em British Columbia; 3º) Barakat (1975) apresenta o sistema gestual usado num monastério cisterciano nos EUA, o que vem a ser conhecido como língua de sinais monástica; 4º) já os trabalhos de Mallery (1881), West (1960) e Farnell (1995) lidam com a *Plains Sign Language* dos Plains Indians da América do Norte; por fim, 5º) Kendon (1988), aborda a língua de sinais alternativa em uso por Aborígenes na Austrália Central. Todos esses exemplos referem-se a códigos sinestésicos utilizados em comunidades de falantes de línguas orais, e seu uso se dá em relação de alternância com a língua oral.

Kendon (2004) também examina algumas propriedades que foram descritas para as línguas de sinais primárias e traça comparações com as formas de expressão que ocorrem na gestualidade, quando usada por falantes de línguas orais. Ele menciona como exemplo, a forma como uma estrutura fonológica pode emergir de formas de expressão icônicas; como se dá o uso do espaço na expressão da relação entre os elementos no discurso, bem como analisa a natureza dos sinais conhecidos como “classificadores”. O autor afirma ser possível encontrar elementos de sistemas linguísticos em sistemas que não são considerados linguísticos, em um sentido estrito (KENDON, 2004, p. 285). Isso porque parece que quanto mais o gesto é utilizado para tarefas comunicativas nas quais a língua oral é usada, mais ele irá desenvolver propriedades que são de caráter linguístico. Na opinião de Kendon, as línguas de sinais que hoje são objeto de escrutínio linguístico são produtos de processos evolucionários culturais que ocorrem sempre que o gesto é adaptado para mais usos não-especializados de enunciados (KENDON, 2004, p. 285).

A comunicação vai se estabelecer de qualquer forma: simétrica, quando há mais pares; assimétrica quando em contexto de “isolamento” social a pares (surdos): “somente quando há *reciprocidade* nos sistemas de comunicação usados é que vemos a emergência de sistemas completamente autônomos que possuem características que nos convidam a referenciá-los como ‘línguas’” (KENDON, 2004, p. 291 – grifo no original;

tradução nossa)⁷⁸. O exemplo da autonomia gestual na transformação da estrutura dos gestos usados por surdos “isolados” indica que inclusive nos sinais caseiros (*homesigns*) há uma estruturação sintática gestual (cf. GOLDIN-MEADOW, 2003). Sistemas de sinais caseiros são aqueles que integram os sistemas de sinais localmente elaborados no seio de uma família. Nesses casos, aponta Kendon

Na transformação de uma representação elaborada ou sancionada para um reduzido gesto-tipo-sinal, traços da sanção original são retidos apenas se eles permanecerem em contraste com os traços de outros gestos no sistema (KENDON, 2004, p. 308 – tradução nossa)⁷⁹.

É interessante notar que, mesmo nos sistemas de sinais caseiros, nos quais uma forma de língua de sinais convencional ainda não está estabelecida, se pode observar um funcionamento contrastivo e diferencial nos gestos. Estudos específicos sobre esses sistemas⁸⁰ evidenciam que estes apresentam muitas das propriedades das línguas naturais: estruturação morfológica, estruturação sintática básica, estrutura em como as sentenças são moduladas, e estrutura prosódica. A conclusão é de que os gestos que os falantes de sistemas de sinais caseiros criam, apesar de icônicos, são também categoriais (G-M&B, 2017, p. 15). Nesse sentido, as autoras afirmam que

todas as línguas de sinais convencionais, compartilhadas nas comunidades de indivíduos surdos (e algumas vezes ouvintes), tem suas raízes nos sinais caseiros (...), e talvez também nos gestos coproduzidos com a fala oral pelos indivíduos ouvintes na comunidade (...). A língua(gem), em sua modalidade manual, talvez dê vários passos à medida que se desenvolve (G-M&B, 2017, p. 15 – tradução nossa)⁸¹.

As autoras sugerem que talvez o maior passo seja a distância entre a modalidade manual quando usada junto com a fala oral (*co-speech gesture*) e a modalidade manual quando usada em lugar da fala oral (gestos silenciosos, sinais caseiros e línguas de

⁷⁸ No original: It is only when there is a *reciprocity* in the communication systems used that we see the emergence of fully autonomous systems which have characteristics that invite us to refer to them as ‘languages’.

⁷⁹ No original: In the transformation from elaborate depiction or enactment to a reduce sign-like gesture, features from the original enactment are only retain if they remain in contrast with features of other gestures in the system.

⁸⁰ G-M&B fazem referência a trabalhos internacionais sobre sinais caseiros. Alguns deles são: Goldin-Meadow & Mylander (1984) sobre indivíduos norte-americanos; Goldin-Meadow & Mylander (1988) sobre chineses; Fusellier-Souza (2006) a respeito de brasileiros; Goldin-Meadow et al. (2015) sobre turcos; e Coppola & Newport (2005) sobre nicaraguenses.

⁸¹ No original: It is likely that all conventional sign languages, shared within a community of deaf (and sometimes hearing) individuals, have their roots in homesign (Coppola & Senghas 2001; Cuxac 2005; Fusellier-Souza 2006; Goldin-Meadow 2010) and perhaps also in the co-speech gestures produced by hearing individuals within the community (Nyst 2012). Language in the manual modality may therefore go through several steps as it develops.

sinais): “o gesto quando usado junto com a fala oral parece ser muito diferente do gesto usado como uma língua primária” (G-M&B, 2017, p. 15 – tradução nossa)⁸².

Há argumentos, aponta Kendon, com base em alguns estudos sobre os sistemas gestuais de línguas de sinais, para se defender que uma distinção precisa entre *gesto*, como encontrado em pessoas ouvintes, e *senal*, como encontrado nas línguas de sinais, deva ser estabelecida. No entanto, parece incorreto, de acordo com ele, caracterizar todas as atividades gestuais dos falantes de línguas orais como “não linguísticas”⁸³. Examinaremos mais acuradamente essa questão no capítulo 4, mas talvez o paradigma linguístico não devesse ser pautado na oposição “gesto nas pessoas ouvintes” x “gesto nas pessoas surdas”, mas sim, “gesto nas línguas orais” e “gesto nas línguas de sinais”; sobretudo, “gesto nas línguas”.

Os gestos usados pelos falantes de línguas orais exercem um papel importante em tornar o que está sendo dito mais específico, provendo o discurso com variados elementos de significação. Kendon (2004) defende que, de um ponto de vista funcional, os gestos podem ser tomados como parte da língua(gem). Já de um ponto de vista da organização formal, deve haver na gestualidade um espectro de formas, mais ou menos linguísticas, diz ele, mais do que uma distinção cirúrgica. O autor afirma ainda que, se uma distinção puder ser estabelecida entre gestualidade linguística e gestualidade não linguística, ela parece não poder separar os falantes de línguas de sinais (os “senalizantes”) dos falantes de línguas orais (os “vocalizantes”)⁸⁴ de forma tão clara quanto se esperaria. Kendon conclui que pesquisas mais aprofundadas são necessárias para clarear os domínios nos quais será possível observar a gestualidade linguística nos falantes de línguas orais e as condições precisas nas quais ela poderá ser encontrada (KENDON, 2004, p. 122 e 123).

Em referência à hipótese de McNeill (1992), de que a comunicação humana contém ambas formas, categoriais e imagéticas⁸⁵, G-M&B (2017) apontam que se essa concepção é correta, então o *senal*, que grosso modo é uma forma categorial, deveria também ser acompanhado por formas imagéticas; em outras palavras, os falantes de

⁸² No original: Gesture used along with speech looks very different from gesture used as a primary language.

⁸³ Kendon (2004) afirma que tem sido dito que a maioria dos gestos usados pelos ouvintes ao mesmo tempo em que eles falam, não podem ser considerados linguísticos porque eles parecem ser improvisados e não podem ser decompostos em elementos que poderiam ser recombinaados (McNeill, 1992).

⁸⁴ Essa “tradução neológica” é nossa; Kendon, em língua inglesa, lança mão dos termos “signers” e “speakers”, respectivamente.

⁸⁵ As formas categoriais são tipicamente encontradas na fala oral; já as formas imagéticas são as encontradas no gesto (MCNEILL, 1992; GOLDIN-MEADOW & MCNEILL, 1999).

línguas de sinais deveriam gesticular assim como fazem os falantes de línguas orais. Por exemplo, os movimentos bucais feitos por surdos têm os mesmos traços identificados por McNeill (1992) para os gestos manuais feitos por falantes-ouvintes: eles são globais, são sensíveis ao contexto, e são idiossincráticos; nesse sentido, “os sinalizantes podem usar suas bocas para transmitir informação imagética tipicamente como transmitida pelas mãos dos falantes ouvintes” (G-M&B, 2017, p. 12 – tradução nossa)⁸⁶.

Os sinalizantes podem também produzir gestos manuais idiossincráticos concorrentes com os sinais, ao modificarem, por exemplo, alguns traços da configuração de mão dos sinais. Quando os sinalizantes fazem idiossincrasias, eles modificam os morfemas linguísticos categoriais para criar a representação de um evento. Esse mesmo processo pode ser observado nos falantes de línguas orais quando modificam a pronúncia das palavras faladas para obter um efeito comparativo (G-M&B, 2017, p. 12). Okrent (2002) e Emmorey e Herzig (2003) argumentam que todos os usuários/falantes de línguas (orais e de sinais) indistintamente sabem qual parte de suas palavras podem ser manipuladas para transmitir uma informação análoga.

G-M&B afirmam que, considerando que o gesto forma um sistema integrado com o sinal, os gestos que co-ocorrem com os sinais são semanticamente co-expressivos com aqueles sinais. Elas afirmam também que há evidências de que a informação transmitida no gesto, quando considerada em relação à informação transmitida no sinal, pode prever a aprendizagem (G-M&B, 2017, p. 13). Para analisar esse fator, Goldin-Meadow et al (2012) estudaram os gestos manuais de crianças surdas produzidos quando eles explicavam suas respostas a problemas matemáticos, e compararam-nos com os gestos produzidos por crianças ouvintes na mesma tarefa (cfm. PERRY et al., 1988). Os resultados desse estudo tiveram como implicações os seguintes aspectos: 1) os sinalizantes podem produzir gestos junto com sinais que transmitem diferentes informações que aquelas advindas dos sinais; 2) o fato de que a não-combinação gesto-sinal (que envolve apenas uma modalidade) prevê a aprendizagem da mesma forma que a não-combinação gesto-fala oral (que envolve duas modalidades), acarreta que a pertinência da não-combinação para prever a aprendizagem vem da justaposição de diferentes informações transmitidas em distintos formatos representacionais – um formato mimético, imagético, subjacente ao gesto, *versus* um formato discreto, categorial, subjacente à língua, quer seja ela oral ou gestual; 3) os resultados proveram

⁸⁶ No original: Signers can use their mouths to convey imagistic information typically conveyed by the hands in speakers.

mais evidências de que gesto e sinal formam um sistema integrado, da mesma forma como gesto e fala oral o fazem⁸⁷; ou seja, levar em conta juntos a gestualidade e os sinais do aprendiz, ou, a gestualidade e a fala oral do aprendiz, permite prever o próximo passo que o aprendiz irá tomar (G-M&B, 2017, p. 14).

Ao buscarem analisar os pontos em comum que podem ser encontrados nas formas gestuais de falantes de línguas de sinais e de falantes de línguas orais, e ao questionarem se haveria igual integração entre o uso de gestos à fala em língua de sinais, como há na fala em línguas orais, G-M&B concluem que um completo tratamento à língua(gem) precisa incluir ambos, os mais categoriais (sinais ou fala oral) e os mais imagéticos (gestos) componentes, independentemente da modalidade: “o sinal pode ser mais (e não menos) gestual que a fala oral quando a fala é tomada em sua forma mais natural: ou seja, quando ela é produzida junto com o gesto” (G-M&B, 2017, p. 2)⁸⁸. Os elementos gestuais que foram recentemente identificados nos sinais talvez sejam o que promova o alinhamento natural entre os sinais-mais-gesto e a fala oral-mais-gesto. Seja como for, podemos concordar que “(...) a língua de sinais é fortemente gestual” (G-M&B, 2017, p. 2)⁸⁹.

2.4 UM *LOCUS* TEÓRICO PARA O *GESTO*

O texto da epígrafe do presente capítulo sugere, em uma perspectiva bíblica, a integração da gestualidade e da oralidade na manifestação da linguagem humana: antes de dar nome “aos bois” a partir de signos vocais, Adão teria primeiro apontado para eles. Rivière, mobilizando semelhante perspectiva, ao mencionar Diderot, afirma que “antecedendo a divisão babélica, a linguagem gestual é universal (...) porque se funda na natureza: e a natureza, abstraindo algumas modificações, foi e sempre será a mesma (RIVIÈRE, 1987, p. 12). Nesse sentido, “(...) os gestos são sempre expressivos, constituem uma linguagem original, universal e verdadeira” (RIVIÈRE, 1987, p. 12). Essa foi justamente a concepção que pautou as questões filosóficas sobre o gesto ao longo do século XVIII.

⁸⁷ Albano (2020) apresenta proposta semelhante ao abordar o “gesto audível”, em uma perspectiva que considera o gesto motor na realização dos fonemas/sons da fonologia das línguas, considerando também as línguas de sinais em sua leitura.

⁸⁸ No original: Sign may be more (and no less) gestural than speech is when speech is taken in its most natural form: that is, when it is produced along with gesture.

⁸⁹ No original: (...) sign language is heavily gestural.

No século seguinte, o interesse no gesto persistiu, mas também com ele surgiu o estabelecimento da ideia de uma ciência da linguagem autônoma o que, eventualmente, foi um dos fatores que contribuiu para a marginalização do gesto como um foco de interesse acadêmico (KENDON, 2004). O desenvolvimento do método comparativo no estudo histórico das línguas mostrou uma aparente falta de leis de como as línguas mudaram ao longo do tempo. Essa constatação foi importante para a compreensão de que a língua era um sistema com suas próprias leis e que mereceria, portanto, uma disciplina própria. Na metade do século XIX a ciência ‘linguística’ foi nomeada, uma ciência que objetivava estabelecer as propriedades estruturais das línguas como se elas fossem sistemas autônomos. Na virada do século XX, especificamente, sob influência de Saussure e seus discípulos, a ideia de ‘língua’ abstraída de qualquer materialidade (como vimos no capítulo 1), fez que com o gesto perdesse, na opinião de Kendon, seu lugar como algo pelo qual estudantes de línguas poderiam se interessar, porque o gesto não apareceu como parte do sistema linguístico da forma como ele foi definido enquanto objeto de estudo (KENDON, 2004, p. 356).

Mas não foi somente o estabelecimento da ciência linguística que contribuiu para um desinteresse pela consideração e estudo da gestualidade. O século XIX testemunhou o prevaletimento da cultura da ‘palavra impressa’, graças ao desenvolvimento das tecnologias de impressão em massa. Ainda no século XVIII a sociedade europeia tinha um forte componente ‘oral’, contudo, a difusão barata de materiais impressos, o crescimento da burocracia no surgimento das nações-estado (para as quais o uso da língua escrita era essencial), e a difusão da educação compulsória (aumentando a proporção da população que usaria a escrita), fez com que a partir da metade do século XIX a sociedade europeia se tornasse uma sociedade predominantemente baseada no texto escrito. Isso, conseqüentemente, acarretou o prestígio pela linguagem em sua forma escrita (e em sua forma impressa); “verdadeira” forma de expressão; o padrão de expressão para qualquer um que se dizia ou queria se tornar um membro das classes educadas. Por extensão à tomada da linguagem escrita, enquanto forma de comunicação humana, como objeto de análise acadêmica, outros modos de expressão, como o gesto, foram sendo cada vez mais ignorados (KENDON, 2004, p. 357).

Na metade do século XX a tecnologia de registro audiovisual usada como ferramenta para examinar atividades de pessoas engajadas na comunicação uma com a outra, levou ao reconhecimento de que elas não só pronunciavam palavras, mas que elas

também movimentam seus corpos e fazem um número de outras coisas que dificilmente poderiam ser capturadas pela escrita (KENDON, 2004, p. 357). Isso originou a ideia de ‘comunicação não-verbal’ – uma ideia que só pode surgir no contexto de uma ideologia que insistiu que era as ‘palavras como poderiam ter sido escritas’ que constituía a base da comunicação (KENDON, 2004, p. 357). É nesse contexto que o gesto reapareceu à vista.

No entanto, o gesto era tão transparente que, com frequência, não era nem percebido. Foi a tecnologia de registro audiovisual que tornou possível “olhar de volta” para o gesto, para contemplá-lo como um ‘objeto’, o que criou para muitos um tipo de enigma (KENDON, 2004, p. 358). Isso porque o modelo teórico de comunicação implícito para quase todos os estudantes do tópico na época era o modelo que estabelece a comunicação como sequencial, alternando trocas de sentenças faladas oralmente bem formadas. Parte como uma consequência disso parece ser o fato de que, mesmo que houvesse um renovado interesse pelo gesto, ele não teria sido estudado por si mesmo. Muitas vezes o gesto tem sido tomado como uma nova “janela” para a mente, ou como uma “ajuda” para falar ou pensar. É estudado quanto ao que pode revelar do processo interior, e menos como uma parte integral da expressão humana, estudada por seus próprios méritos e pela parte que tem na comunicação e expressão (KENDON, 2004, p. 358).

Como vimos na seção 2.2, Kendon defende a ideia de que, quando os falantes produzem gestos, eles o fazem como um componente parceiro do enunciado, planejado e produzido pelo mesmo guia que serve à expressão oral. Sob essa perspectiva, os gestos produzidos em relação à oralidade são tomados como um componente integral do ato comunicativo do falante, ou seja, ele não é feito só para atrair a atenção dos outros. Independentemente de onde ou como contribuem para a interpretação da ação comunicativa pelos outros, os gestos devem ser vistos como parte do produto final do falante, e não como sintoma de algum embate para obter a expressão verbal, como por vezes é visto (KENDON, 2004, p. 359). Enunciados são sempre processos dialógicos, mesmo se o diálogo é em um único corpo, e não entre mais de um (KENDON, 2004, p. 359). Gestos podem certamente ser uma parte desse processo, e são da mesma forma que as palavras vocais o podem ser porque a potencialidade significativa não é restrita apenas à materialidade fônica.

Kendon se interroga quanto às atividades gestuais dos falantes de línguas orais serem rotuladas como não-linguísticas. A questão talvez devesse ser formulada em

outros termos – a exemplo do movimento do pêndulo, que por vezes toma a direção oposta – de forma a investigar de que maneira a gestualidade pode ser considerada linguística. Para Kendon, funcionalmente falando, os gestos podem ser tomados como parte da língua; de um ponto de vista da organização formal, a gestualidade comporta um espectro de formas mais ou menos linguísticas, mais do que uma distinção às claras, cirúrgica. Ele registra o seguinte questionamento: quais os domínios da gestualidade linguística nos falantes-ouvintes (falantes de línguas orais) e as condições precisas nas quais ela poderá ser encontrada? (KENDON, 2004, p. 122 e 123).

Mais do que o *status*, buscamos nesta tese, delinear o “caráter” linguístico da gestualidade humana; “caráter” é intrínseco; “status”, relativamente extrínseco. Diante da ausência de uma base de comparação, ou de um substrato teórico para determinar o status da gestualidade, faz-se necessário situar, primeiramente, um espaço/ terreno/ campo – *locus* - teórico onde assentar o gesto e, a partir dele, divisar seu “caráter”. Para desenvolver nossa abordagem, seguimos então, a sugestão do mestre genebrino:

(...) é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito (SAUSSURE, 2006, p. 16 – grifos no original).

Levando em consideração a perspectiva de De Jorio quanto ao fato de que todos os gestos têm o que ele chama de “duplo aspecto”, ou seja, que eles são ao mesmo tempo ações físicas e atos significativos (cf. De Jorio, 2000, p. 31 apud KENDON, 2004), e com base nos fundamentos da teoria linguística saussuriana (abordados no capítulo 1) investigaremos, no próximo capítulo, de que forma o princípio da essência dupla da linguagem (princípio este também saussuriano) pode contribuir para a consideração da potencialidade significante linguística do gesto.

3 A ESSÊNCIA DUPLA DA LINGUAGEM

Parece-me que se pode afirmar, propondo para consideração, o seguinte: jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente *diferencial*, de cada um dos elementos da linguagem aos quais atribuímos, precipitadamente, uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência (...) (SAUSSURE, 2004, p. 61 – grifo no original)

Descoberto em 1996 na estufa do hotel genebrino da família de Saussure, o conjunto de manuscritos saussurianos conhecido por *Da Essência Dupla da Linguagem* (no original: *De l'essence double du langage*) (doravante DEDL) foi estabelecido e publicado pela primeira vez em 2002, por Simon Bouquet e Rudolf Engler⁹⁰, sob o título de *Écrits de linguistique générale*. O mesmo foi traduzido para língua portuguesa (e para mais de dez outras línguas) em 2004, sendo intitulado *Escritos de Linguística Geral*. Segundo Rastier (2016), a descoberta desse manuscrito acarretou um renovo editorial em escala internacional e favoreceu novas interpretações ao pensamento saussuriano. Em 2011, uma edição crítica aos *Écrits* foi publicada por René Amacker, sob o título *Science du langage – de la double essence du langage et autres documents du Ms BGE Arch. de Saussure 372*⁹¹, versão essa ainda sem tradução para língua portuguesa⁹². O manuscrito saussuriano original se encontra hoje no acervo da Biblioteca Pública de Genebra (BGE).

⁹⁰ Anterior a essa publicação, no que diz respeito à divulgação do DEDL, encontramos o registro de uma transcrição diplomática estabelecida por Rudolf Engler (empreendimento por ele abandonado, de acordo com De Mauro, 2016), bem como um texto contendo breves análises sobre o manuscrito, por ele publicado na edição nº 50 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, em 1997. A transcrição diplomática está disponível em: SAUSSURE, Ferdinand de. *De l'essence double du langage, transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé à la Bibliothèque de Genève* (1996). *Texto!* Décembre 2004 – juin 2005 [en ligne]. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html (consultado em 30 de maio de 2020).

⁹¹ Os manuscritos foram encontrados em envelopes de diferentes tamanhos: um maior continha outros menores dentro. No envelope grande está anotado “*Science du langage*”, e em um menor, “*De la double essence du langage*”. Sobre o título, Stawinski aponta que “Amacker, na introdução à edição crítica (*Introduction* em SAUSSURE, 2011, p. 17-18), destaca que *De l'essence double <du langage>* serve como título em um maior número de vezes; no entanto, *De la double essence <du langage>* serve como título de um de seus mais completos manuscritos, sendo, por isso, escolhido como título na edição crítica” (STAWINSKI, 2019, p. 72).

⁹² Conforme Ribeiro (2019): “O manuscrito *Science du langage: de la double essence du langage*, editado e publicado por René Amacker, é uma das obras de maior destaque no âmbito filológico por ser uma edição extremamente detalhada/pormenorizada do manuscrito. Com descrições bastante minuciosas do material como um todo (ao longo do texto encontramos inúmeras notas e explicações a respeito de inserções, rasuras, sobrescritos, disposição do texto na folha original entre outros detalhes que atestam o rigor filológico da edição), Amacker apresenta ao leitor uma importante publicação do *corpus* saussuriano” (RIBEIRO, 2019, p. 23).

Há quem prefira a edição crítica de Amacker (SAUSSURE, 2011) para trabalhar com o DEDL devido a sua constituição textual rigorosa e pormenorizadamente detalhada no que diz respeito aos aspectos filológicos do manuscrito, acessíveis e pertinentes, a um público leitor mais especializado na teoria saussuriana⁹³. Nesta tese, porém, optamos por utilizar a versão em língua portuguesa dos *Écrits*, o *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2004) (doravante *Escritos* ou ELG), justamente pelo fato de ser um texto acessível ao leitor lusófono, e por nosso estudo não focar essencialmente os aspectos filológicos saussurianos⁹⁴. Como veremos, o texto de DEDL é bastante rico em suas formulações e conteúdo, e, assim, interessa-nos as questões “internas” que o texto suscita. Quando pertinente à discussão proposta, lançamos mão de alguma observação apresentada no texto editado por Amacker (SAUSSURE, 2011), de forma a complementar nossa abordagem. De acordo com Rastier (2016) as duas versões divergem em sua finalidade, mas permanecem complementares:

No primeiro [SAUSSURE, 2002], a ausência de anotações, o apagamento das hesitações serve à energia radical e à concisão do pensamento e favorecem, com razão, o espanto do leitor, porque o espanto é, como sabemos, o primeiro mecanismo de interpretações criativas. No segundo [SAUSSURE, 2011], os mínimos detalhes dão vida a reflexões sobre a genética do texto teórico e pedem uma leitura acadêmica (RASTIER, 2016, p. 14 – tradução nossa)⁹⁵.

Cabe aqui, ainda a título de introdução ao manuscrito, destacar a análise que nos apresenta Flores (2017), quanto aos efeitos gerados pela tradução dos *Écrits* para língua portuguesa:

A tradução brasileira dos *Escritos*, ao contrário do que aconteceu com o CLG, foi praticamente imediata à publicação do livro na França. Com isso, eu gostaria de destacar que existe uma geração de jovens linguistas brasileiros que entrou em contato com os *Escritos* de forma quase simultânea à França, o que

⁹³ Encontramos, por exemplo, a opção de trabalho com as diferentes edições de DEDL em Jorge (2017), no qual a autora adota a edição de Amacker (SAUSSURE, 2011) em francês no corpo do texto, e em nota traz a citação equivalente dos respectivos trechos como constante nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2004), de Bouquet e Engler. Stawinski (2019) apresenta procedimento similar, ao lançar mão da versão de Amacker (SAUSSURE, 2011) no corpo do texto, bem como, em nota de rodapé, a versão da tradução equivalente em língua portuguesa dos ELG (SAUSSURE, 2004).

⁹⁴ Esse entendimento é compartilhado também por Ribeiro: “Ao comparar as duas edições do manuscrito *De la double essence du langage*, o leitor percebe muitas diferenças. Se a tradução em português ganha com a inclusão das Conferências e dos Antigos Documentos na edição de Bouquet e Engler, o tratamento dado ao manuscrito da *De la double essence du langage* por Amacker (na edição em francês de 2011) é de uma riqueza de detalhes que são fundamentais ao pesquisador já iniciado” (RIBEIRO, 2019, p. 23).

⁹⁵ No original: Dans la première, l’absence de notes, l’affacement des repentirs servent l’énergie radicale et la concision de la pensée et favorisant à bon droit la sidération du lecteur, car l’étonnement est on le sait le premier moteur des interpretations créatrices. Dans la seconde, les details les plus minutieux donnent carrière à des réflexions sur la génétique du texte théorique et appellent une lecture erudite.

configura uma *recepção* de Saussure no Brasil muito diferente daquela que ocorreu com o CLG. A publicação dos *Escritos* no Brasil possibilitou a busca de uma interpretação das ideias saussurianas menos ligada à tradição. Eu diria que o Brasil é, hoje, um produtor de pesquisas no campo da linguística saussuriana e isso se deve, em grande medida, ao acesso mais facilitado viabilizado pela tradução dos *Escritos*. (...) O Saussure de hoje, no Brasil, é muito diferente do Saussure de ontem e isso se deve muito à tradução dos *Escritos* (FLORES, 2017, p. 26, 27 – grifos no original).⁹⁶

Nosso *corpus* de pesquisa, portanto, está delimitado, neste capítulo, ao manuscrito DEDL conforme apresentado nos ELG⁹⁷. Enquanto legatários dessa oportunidade de releitura do pensamento saussuriano - que requer de nós a “aceitação de que seu pensamento é inacabado” (FLORES, 2017, p. 28), como atestam os *Escritos* – nosso objetivo no presente capítulo é revisitar as formulações de Saussure sobre a essência dupla da linguagem, em uma leitura descritiva e analítica de algumas partes do manuscrito, para, em seguida, analisar em que medida é possível deslocá-las a uma distinta materialidade – a gestual. Divisar essa possibilidade se justifica porque, além de ser o objeto específico em questão nesta tese, do que temos registrado do pensamento saussuriano (e ao que até o momento tivemos acesso), não encontramos menção explícita sobre o *gesto* enquanto *significante*. Encontramos reflexões sobre a dupla essência em relação ao *som*, à *figura vocal*, ao fenômeno *vocal*, ao aspecto fônico, portanto, da língua. Contudo, uma vez que nosso ponto de vista é oriundo do estudo de uma língua *de sinais*, interessa-nos ver de que maneira o princípio geral da essência dupla pode ser operacionalizado sobre ela, e, conseqüentemente, de que forma a consideração do gesto na língua(gem), afeta o princípio apresentado por Saussure, e a teorização, de uma forma geral.

Uma nota, em específico, na qual Saussure relativiza o peso do som na forma linguística (a qual apresentaremos na seção a seguir, à página 101), e a discussão

⁹⁶ Cabe mencionar a crítica que o autor faz logo após essa narrativa “conscientemente otimista com relação à publicação dos *Escritos*” (FLORES, 2017, p. 28), no que diz respeito à tendência que percebe na abordagem “fortemente retrospectiva e quase nada prospectiva” (FLORES, 2017, p. 28) na pesquisa contemporânea brasileira em torno da obra de Saussure. A distinção e as conseqüências entre essas abordagens pode ser conferida em Flores (2017).

⁹⁷ Sobre a organização do ELG como um todo, temos em Ribeiro (2019) uma revisão concisa: “Além do manuscrito Sobre a essência dupla da linguagem, encontrado em 1996, o *Écrits* contém outros textos divididos em grandes blocos, como o segundo bloco, intitulado Item e Aforismos, que contém o Novos item (Acervo BPU 1996), Antigos item (edição Engler 1968 - 1974) e Aforismos (edição Engler 1968 – 1974). O terceiro bloco de textos é intitulado Outros Escritos de Linguística Geral e é constituído pelos seguintes itens: Novos documentos (Acervo BPU 1996), Antigos documentos (edição Engler 1968 – 1974), Nota sobre o discurso (Acervo BPU 1996) e Unde exoriar (Acervo BPU 1996). No quarto e último bloco, identificado como Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral, encontramos os Novos documentos (Acervo BPU 1996) e os Antigos documentos (edição Engler 1968 -1974)” (RIBEIRO, 2019, p. 22).

proposta por Stawinski (2016; 2019) em torno do aspecto vocal/fônico significante da língua, foi o que nos motivou a uma leitura mais atenta de DEDL no intuito de divisar como Saussure aborda a materialidade no referido manuscrito. A descrição do movimento de suspensão/significação/conservação da materialidade, naquela nota, é bem didática por ser bastante explícita e pelo fato de o texto não apresentar lacunas (o que não é muito comum nos manuscritos do genebrino). Vimos na maneira como Saussure formula a distinção entre a consideração do “som como tal” - como puro som - e do “som como signo”, um ponto onde pode ser possível ancorar a consideração do gesto, sem desprezar, evidentemente, o conjunto da reflexão proposta em torno dessa visada significante à materialidade. Buscamos estabelecer um olhar sobre o gesto, em moldes semelhantes ao que Saussure empreendeu sobre o som em sua teorização e, para isso, precisamos compreender seu ponto de vista, como nos indica a reflexão por ele esboçada em DEDL.

Assim, o presente capítulo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção (3.1) tratamos das formulações de Saussure em DEDL que versam especificamente sobre a “essência” e sobre a “dualidade na linguagem”, nas quais podemos depreender o modo como ele lida com o aspecto material da língua, passando também por algumas outras noções⁹⁸ adjacentes a essas duas que elegemos como norteadoras de nossa leitura analítica do manuscrito; na segunda seção (3.2), à título de ilustração, exemplificamos a operacionalização do princípio da essência dupla nas línguas (de sinais); e por fim, na terceira seção (3.3) discutimos, em síntese à nossa análise e interpretação de DEDL, a presença da materialidade na teorização linguística saussuriana. Referimos também, em alguns momentos da análise, as interpretações de outros teóricos, leitores de Saussure, tais como Rastier (2015; 2016), Bouquet (2016), Utaker (2016) e Matsuzawa (2016)⁹⁹, de forma a ampliar, contextualizar e sustentar nossa abordagem ao manuscrito.

⁹⁸ De Mauro (2016), no Prefácio à edição italiana dos ELG, chama a atenção a quatro novidades terminológicas recorrentes no manuscrito: *quatérnion*, *parallélie*, *synonymie et synonyme*, e *intégration* ou *postméditation-réflexion*. Utaker (2016), em texto intitulado *Le retour de Saussure*, aborda que a articulação entre *dualidade* e *negatividade* se opõe ao dualismo das representações instintivas da linguagem (tais como língua/pensamento, forma/sentido, som/ideia). Mencionamos esses autores aqui por serem exemplos de pesquisadores que imprimiram uma leitura analítica ao conjunto do manuscrito, de forma a evidenciar a potencialidade de abordagens/entradas ao mesmo. A que ora estabelecemos é fruto de nosso ponto de vista. Em nossa leitura, os termos *domínio(s)*, e *semiologia* foram alguns dos que elencamos como adjacentes a nossa abordagem principal.

⁹⁹ Em 2013 foi publicado o volume 12 da revista *Arena Romanistica* (Univ. de Bergen), organizado por François Rastier, e intitulado “*De l’essence double du langage et le renouveau du saussurisme*”. Os textos nele publicados foram reeditados por Rastier em um livro homônimo, publicado em 2016, pela editora

3.1 FORMULAÇÕES SAUSSURIANAS EM DEDL

Ler um texto manuscrito editorado tem suas particularidades. Quanto à problemática em torno dos manuscritos saussurianos esta reside menos no fato de terem sido escritos à mão, do que no fato de que seu pensamento, da forma como foi registrado, apresenta-se inacabado. Segundo Rastier (2016), os manuscritos publicados apresentam três ordens de problemas:

filológicos, quanto a seu estatuto; hermenêuticos, quanto ao seu gênero e ao modo de leitura que eles requerem; epistemológico, enfim, porque são reconhecidos como tendo um significado fundamental, embora não se enquadrem na filosofia das ciências (RASTIER, 2016, p. 11 – tradução nossa)¹⁰⁰.

Nesse sentido, apesar de ser tentador estabelecer uma leitura consensual, que complete lacunas e frases inacabadas do manuscrito, precisamos ter em mente que estamos diante do rascunho de um pensamento em construção. Rascunho esse que foi organizado e editado por outros, de forma a que se tornasse mais acessível e obtivesse maior alcance acadêmico. Esse fato – a editoração do manuscrito – pertence à ordem dos problemas filológicos. Como já dissemos, não pretendemos inscrever nossa leitura exclusivamente no escopo dessa ordem. Talvez tangenciemos os problemas de ordem epistemológica, contudo, como afirma Testenoire (2014) nossa leitura pode ter certas características epistemológicas, mas não se apresentar como um texto de epistemologia. Assim como pode ser útil invocar a reflexão de Saussure sobre a descrição das línguas indo-europeias, ao optarmos por invocar sua reflexão no que diz respeito ao aspecto material das línguas, revelamos nós também uma atitude epistemológica em relação ao pensamento saussuriano, embora não teorizemos explicitamente sobre ela.

Nossa leitura leva em conta principalmente os cuidados impostos pelos problemas de ordem hermenêutica: “atenção ao inacabamento do texto, seu gênero e seu

Lambert-Lucas. Foi a esta publicação que lançamos mão para nos valermos das interpretações dos referidos leitores de Saussure ao manuscrito DEDL. Pierre-Yves Testenoire (2014) fez uma resenha (*compte rendu*) dos textos da revista, na qual destaca que: “Ce qui frappe surtout dans ce volume est la convergence et la complémentarité des points de vue adoptés. Des points de vue du linguiste (Rastier, De Mauro, Jäger, Bouquet), du philosophe (Utaker), du comparatiste (Béguelin) ou du généticien (Matsuzawa) se dégage un même constat : l’actualité de ces notes pour qui s’intéresse aujourd’hui aux langues et au langage” (TESTENOIRE, 2014, p. 4).

¹⁰⁰ No original: philologiques, quant à leur statut; herméneutiques, quant à leur genre et au mode de lecture qu’ils appellent; épistémologiques enfin, car on leur reconnaît une portée fondationnelle, bien qu’ils ne relèvent pas de la philosophie des sciences.

lugar no corpus saussuriano” (RASTIER, 2016, p. 14 – tradução nossa)¹⁰¹. Nesse sentido, “se os textos inacabados refletem o ponto de vista do autor no momento de sua redação, ele não os garantiu por meio de um contrato de publicação” (idem, p. 14 – tradução nossa)¹⁰². Rastier também aponta que para interpretar esse texto – DEDL – é importante caracterizar seu gênero: “Falamos sobre *rascunhos*, mas rascunhos são apenas um tipo de documento, não de texto. Mencionamos *fragmentos*, mas é necessário distinguir o fragmento como um gênero e o estado às vezes fragmentário de um esboço” (idem, p. 14 – tradução nossa; grifos no original)¹⁰³. Quanto ao lugar de DEDL no *corpus* saussuriano, entre o autoral *Mémoire*¹⁰⁴ e o póstumo *Curso*, Rastier destaca seu “estatuto intermediário”, o que favorece releituras: “moderando um novo ponto de entrada no corpus saussuriano, *De l'essence* abre novas perspectivas de interpretação que justificam o desenvolvimento atual da linguística saussuriana” (RASTIER, 2016, p. 16 – tradução nossa; grifo no original)¹⁰⁵. Cientes desses fatores, lançamo-nos à análise das formulações no manuscrito, em uma “leitura contínua, metódica, reflexiva e que supõe uma coerência geral entre as partes do texto” (RASTIER, 2016, p. 15 – tradução nossa)¹⁰⁶, considerando sua gênese como um primeiro rascunho “não passado a limpo”.

De forma a sistematizar nossa leitura ao manuscrito no presente capítulo, adotamos como critério a distinção dos textos conforme três dimensões que depreendemos do trabalho/reflexão de Saussure: 1) fragmentos de cunho **teórico** (3.1.1), que refletem a teorização à essência dupla e outras noções; 2) fragmentos de cunho **metodológico** (3.1.2), nos quais Saussure parece indicar como operar com a essência dupla, e também naqueles em que a atividade/atenção ao que o linguista deve ter é explicitada; e 3) fragmentos de cunho **analítico** (3.1.3), onde o princípio da essência dupla é exemplificado, e em que o aspecto vocal/fônico de/em línguas diversas

¹⁰¹ No original: “l’inachèvement du texte, son genre et sa place dans le corpus saussurien”.

¹⁰² No original: “s’ils reflètent le point de vue de leur auteur au moment de leur rédaction, il ne les a pas garantis par un accord de publication”.

¹⁰³ No original: “On a parle de *brouillons*, mais les brouillons ne sont qu’un type de document, et non de texte. On a évoqué des *fragments*, mais il convient de distinguer le fragment comme genre et l’état parfois fragmentaire d’une ébauche”.

¹⁰⁴ “O *Mémoire* é o trabalho realizado por Saussure durante seu mestrado na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Escrito e publicado em 1878, o texto só foi distribuído no ano seguinte. Nele, Saussure elabora um extenso estudo sobre o sistema de vogais das línguas indo-europeias” (RIBEIRO, 2019, p. 18).

¹⁰⁵ No original: “en ménageant un nouveau point d’entrée dans le corpus saussurien, *De l'essence* ouvre ainsi de nouvelles perspectives d’interprétation qui justifient l’essor actuel de la linguistique saussurienne”.

¹⁰⁶ No original: “une lecture suivie, méthodique, reflexive, et supposant une coherence d’ensemble entre les parties du texte”.

é abordado. A separação dos trechos em subseções é resultado de um exercício metodológico resultante de nossa leitura. Evidentemente, ela é fruto de nossa interpretação, e as divisões não são estanques. O “aspecto material”, como veremos, está implicado nas três dimensões: teórica, metodológica e analítica.

Por fim, cabe ressaltar que, à semelhança do procedimento de leitura analítica ao manuscrito saussuriano *Notes sur l'accentuation lituanienne* estabelecido por Schneider (2016) em sua tese, o texto que aqui apresentamos, fruto de nossa leitura ao material fragmentário do manuscrito - ainda que editorado - o qual não entrega diretrizes interpretativas claras para o investigador, terá, como aponta Schneider (2016, p. 122), um “ritmo variado, que acompanha os saltos ligeiros e as paradas repentinas que as frases deixadas por Saussure sugerem”, além de refletir a densidade do pensamento esboçado. No intuito de facilitar o acompanhamento à leitura que fazemos dos fragmentos manuscritos, inserimos o símbolo -* para distinguir quando uma nova nota será analisada no corpo de nosso texto.

3.1.1 Formulações de cunho teórico

Ao mesmo tempo em que toma como pressuposto o fato de que “nenhuma espécie de unidade é dada naturalmente” (SAUSSURE, 2004, p. 28), e que interroga “como se procederá para estabelecer as unidades?” (idem, p. 28), Saussure parece ser norteado, implicitamente pela seguinte questão: qual o elemento mais irreduzível da estrutura de uma língua? Ou, dito de outro modo, o que é mais elementar, essencial, na constituição de uma língua? Ele afirma que “a presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura” (SAUSSURE, 2004, p. 27 – grifo no original), e complementa que “é fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes” (idem, p. 27 – grifo nosso). Ou seja, ainda que o elemento mais irreduzível de uma língua possa ser a *presença de um som*, ela, por si só, não confere valor ao elemento sonoro (no caso); o valor é constituído a partir da oposição da presença desse som à presença de outros sons no sistema. De que serviria uma “língua” cheia de ondas sonoras, sem que relação alguma se estabelecesse entre elas? Obviamente não se trataria de uma *língua*, mas de uma “massa amorfa de sons”. É por isso que, para Saussure, um *estado de língua* é criado com base no “princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS” (idem, p. 27).

Saussure não toma o “som em si mesmo”, a materialidade sonora, *strictu sensu*, como unidade de análise ou como o elemento mais irreduzível de uma língua; para ele, é fundamental o fato de que esse elemento sonoro se revista de valor, como resultado das relações do/no sistema. É em torno desse entendimento sobre a delimitação da unidade linguística que o manuscrito DEDL é, teoricamente, construído.

Na nota intitulada, de próprio punho por Saussure, como “*Natureza do objeto em linguística*”, ele discorre sobre a complexidade das entidades linguísticas em sua inerente dualidade:

(...) não há nenhuma entidade linguística, entre as que nos são dadas, que seja *simples* porque, mesmo reduzida a sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a por exemplo, ao domínio dos fatos físicos (SAUSSURE, 2004, p. 23 – grifo do autor).

Há uma exigência por parte das entidades linguísticas, aponta Saussure: não contestar nem esquecer a dualidade “signo-significação” nelas implicada. Nesse excerto vemos também indicado um lugar para as entidades quando essa exigência não é observada. As entidades podem ter uma “existência linguística” ou não, restando, em se tratando deste último caso, relegadas ao domínio dos fatos físicos, e subsistindo em sua forma de figura vocal¹⁰⁷ (material). Para existir linguisticamente, é necessário que a entidade leve em conta, ao mesmo tempo, segundo Saussure, “um signo e uma significação”¹⁰⁸.

O aspecto material que torna evidente o princípio da negatividade e da distintividade linguísticas, não está, contudo, a serviço exclusivo da *significação*. Da teorização de Saussure, abarcando a dualidade e a noção de valor para estabelecer um ponto de vista a partir do qual encontrar a unidade “mais irreduzível da estrutura de uma língua”, depreendemos que a razão de ser do aspecto material, da materialidade, não está em si mesma mas em que essa seja significativa, que tenha valor. Ou seja, a materialidade pode, ou não, ser significada em um sistema linguístico.

¹⁰⁷ Em artigo intitulado “O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem” Stawinski (2019) interessa-se particularmente pela reflexão de Saussure sobre o aspecto material necessário à língua, e observa, ao longo de seu texto, as passagens em que o linguista lança mão da expressão “figura vocal” (STAWINSKI, 2019, p. 72).

¹⁰⁸ “Signo” aqui parece compreender o valor de *significante*, e “significação” o de *significado*; esse é um exemplo da “flutuação terminológica” percebida nos manuscritos saussurianos. Assim como evidenciamos mais adiante na nota 109, acerca da flutuação de valores envolvendo o termo “signo”, por vezes o termo “significação” oscila também: ora como contraparte do signo, o “significado”, ora como “valor”.

Duas maneiras de se tomar a materialidade são instauradas pelo fato de a linguagem se fundamentar, incessantemente, numa essência dupla - no aspecto material como tal, e no aspecto material como signo: 1) em si mesma, ou 2) como *significante* (abarcando a dualidade *signo-significação*). A tônica da teorização, da metodologia de trabalho e das análises de Saussure, em DEDL, está justamente nessa segunda maneira, ou seja, numa ênfase à *materialidade significada*. É ela que vai importar para o linguista (para o genebrino e para nós, seus legatários).

- * -

Outra nota autográfica de Saussure tem como tema a questão de um “dualismo profundo que divide a linguagem”. Da comparação entre as duas versões da referida nota saussuriana sobre esse “dualismo profundo”, a estabelecida por Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2004) nos ELG, e a estabelecida por Amacker (SAUSSURE, 2011) no *Science du Langage*, encontramos poucas diferenças formais e de conteúdo. Nesse sentido, fazemos coro às palavras de Castro (2016), na leitura que faz dos manuscritos saussurianos, em específico da nota numerada como 372/9:

Sem considerar as diferentes escolhas feitas pelos editores no estabelecimento dos respectivos textos – mantendo ou não as hesitações de Saussure -, é possível dizer que não há diferenças significativas de conteúdo entre o original e as edições de Amacker e a de Bouquet e Engler (CASTRO, 2016, p. 58).

Assim, a explicação, em linhas gerais, sobre o princípio do dualismo na nota selecionada, pouco difere numa ou noutra versão. No entanto, as notas e comentários acrescentados por Amacker em sua edição crítica (imagem 3 abaixo) nos permitem enxergar os seguintes aspectos, que a versão dos ELG nem ao menos faz suspeitar:

- a) pode-se inferir que Saussure tinha bastante interesse sobre esse dualismo, do contrário não teria anotado “para manter” (*a conserver*) a reflexão que empreende em seguida¹⁰⁹;
- b) Saussure, ao que a nota de rodapé nº 3 (SAUSSURE, 2011, p. 87) contendo uma frase suprimida mostra, parecia suspeitar de que esse dualismo profundo gera

¹⁰⁹ Essa observação (cf. nota de rodapé nº 18, in SAUSSURE, 2011, p. 86) é explicitada como uma das mais de 390 divergências que Amacker elenca em relação aos ELG como um todo, na Introdução de seu *Science du Langage* (idem, p. 39).

“*efeitos inesperados*”; justamente porque a frase foi suprimida, não podemos saber a que efeitos ele se referia;

c) ao explicar onde reside o dualismo, em dois trechos a flutuação terminológica de Saussure para lidar com esse aspecto é evidenciada:

c.1) ao “fenômeno vocal COMO TAL”, ele suprime a expressão “como fato”, talvez porque em seguida irá utilizar esse mesmo termo para designar os aspectos “físico” do som e “mental” da significação – ambos *fatos* (cf. nota de rodapé 4);

c. 2) ao abordar o fato subjetivo, ele suprime “psíquico” e opta por *mental* (cf. nota de rodapé 6). *Psíquico* aparece em seguida, quando ele explica os dois domínios, o interior em específico, e o exterior.

86	Science du langage	De la double essence du langage	87
<p>d'une signification, et que [2.10] l'oublier revient directement à l'oublier son existence linguistique, en la rejetant par exemple dans le domaine des faits physiques.</p> <p>³ que si l'unité de chaque fait de langage résulte déjà d'un fait complexe consistant dans l'union de deux faits, elle résulte de plus d'une union d'un genre hautement particulier : en ce qu'il n'y a rien de commun, dans l'essence, entre un signe et ce qu'il signifie.</p> <p>⁴ que l'entreprise de classer les faits d'une langue se trouve devant ce problème : de classer des <i>accouplements d'objets hétérogènes</i> (signes-idées), nullement ¹², comme on est ¹³porté à le supposer, de classer des objets simples et homogènes, ¹⁵ce qui serait le cas si on avait à classer des signes ou (des) ¹⁶idées. Il y a deux grammaires, dont l'une est partie de l'idée, et l'autre du signe; elles sont fausses ¹⁷ou incomplètes toutes deux.</p> <p>37. [2.11] (ELG p. 20-21) {A conserver}¹⁸ Le dualisme profond qui partage le langage ne réside pas dans le dualisme du son et de l'idée, du phénomène vocal et du phénomène</p>		<p>mental : c'est là la façon facile et pernicieuse de le concevoir³. Ce dualisme réside dans la dualité du phénomène vocal COMME TEL, et du phénomène vocal COMME SIGNE — du fait physique (objectif) et du fait physico-mental (subjectif), nullement du fait « physique » du son par opposition au fait « mental » de la signification. Il y a un premier domaine, intérieur, psychique, où existe le signe autant que la signification, l'un indissolublement lié à l'autre; il y en a un second, extérieur, où n'existe plus que le « signe »; mais à cet instant le signe ¹¹réduit à une succession d'ondes sonores ne mérite pour nous ¹²que le nom de figure vocale.</p> <p>38. [2.15-16] (ELG p. 22-23) [2.15] Celui qui se place devant l'objet complexe qu'est le langage pour en faire son étude, abordera nécessairement cet objet par tel ou tel côté, qui ne sera jamais tout le langage en le supposant très bien choisi, et qui peut s'il est moins bien choisi n'être plus même de l'ordre linguistique ou représenter une confusion de points de vue inadmissible par la suite.</p>	
<p>¹ [si l'on] (2.10) ² [sa] cette/ ³ l'oublier/ ⁴ [la supprimer] ⁵ linguistique/ ⁶ [3° que la dualité de chaque fait de langage et qui forme l'unité de chaque] ⁷ d' → de (par surcharge, non biffé) + [une dualité] → [la] [complexité] → [l'] fait [complexe] consistant dans l'union [complexe] de 2 faits/ ⁸ [dualité] → [complexe] → [union] ⁹ [très] ¹⁰ [la classification des faits de [g] langage + [sera] → est un domaine] ¹¹ La parenthèse ouvrante corrige une virgule. ¹² [de classer des objets] ¹³ [consl] (probable début de constamment). ¹⁴ [ces (?)] → des (par surcharge). ¹⁵ ce qui serait le cas si on avait à classer/des/ ¹⁶ La correction précédente impose cette adjonction. ¹⁷ ou incomplète/ (sic). ¹⁸ Jalon noté dans la marge supérieure, à gauche, dans un cartouche partiel.</p>		<p>¹ [du jeu de] ² [le] ³ [ce dualisme, qu'on retrouve avec les effets les plus inattendus, au fond, et] (après cette correction, FdS a mis le point, en avant du texte biffé). ⁴ [c'est-à-dire comme fait] ⁵ [subjectif] (je supprime une virgule qui précède). ⁶ [psychique] → [mental (subjectif)] ⁷ [ml (?)] + [si l'on veut] → [tant qu'on voudra] + [MAIS NON en revanche] → [nullement] ⁸ [du son/ ⁹ [de la signification/ ¹⁰ [intérieur] ¹¹ [s'appelle] → [réduit à 1 succession d'ondes sonores] [ne mérite] ¹² [une] → [que le nom de] ¹³ [l'] objet de] ¹⁴ [plus ou moins bien choisi] ¹⁵ [à le sup] ¹⁶ [n'être rien du tout [pour le] au fond pour le langage si] ¹⁷ [l']</p>	

Figura 6: Nota sobre o *dualismo profundo* na edição de Amacker (SAUSSURE, 2011, p. 86 e 87)

Uma vez que não se constitui como um objetivo específico, nesta tese, empreender uma análise comparativa aprofundada das diferenças e semelhanças entre as duas formas como esse texto manuscrito saussuriano foi estabelecido, não desenvolveremos em mais detalhes as observações elencadas acima. Tão somente

destacá-las já é suficiente para mostrar que as leituras e interpretações a um texto manuscrito estabelecido são inúmeras e variadas, e a que aqui trazemos é apenas mais uma, dentre várias outras possíveis.

Destacamos ainda que, no que diz respeito à versão estabelecida por Bouquet e Engler, um encaminhamento interpretativo à noção de dualismo é expressada no título da nota, não original saussuriano, acrescentado, portanto, como o mostram os colchetes, pelos editores: 2d [*Princípio de dualismo*]. Em nenhum trecho deste parágrafo autográfico encontramos a ocorrência do termo “princípio”. Contudo, uma vez que Saussure apresenta uma noção – *dualismo* – atrelada à linguagem e suas diferentes ordens de fenômenos – *vocal, objetiva, subjetiva* – e a distintos domínios – o *interno* e o *externo* -, a escolha do termo “princípio” por Bouquet e Engler a essa orquestração nocional explicativa de Saussure não é, a nosso ver, incabível. Afirmamos, inclusive, que a senda interpretativa sugerida por ela indica um caminho interessante a ser percorrido: ao dualismo subjaz um *princípio*.

Passamos agora à análise de seu conteúdo propriamente dito, ou, a uma “busca no interno das questões levantadas” (CASTRO, 2016, p. 55). A nota registra o seguinte texto:

2d [*Princípio de dualismo*]

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciososa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo”, mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (SAUSSURE, 2004, p. 24 – grifos no original).

Da primeira frase dessa nota, percebe-se que, para Saussure, a linguagem pode ser concebida, vista, a partir de dualismos. O dualismo “som-ideia” é um deles, mas, de acordo com Saussure, essa maneira de conceber o dualismo é “fácil e pernicioso”. Assim, ao tratar do “dualismo profundo que divide a linguagem”, ele não está tratando do dualismo “fenômeno vocal – fenômeno mental”. O dualismo profundo é concebido em relação ao fenômeno vocal, e à maneira dual, logo complexa, de abordar esse fenômeno.

Julgamos importante destacar que Saussure menciona, em outro manuscrito, diferentes dualismos frente aos quais a linguagem pode ser abordada. Em “Notas para o curso II”, constante também nos ELG, encontramos a seguinte afirmação sobre a “redução da linguagem a dualidades”, acompanhada de uma breve exemplificação (inacabada):

2a [Notas para o curso II (1908-1909): Dualidades]

A linguagem é redutível a cinco ou seis DUALIDADES ou *pares de coisas*.
[...]

III. A lei de Dualidade continua intransponível.
Primeiro par, ou *dualidade*: os dois lados psicológicos do signo.
[...]

Segundo par, ou dualidade: indivíduo/massa.
[...]

O terceiro par de coisas é constituído pela língua e pela fala (o signo, previamente duplo pela associação interior que ele comporta e duplo por sua existência em dois sistemas, é entregue a uma dupla manutenção).
[...]

Dualidade:
Fala | Língua
Vontade Individual | passividade social
Aqui, pela primeira vez, questão de duas Linguísticas.
(SAUSSURE, 2004, p. 258 – grifos no original).

Das cinco ou seis dualidades mencionadas nessa nota, apenas três delas são elencadas, e somente a terceira, a dualidade fala-língua é desenvolvida um pouco mais (talvez por comportar ela mesma, outras ordens de dualidades em seu funcionamento – a dualidade do signo, dos sistemas, e de sua manutenção). Além dessa nota explícita sobre as dualidades da linguagem, é possível encontrar, a partir da consulta ao *Index Rerum* dos ELG, um total de nove (9) ocorrências para o termo “dualidade”, e duas (2) para o termo “dualismo”. A maioria dessas ocorrências consta nas notas dos manuscritos reunidos sob o título “*Sobre a essência dupla da linguagem*” (Acervo BPU 1996), do que podemos inferir que o princípio geral da essência dupla abarca as noções específicas de *dualidade* e *dualismo*, ou que essas noções compõem o princípio da essência dupla da linguagem.

Retomando a nota sobre o “dualismo profundo”, encontramos uma pertinente interpretação ao conceito de *forma* na leitura que Stawinski (2016) faz dela, na abordagem ao som como elemento linguístico. Diz a pesquisadora que

ao estabelecer que o dualismo da linguagem não se dá na relação som-ideia, só vemos reforçar a noção de que som e forma são conceitos bastante distintos. O som não é da alçada da linguística, é o fenômeno vocal COMO TAL, tomado à parte do jogo semiológico. Já o fenômeno vocal COMO SIGNO delimita a

entrada do som como elemento linguístico: a partir daí, pode-se considerá-lo como um fenômeno mental. Certamente, esta divisão entre o que é som puro do que é significante só pode ser feita com vistas a compreender estes conceitos. Afinal, a forma só é passível de ser apreendida pela materialidade que lhe serve de representação (STAWINSKI, 2016, p. 61).

Nesse excerto vemos que a pesquisadora estabelece uma distinção entre “som” e “forma”. *Forma*, em Saussure um conceito específico, é um significante linguístico quando sustentado por uma materialidade (a vocal/sonora, por exemplo) e ligado a um significado. Aqui Stawinski argumenta, em concordância com Saussure, que o som é uma materialidade passível de ser significada. Nosso intuito, ao tangenciar o conceito de “forma”, é compreender a dualidade do fenômeno vocal, trazida por Saussure, justamente em relação à essa materialidade sonora. O esquema abaixo visa ilustrar a dualidade inerente ao fenômeno vocal, mencionada por Saussure em sua nota sobre o dualismo profundo que divide a linguagem:

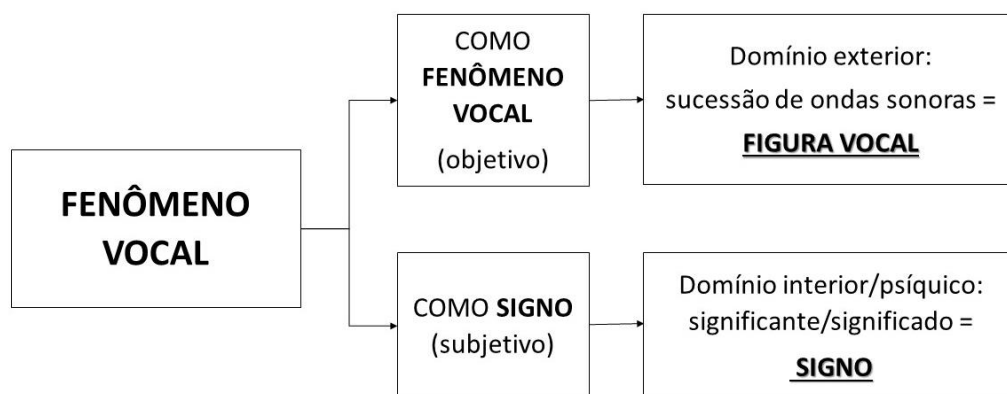


Figura 7: Dualidade do fenômeno vocal (Fonte: a autora)

O esquema evidencia, além da dualidade do fenômeno, os dois domínios citados por Saussure: o domínio exterior e o domínio interior. Uma vez que ele está tratando do dualismo profundo que divide a linguagem, não seria incoerente dizer que os domínios a que ele se refere são domínios *da linguagem*. Com isso, não estamos dizendo que a linguagem seja exterior ou interior ao falante que a mobiliza, isso não está em questão aqui. Ao enfatizar os dois diferentes domínios em relação à linguagem, só fazemos reforçar sua qualidade, também mencionada no *Curso*, “multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios (...)” (SAUSSURE, 2006, p. 17). É porque o fenômeno vocal é dual, que a existência desses dois domínios é possível, nos quais também a linguagem se manifesta. Retornando ao texto da nota, vemos que:

Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o **signo** assim como a significação, um indissolúvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “**signo**” mas, nesse momento, o **signo** se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (SAUSSURE, 2004, p. 24 – grifos nossos).

É importante ressaltar que, nesse parágrafo, há três usos diferentes para a palavra “signo”, conforme destacamos na citação: 1) em relação ao primeiro domínio, “onde existe o signo assim como a significação, um indissociavelmente ligado ao outro”, entendemos que “signo” tenha o valor como em outras ocorrências nos manuscritos saussurianos encontramos para “significante”¹¹⁰; assim, significante e significação (ou, significado), no domínio psíquico, interior, estão indissolúvelmente ligados; 2) ao referir o signo no domínio exterior especificamente, Saussure faz uso de aspas junto ao termo; isso pode indicar uma relativização do mesmo, sugerindo que “signo”, no domínio exterior seja apenas a porção “significante”; 3) complementa Saussure, que aí “o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras”; essa é a terceira ocorrência do termo signo para designar, nesse caso, o aspecto material, ou, o fato físico presente na dualidade. *Signo*, usado com valor de *significante*, não é uma exclusividade dessa nota manuscrita, e a luz a esse importante detalhe está aqui à serviço da delimitação da noção de “signo” em distinção à de “figura vocal”, que são as noções de “chegada” da referida nota.

Assim, *signo* e *figura vocal*, são noções bem diferentes e estão ambas implicadas no *fenômeno vocal*, o qual, por sua vez, integra a linguagem. A análise trazida por Stawinski sobre a “identidade” dessa figura vocal é pertinente justamente porque com ela é possível distinguir figura vocal de *forma* linguística, mencionada anteriormente:

Por ser apenas sonoridade pura, a figura vocal tem sempre a mesma identidade, pois existe “independentemente de toda língua” (SAUSSURE, 2004, p. 28). Por isso, dizemos que é desprovida de valor, já que independe de qualquer emprego: “Admitir a forma fora de seu emprego é cair na figura vocal que pertence à fisiologia e à acústica” (Ibidem, p.33). Quando a figura vocal adentra na esfera do sistema, já não é mais figura vocal: é forma. É o significante do signo linguístico (STAWINSKI, 2016, p. 61).

¹¹⁰ Ao tratar do “signo”, como um “conceito escorregadio”, Simon Bouquet refere em uma nota que não é raro encontrarmos nos manuscritos saussurianos a ocorrência do termo com duas acepções, e por vezes, no seio de uma mesma frase (BOUQUET, 2000, p. 229). À “flutuação” terminológica em Saussure, quanto a significante = signo, caberia uma investigação mais detalhada. Além de Bouquet (2000), Matsuzawa (2012) e Arrivé (2010) também abordam essa questão. Ressaltamos, enfim, que, nos manuscritos saussurianos, “signo”, muitas vezes significa “significante”, assim como em outras vezes indica o conjunto “significado + significante”.

Para ilustrar a abordagem dual ao fenômeno vocal, Stawinski (2016) menciona o fato de que “quando ouvimos uma língua completamente desconhecida, não temos acesso ao som com valor linguístico, mas apenas ao som como fenômeno físico” (p. 48), e porque desconhecemos o significado, o som não é significante, e escutamos¹¹¹ apenas uma “sucessão de ondas sonoras”. Se, para Saussure, o som, na língua, não tem existência por si mesmo, ou seja, fora da relação de representação que o material sonoro produz no jogo de valores linguísticos (conforme STAWINSKI, 2016, p. 44), perguntamo-nos se, e, em que condições, o gesto, na língua, teria existência por si mesmo, o que analisaremos detalhadamente na seção seguinte.

- * -

A abordagem aos fatos da linguagem repercute nas formulações teóricas de Saussure, e “domínios” passa a ser um dos termos organizadores de sua reflexão. Uma nota, por exemplo, registra: “*Domínio fisiológico-acústico (não linguístico) da figura vocal (que se impõe como igual a si mesma, independentemente de toda língua)*” (SAUSSURE, 2004, p. 28 – grifos no original). Em outra, ele distingue três (3) domínios:

- I. Domínio não linguístico do pensamento puro, ou sem signo vocal e fora do signo vocal, que se compõe de quantidades absolutas.
- II. Domínio linguístico do *signo vocal (Semiologia)*: nele também é inútil querer considerar a ideia fora do signo e o signo fora da ideia. Esse domínio é, ao mesmo tempo, o do *pensamento relativo*, da *figura vocal relativa* e da relação entre os dois.
- III. Domínio linguístico do som puro ou daquilo que serve de signo considerado em si mesmo e fora de qualquer relação com o pensamento = FONÉTICA. (SAUSSURE, 2004, p. 43)

É no que diz respeito ao domínio II, ao qual Saussure também apresenta como “II. Domínio *linguístico do pensamento*, que se torna IDEIA NO SIGNO, ou da *figura vocal*, que se torna SIGNO NA IDEIA: o que não é duas coisas, mas uma (...)” (SAUSSURE, 2004, p. 44), que ele apresenta a implicação mútua entre a concepção de *signo* e de *significação*:

Quem diz *signo* diz *significação*; quem diz *significação* diz *signo*; tomar por base o *signo* (sozinho) não é apenas inexato mas não quer dizer absolutamente nada porque, no instante em que o signo perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal. (SAUSSURE, 2004, p. 44).

¹¹¹ A noção de “escuta linguística” a partir de uma abordagem saussuriana é discutida em Stawinski (2020).

Quando Saussure se refere aos domínios, ele os distingue, e esboça o estabelecimento de diferenças entre eles, em que não deixa de mostrar um esforço metodológico resultante da teorização empreendida: os diferentes domínios ajudam a situar a abordagem ao signo/significação. E, especificamente no domínio linguístico do signo vocal, domínio este semiológico, é que a “totalidade das significações” se torna essencial, bem como suas relações. Logo, se for isolado ou, tomado à parte do sistema, do jogo semiológico, um signo deixa de significar, restando apenas seu “cadáver”¹¹², sua figura vocal/material. Como exemplificaremos mais adiante, alguns tradutores-intérpretes de línguas de sinais, considerados “*fakes*” devido às inadequadas traduções que executam, por vezes fazem exatamente isso: isolam movimentos corporais que deveriam ser significados e estabelecem uma sequência de *figuras* gestuais, não de *signos* gestuais.

-*-

Em determinado ponto de sua reflexão, Saussure esboça expressamente suas interrogações ao estatuto linguístico das entidades vocais, situando-se e partindo da consideração de um aspecto vocal – a entidade vocal: “As entidades da ordem vocal são entidades linguísticas?”

Para resolver essa questão, é preciso se perguntar o que é uma entidade vocal; foi visto que ela consiste na identidade de dois fatos vocais. A identidade de dois fatos vocais é subordinada à presença de uma língua? Não. Fora de toda linguagem humana, *aka* é igual a *āka* e, sendo dada a língua humana, *aka*, em uma língua, é igual a *aka* em outra. Se há diferença é porque as entidades vocais foram separadas muito grosseiramente e porque aí cabe estabelecer duas onde não se via senão uma. Por conseguinte, as entidades da ordem vocal não são entidades linguísticas. (SAUSSURE, 2004, p. 34)

Essa linha de raciocínio desenvolvida por Saussure é muito interessante. Ele formula inicialmente uma pergunta - “As entidades da ordem vocal são entidades linguísticas? ” -, problematiza a própria pergunta, inserindo ainda mais uma questão – “A identidade de dois fatos vocais é subordinada à presença de uma língua? ” - e ao final apresenta sua resposta: “as entidades da ordem vocal não são entidades linguísticas”. Agora, o encadeamento dessa reflexão de Saussure merece nossa atenção: a **identidade** entre dois fatos vocais, que constitui uma **entidade** vocal, não é

¹¹² Cabe mencionar que dentre o levantamento, feito por Milano (2020), das menções à noção de *signo* constante nos ELG, encontra-se a referência de Saussure inclusive ao termo “cadáver” (SAUSSURE, 2004, p. 96).

subordinada à presença de uma língua. Se retiramos a função linguística, as entidades vocais subsistem, logo, elas não são, em essência, entidades linguísticas, e é isso o que configura igual identidade à sequência de sons a-k-a em qualquer língua.

Essa observação nos leva a concluir, junto com Saussure, que no domínio fisiológico-acústico, a identidade entre os materiais não é uma entidade linguística. Ele afirma ainda que “tomar a língua pelo lado do fenômeno vocal é, certamente, a maneira mais simples de abordá-la, a tal ponto que, na realidade, (...) nem chega a ser uma maneira de abordá-la” (SAUSSURE, 2004, p. 34). Ainda que admitamos esse procedimento, ele afirma que

é extremamente evidente que (...) é impossível refletir sobre os INDIVÍDUOS dados, para em seguida, generalizar; que, ao contrário, em linguística, é preciso *começar generalizando* para se obter qualquer coisa que faça as vezes do que é, alhures, o indivíduo (SAUSSURE, 2004, p. 34 – grifos no original).

Ainda que o fenômeno vocal integre a língua, constitua um de seus “lados”, ele não é um ponto de partida para a análise linguística. Ou seja, a abordagem à língua via fenômeno vocal, ainda que simples, não constitui um ponto de vista linguístico, porque dessa maneira se partiria de um dado inicial simples, e como vimos não há entidade que seja simples/positiva em linguística: os dados não estão dados, e “é preciso começar generalizando” para se identificá-los. Não ficamos sem parâmetro porque Saussure explicita qual a “base necessária” para o trabalho do linguista: “A noção de identidade será a base necessária, a base que serve de absoluta: é só por ela e com relação a ela que se chega a determinar, depois, as entidades de cada ordem, os termos primeiros que o linguista pode, legitimamente, acreditar ter diante de si” (SAUSSURE, 2004, p. 34).

Assim, as *entidades da* ordem vocal, não são entidades linguísticas. Linguisticamente, o que importa é a *identidade na* ordem vocal. A ordem vocal (ou, ordem material) está dada, e existe mesmo alheia à sistematização de/por uma língua. Agora, de um ponto de vista linguístico, o que se pode verificar e o que realmente interessa é a identidade na ordem vocal/material inerente à língua.

Tudo o que é considerado idêntico forma, por oposição ao que não é idêntico, um *termo finito*, que ainda não é definido e que pode ser qualquer um, por exemplo, um termo complicado *akarna*, etc., mas que representa, pela primeira vez, um objeto cognoscível, enquanto que a observação dos fatos vocais particulares, fora da consideração de identidade, não descobre nenhum objeto. (SAUSSURE, 2004, p. 34)

É difícil não nos lembrarmos da noção saussuriana de *valor* linguístico, como vimos no capítulo 1, ao nos depararmos com uma nota como essa. A constatação de que a “observação dos fatos vocais, fora da consideração de identidade, não descobre nenhum objeto”, assemelha-se ao postulado da impossibilidade de consideração da significação fora da relação de valor que sustenta o sistema linguístico. Nessa nota, em específico, vemos Saussure formulando um caminho para a consideração da identidade: a via é opositiva, negativa, e diferencial, e dela surge um “termo finito” que representa um “objeto cognoscível”.

Essa reflexão teórica culmina com uma síntese da abordagem à noção de identidade em relação aos fatos vocais (materiais):

Sendo assim constituído e reconhecido, em nome de uma identidade que nós estabelecemos, um determinado ser vocal, depois milhares de outros que são obtidos graças ao mesmo princípio, pode-se começar a classificar os esquemas de identidade de todo tipo que tomamos, e somos obrigados a tomar, por fatos primeiros particulares e concretos, embora, em sua diversidade infinita, eles sejam, cada um o resultado de uma vasta operação anterior de generalização. (SAUSSURE, 2004, p. 35).

Essa nota é ilustrativa do movimento de suspensão/abstração da materialidade, ao mesmo tempo em que conserva/concretiza sua existência e lugar na abordagem linguística: um “ser vocal”, por não ser dado, é constituído e reconhecido a partir da noção de identidade que nós estabelecemos (e daí surge a possibilidade de classificação à “esquemas de identidade”, os mais variados) ao mesmo tempo em que, ainda que procedendo anteriormente à generalização, somos obrigados à toma-lo por fato particular e concreto. A “concretude” linguística, portanto, se fundamenta na abstração da identidade entre os fatos vocais/materiais.

E essa síntese apresentada por Saussure, tem uma implicação metodológica que não cabe postergar para a próxima subseção, haja vista o encadeamento da reflexão aqui – e no texto do manuscrito – apresentada. Nosso destaque será para a última frase dessa longa citação, contudo, para uma melhor compreensão da reflexão que ela propõe, a trazemos na íntegra. Qual seja:

Nós diferimos, desde o princípio, dos teóricos que pensam que se trata de apresentar uma ideia dos fenômenos da linguagem ou daqueles, já mais raros, que procuram situar as operações do linguista em meio a esses fenômenos. Nosso ponto de vista é, com efeito, que **o conhecimento de um fenômeno** ou de uma operação do espírito **supõe, antes, a definição de um termo qualquer**; não a definição ocasional que se pode sempre dar de um termo relativo com relação a outros termos relativos, girando eternamente num círculo vicioso, mas **a definição consequente que parte**, num ponto qualquer,

de uma base não digo absoluta, mas **escolhida expressamente como base irreduzível para nós, e central de todo o sistema. Imaginar que se pode prescindir, em linguística, dessa salutar lógica matemática, sob o pretexto de que a língua é uma coisa concreta que “vem a ser” e não uma coisa abstrata que “é”, é, segundo creio, um erro profundo**, inspirado, no início, pelas tendências inatas do espírito germânico. (SAUSSURE, 2004, p. 35 – grifos nossos).

Parece que aí Saussure está formulando o que no CLG aparece como *o ponto de vista cria o objeto*; ou seja, o objeto não antecede um ponto de vista. Se ele antecedesse, ou se ele prescindisse de um ponto de vista, a língua poderia ser tomada como uma coisa concreta que “vem a ser”. Saussure aponta para a existência de uma “lógica matemática” nessa operação do linguista, qual seja: o conhecimento de um fenômeno da linguagem supor a definição consequente, que parte de uma base irreduzível, de um termo qualquer, compreendendo que a língua é uma coisa abstrata que “é”. Com esse entendimento, vemos que o aspecto material da língua é condicionado (e condicionante) à definição opositiva, negativa e diferencial dos termos. O ponto de partida para a concepção linguística reside na identidade entre os fatos materiais, e não na materialidade propriamente dita.

- * -

O conceito de “forma” é um dos principais conceitos do manuscrito DEDL. Saussure, em diversas passagens, lida com esse conceito, inclusive esboçando definições para ele, explicitando sua natureza e suas características em distinção ao que ele chama de “figura vocal”. A nota que segue é exemplar nesse sentido:

Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada (...). Ela não tem, necessariamente, “um sentido” preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que *é*; que, além disso, não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração. (Eu duvido que se possa definir a forma com relação à figura vocal, é preciso partir do dado semiológico) (SAUSSURE, 2004, p. 37 – grifos no original).

Ou seja, Saussure duvida de que haja relação entre a figura vocal e a forma, como se fossem ‘coisas’ diferentes que se pudesse relacionar. Ele aponta ser preciso partir do dado semiológico, ou seja, da consideração de que a forma é uma figura vocal existente e delimitada; isso tudo na “consciência dos sujeitos falantes”. Com essa afirmação, Saussure expressa uma perspectiva teórico-metodológica que supõe o

falante. A análise feita por Stawinski (2019) contribui para a compreensão da presença do sujeito falante na passagem “materialidade - figura - forma linguística”:

A existência não está na concretude, na materialidade por si só (o que vincularia a existência da língua a sua representação ou reprodução). A existência da língua é vislumbrada na identidade, no valor operado pelas unidades na cadeia falada. Como bem aponta Milano, “la portion matérielle vaut plus pour produire des différences (et des oppositions) que parce qu’elle porte de la matérialité phonique en soi; le *signifiant* n’est donc pas le son” (MILANO, 2017, p. 88). A cadeia falada atesta o valor, reconhecido, a cada execução, por um sujeito falante. Esse reconhecimento só ocorrerá quando o que poderia ser meramente uma figura vocal é, na realidade, *forma* na língua (...) (STAWINSKI, 2019, p. 80).

À título de ilustração, podemos pensar no que acontece quando um ouvinte, falante de uma língua oral, começa a aprender e a se apropriar de uma língua de sinais: ele começa a se tornar consciente de que as “figuras gestuais” podem ser formas linguísticas, em que um “corpo-em-ação”, tão somente, passa a ser visto semiologicamente. Esses movimentos corporais/figuras gestuais não têm um “sentido preciso”, mas eles são percebidos como algo que é. Nesse sentido, modificar o que quer que seja na exata configuração da forma, implica em ela deixar de ser, não ser mais a mesma coisa linguística. A comparação que Saussure faz da transformação da figura vocal em forma, ao içamento de uma bandeira num navio também é ilustrativo da relação que há entre materialidade e significação:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um *pedaço de pano*, jogado no fundo do navio, se torna um *sinál* no instante em que é içado 1º entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para uma significação; 2º entre cem outros que *poderiam* ser içados, e cuja lembrança não contribui menos para a [] (SAUSSURE, 2004, p. 38 – grifos no original).

A figura gestual só se torna uma forma quando é introduzida no jogo de signos, na língua. Aí está o princípio do dado semiológico, e o ponto de onde partir, para definir a forma. Interessante que com essa análise comparativa às bandeiras de um navio Saussure ilustra como partir do dado semiológico, mencionado anteriormente. A consideração do lugar onde se encontra o “pedaço de pano” - jogado ao chão ou içado no mastro do navio – constitui também seu valor: ele passa a ser relacional (opositivo e diferencial).

Em uma nota intitulada originalmente como “*Da essência, etc*”, cujo enfoque está no caráter distintivo do valor dos signos de uma maneira geral, Saussure elenca a diversidade de “fatos” que podem ser considerados *signo*. Vejamos:

Toda espécie de signo existente na linguagem (1º o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado “som” de língua; ou signo não vocal, como “o fato de pôr tal signo antes de tal outro”) tem um valor *puramente*, por conseguinte, não positivo, mas, ao contrário, essencialmente, eternamente NEGATIVO (SAUSSURE, 2004, p. 46 – grifos no original).

Tudo o que Saussure registra entre parêntesis revela a singularidade e abrangência em sua maneira de considerar os signos. Há quem restrinja a abordagem saussuriana de *signo* tão somente à *palavra*, principalmente devido ao fato de haver, tanto no *Curso* quanto nos *Escritos*, várias passagens em que isso é evidenciado; outros leitores de Saussure, no entanto, apontam para uma elasticidade em relação à noção de signo¹¹³. Vemos, por exemplo, que Saussure menciona o “signo vocal” e o “signo não-vocal”. E é interessante perceber que, para ele, o ordenamento sintagmático dos signos é um exemplo de signo não-vocal, e que, nesse caso, *não-vocal* não remete a um aspecto *material*. Apesar disso, ele refere também, além de sufixos, pronomes e raízes, um determinado “som” de língua como sendo signo (ainda que “destituído de qualquer significação completa ou complementar”). O fato de ele considerar um “som” de língua como signo, abre a possibilidade para considerarmos um “gesto” de língua igualmente um signo. Seja como for, “som” signo ou “gesto” signo só adquirem valor na linguagem, essencialmente, pela via da negatividade, e não por si mesmos, por suas características intrínsecas sonoras ou gestuais.

A explicação de Saussure sobre “a essência” não se limita ao enfoque à negatividade. Ele prossegue, na mesma nota, afirmando que:

A base perceptível, que é o primeiro e o último fundamento de qualquer espécie de consideração linguística, histórica, filosófica, psicológica, não é
 - nem a forma, nem o sentido,
 - nem em terceiro lugar, a união indissolúvel da forma e do sentido,
 - nem 4º a diferença dos sentidos,
 - mas é 5º a diferença das formas.
 (SAUSSURE, 2004, p. 46)

¹¹³ Milano (2016), em um percurso de leitura acerca do fonema no CLG, nos ELG e também no manuscrito *Phonétique*, trata a respeito do “tamanho” da unidade que pode ser considerada signo em Saussure.

Assim, o fundamento de qualquer análise/estudo linguístico (ou de outras ciências humanas) se dá sobre a base apreensível da diferença das formas, ou dito de outro modo, a diferença das formas é a base perceptível que fundamenta qualquer estudo linguístico. A base não é a forma, é a *diferença das formas*. Mas para estabelecer essa diferença, necessário é compreender o que é uma *forma*.

- * -

Saussure afirma que o que se chama de *forma* é


uma figura vocal que é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes*. (A segunda menção é, na realidade, supérflua, porque *nada existe* além do que existe para a consciência; então, se uma figura vocal é determinada, ela o é imediatamente.) (SAUSSURE, 2004, p. 47 – grifos no original)

E ele se pergunta: “Por que essa figura vocal é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes?*” (SAUSSURE, 2004, p. 47), e responde que não é pelos **sons** e pelas **sucessões idênticas de sons idênticos** que nela se encontram, como se poderia imaginar à primeira vista, e exemplifica mencionando o fato de que “um homem que vive em *Cher* pode passar a vida inteira sem se dar conta de que o nome de sua província não difere, em seus sons, da palavra que ele pronuncia em *cher ami*” (idem, p. 47 – grifos no original). É bastante interessante observar a reflexão que ele traz em seguida:

Acrescente-se aqui o fato de que se lê uma escrita correntemente sem se duvidar da forma dos signos: assim, a maioria das pessoas interrogadas fica muito embaraçada para reproduzir exatamente a forma de um g (minúsculo redondo) impresso, que cada um lê, todos os dias, cinquenta vezes, se não mil. O fenômeno parece ser exatamente igual ao da inconsciência do som das palavras em si mesmo. (SAUSSURE, 2004, p. 48).

Essa reprodução a que Saussure faz alusão parece se referir à cópia manual, à grafia manual¹¹⁴ mesmo da letra “g”, e ela é “embaraçosa” porque não se tem consciência da *forma* nessa instância ou, nesse nível, de figura vocal (gráfica) pura. Levar a grafia ao pé da letra, literalmente, é “embaraçoso”. É preciso considerar a significação que a forma, então, carrega. Como bem resume Stawinski, “forma é a figura vocal que significa para o sujeito falante. Delimitada como significante, a figura

¹¹⁴ O *CLG*, ao abordar o valor linguístico em seu aspecto material (como vimos no capítulo 1) traz a escrita como um sistema de comparação e apresenta a cópia de diferentes grafias, que parecem ser de

próprio punho de Saussure, para a letra “T”:  (Fonte: SAUSSURE, 2006, p. 138).

vocal ultrapassa o terreno do “som puro” para o terreno da significação” (STAWINSKI, 2019, p. 81). Assim, se lemos sem “duvidar da forma dos signos” gráficos, da mesma maneira falamos e ouvimos sem duvidar da forma sonora dos signos que calcam a oralidade: de forma *inconsciente* à materialidade em si mesma. Por semelhante modo, não podemos “duvidar da forma dos signos” gestuais, e nesse sentido, a figura gestual, trazida ao terreno da significação, portanto, significada é o que tem valor, é o que carrega e sustenta as diferenças do sistema das línguas de sinais, por exemplo.

- * -

Em comparação ao jogo de xadrez¹¹⁵, Saussure apresenta qual a natureza dos elementos que compõem a língua:

Assim como, no jogo de xadrez, seria um absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a *língua*, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções. (SAUSSURE, 2004, p. 63).

Cada elemento da língua só tem valor por oposição aos outros elementos, de acordo com os princípios convencionais de funcionamento do sistema. Nesse sentido, perguntar-se sobre a inerente natureza dos elementos em si mesmos, aquém de sua natureza relacional é um “absurdo”. Não se toma as peças do jogo de xadrez de forma isolada, e sim dentre as regras e movimentos do jogo. No entanto, como Saussure ressalta em seguida, diferentemente das peças do jogo de xadrez, os materiais da língua sofrem modificações, e isso repercute nas condições próprias da língua:

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que os materiais da língua se transformam e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais seria considerado, escrutinar a natureza exata desses materiais: seria um esforço positivamente inútil. Para compreender a transformação das diferentes peças graças ao tempo, é útil analisá-las em si mesmas. Não é isso que queremos ressaltar, mas, antes, *que em cada época há apenas oposições*, valores RELATIVOS (na realidade, até mesmo convencionais, mas baseados, antes de tudo, na possibilidade de opor dois termos, conferindo-lhe dois valores). (SAUSSURE, 2004, p. 63 – grifos no original).

Saussure frisa que o que lhe interessa não é a mudança material dos elementos da língua no tempo – ainda que sob essa perspectiva esse tipo de análise seja útil -, e

¹¹⁵ O *CLG* registra algumas comparações ao jogo de xadrez, dentre elas com a Linguística interna (SAUSSURE, 2006, p. 31), e ao jogo da língua (*idem*, p. 104).

sim as relações opositivas que há em cada época de uma língua. E ainda que os valores sejam convencionais, eles não deixam de existir sobre a potencialidade das relações de oposição. A mudança a nível material é um fato contingente à língua, e não um fenômeno à parte dela; e ainda que contingente, ela está a serviço da negatividade.

- * -

Saussure distingue dois domínios, e duas abordagens, respectivamente aos fatos da linguagem: o domínio das figuras vocais (fonético) e o domínio dos signos (morfológico). No primeiro “há um limite exato e absoluto entre a alteração indefinida de uma figura e o perfeito aniquilamento dessa figura” (SAUSSURE, 2004, p. 63). Ou seja, é possível divisar a fronteira entre uma figura vocal e outra. Já no segundo, domínio dos signos, diz Saussure ser totalmente impossível distinguir entre a presença, a modificação, ou a aniquilação de um signo:

Presença, ausência ou formas sucessivas têm exatamente o mesmo valor: ou seja, cada uma tem, a cada momento, um valor absolutamente qualquer, impossível de se prever, que vem simplesmente, e de minuto a minuto, do que existe à sua volta. Como o signo primeiro não valeria nada, se não fosse pelos signos ambientes, é inútil se perguntar como os que dele procedem valem isto, não valem aquilo e valem, mesmo, alguma coisa embora, materialmente, tenham deixado de existir – a menos que se decida considerar os signos ambientes que, sozinhos, determinam, com efeito, o valor e a própria existência de cada signo: considerar apenas esse *entourage* é romper francamente com a fonética, é se submeter a entrar no mundo dos signos como coisas significantes e presentes na consciência; por conseguinte, a ignorar sistematicamente todas as circunstâncias etimológicas e retrospectivas, que estão ausentes da consciência” (SAUSSURE, 2004, p. 63 – grifo no original).

Aí Saussure aponta duas possibilidades para a consideração do signo: isoladamente, sozinho, ou num agrupamento. Considerar esse agrupamento é se submeter a entrar no mundo dos signos como “coisas significantes e presentes na consciência”. O “signo primeiro” vale porque o signo ambiente, materialmente, deixa de existir; deixa de ser considerado em sua existência material. Essa citação não deixa de entrever também uma abordagem metodológica: um linguista que olha para uma materialidade não-fônica de língua, a gestual, que é o nosso caso, é convidado também a considerar esse *entourage*, e a igualmente “se submeter a entrar no mundo dos signos”.

Saussure segue essa distinção apresentando um longo exemplo sobre o genitivo plural eslavo, com o qual destaca a diferença fonética entre *modificação* e *zero* como

termos sucessivos no tempo, por oposição à indiferença no domínio morfológico. Ele conclui que,

o essencial está, todavia, em outro lugar, que não as observações precedentes: é preciso voltar sempre a isto, que morfológicamente não há nem *signos* nem *significações*, mas *diferenças de signos* e *diferenças de significações*, 1º que só existem, absolutamente, uns através dos outros, sendo então inseparáveis, mas 2º que não se correspondem diretamente (SAUSSURE, 2004, p. 65 – grifos no original).

Novamente, a reflexão teórica de Saussure culmina na consideração da diferença como critério para a existência dos signos e das significações, em sua inseparabilidade e na sua não correspondência direta. Constatação essa que aponta, também, para a essência dupla da linguagem.

- * -

Ainda sobre o princípio da diferença e da negatividade que opera na língua, Saussure apresenta uma reflexão a respeito do alcance limitado que o uso dos termos tem em relação ao “mundo”, às coisas materiais, aos objetos “concretos”:

Enfim, nem há necessidade de dizer que a diferença dos termos, que faz o sistema de uma língua, não corresponde em parte alguma, mesmo na língua mais perfeita, às relações verdadeiras entre as coisas; e que, por conseguinte, não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente, ou mesmo incompletamente, a objetos definidos, materiais ou não. (...) assim, em momento algum, a impressão que causa um objeto material tem o poder de criar uma única categoria linguística; - só há, então, termos negativos, sendo que em cada um deles o novo objeto está incompletamente contido, ao mesmo tempo que é desmembrado em vários termos. (SAUSSURE, 2004, p. 70).

Como não há correspondência entre a diferença dos termos e a relação entre as “coisas”, do que decorre que os termos não podem ser aplicados a “objetos” (materiais ou não), nenhum objeto material, nem mesmo a *impressão* causada por ele, tem poder de criar categorias linguísticas. Ou seja, o funcionamento na ordem linguística é pautado sobre a negatividade dos termos, e isso justifica a potencial diversidade de que é prenhe a “terminologia”. Saussure continua sua teorização citando um exemplo, além de qualificar a constatação dessa limitação implicada na (não) relação língua-mundo:

(...) isso seria deixar de compreender onde está o poder da língua e só lamentar sua inexatidão. Não se impedirá jamais que uma única e mesma coisa seja chamada, conforme o caso, uma *casa*, uma *construção*, um *prédio*, um *edifício*, (um *monumento*), um *imóvel*, uma *habitação*, uma *residência*, (...). Então, a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de uma outra ordem, indiferente à língua. O tempo todo ela avança e se põe a serviço da formidável máquina de suas categorias negativas, verdadeiramente

desembaraçadas de todo fato concreto e, por isso mesmo, imediatamente prontas a armazenar uma ideia qualquer que venha se juntar às precedentes” (SAUSSURE, 2004, p. 70 – grifos no original).

Do funcionamento da máquina de categorias negativas, nasce o que Saussure denomina da “sinonímia”: “(...) seja qual for o sistema de signos que se ponha em circulação, estabelecer-se-á, instantaneamente, uma sinonímia, já que o contrário é impossível e equivaleria a dizer que não se atribui valores opostos a signos opostos” (SAUSSURE, 2004, p. 72). E é essa sinonímia que ilustra a potencialidade significante da diferença entre as formas linguísticas.

- * -

Para concluir a presente subseção, em que trouxemos vários fragmentos de cunho teórico constantes no manuscrito DEDL, lançamos mão ainda à uma afirmação de Saussure, na qual ele expressa um “pensamento íntimo”:

É de se acatar que a visão exata do que é a língua não leva a duvidar do futuro da linguística. Há desproporção, para esta ciência, entre a soma de operações necessárias para entender racionalmente o objeto e a importância do objeto: assim como há desproporção entre a pesquisa científica do que se passa durante uma jogada e o []. (SAUSSURE, 2004, p. 79).

Para entender racionalmente o objeto da linguística, são necessárias muitas operações, e a reflexão teórica não deixa de ser uma delas. Tanto que nos parece difícil tecermos, neste momento, uma síntese do que até aqui expusemos. Em suma: ainda que a presença de um som, ou, de uma materialidade seja o que de mais irredutível pensamos encontrar na estrutura de uma língua, não é ela quem constitui, em essência, os elementos da língua; o essencial está no dado semiológico, e por isso é preciso partir de sua consideração; isso implica em situar-se no “mundo dos signos”, no qual a materialidade consta apenas como suporte aos efeitos significantes impressos pela consciência dos sujeitos falantes. Tudo o que lemos no DEDL e reafirmamos com Saussure até aqui sobre o som, a figura vocal, e o fônico, pode ser pensado para a materialidade gestual.

3.1.2 Formulações de cunho metodológico

Passamos agora a analisar as formulações saussurianas em DEDL que nos parecem indicar como operar (e também como não proceder) com o princípio da

essência dupla da linguagem, e aquelas em que a atividade, ou atenção ao que o linguista deve ter, é explicitada por Saussure. Ou seja, enfocamos aqui sua reflexão metodológica. Como mencionamos em alguns momentos de nossa leitura à teorização na subseção anterior, a reflexão teórica não é dissociada da reflexão quanto às implicações de ordem metodológica, e vice-versa. Assim, ao abordar a metodologia de Saussure (ou aquela proposta por ele) em DEDL, não desconsideramos o embasamento teórico que ela revela e reclama. Reforçamos ainda o exposto, na introdução a este capítulo, quanto ao fato de que destacamos as notas que seguem, no escopo da presente subseção, no intuito de tornar a leitura analítica do manuscrito mais próxima de nosso objetivo maior neste capítulo, qual seja: o escrutínio do lugar da materialidade na teoria linguística de Saussure. E nesse sentido, novamente enfatizamos, nossa leitura é bastante específica, e por isso, parcial.

Stawinski (2019) destaca o quão imprescindível era para Saussure que encarasse a questão da materialidade, “sob pena de que os estudos do linguista ficassem estagnados em uma concepção diacrônica (estudo da mudança do som ao longo do tempo) ou acrônica (estudo da produção sonora do aparelho fonador)” (STAWINSKI, 2019, p. 78). As implicações metodológicas oriundas do ponto de vista que ele adota sobre a língua, no rastro da abordagem à materialidade, são evidenciadas por algumas de suas formulações em DEDL.

A primeira delas que destacamos está no início do manuscrito, na qual Saussure afirma que: “É errado (e impraticável) opor *forma* e *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (SAUSSURE, 2004, p. 21 – grifos no original). A nota aponta para um erro, bem como para uma impossibilidade prática, em se opor forma e sentido. Ou seja, a reflexão de Saussure está ancorada na maneira como se deve “corretamente” abordar o fenômeno linguístico da/na linguagem: com base na dualidade essencial entre a *figura vocal* e a *forma-sentido*, ou dito de outra maneira, entre a materialidade “como tal” e a materialidade significada. Daí a importância em que as noções de figura vocal e forma sejam distinguidas (como vimos em 3.1.1).

Stawinski explicita o mecanismo de significação, na leitura que faz à referida nota:

Partindo desta consideração, entendemos que o "som como tal" refere-se à materialidade linguística (no caso, a materialidade sonora das línguas orais); em oposição ao "som como tal" teremos o "som como signo" – ou seja, a

unidade linguística, cuja existência depende da associação arbitrária e necessária entre o que, hoje, chamamos significante e significado. Sem tal associação não há signo – não há língua possível (STAWINSKI, 2019, p. 73).

A autora indica também que, no caso das línguas de sinais, a materialidade não seria o “som”, mas o “gesto”. Conforme afirmamos em trabalho anterior “o que importa no sinal não é o gesto em si, mas as diferenças quirêmicas, gestuais que permitem distinguir esse sinal de todos os outros, pois são elas que levam a significação” (FRYDRYCH, 2013, p. 76). Com isso, vemos que o que está em questão é o posicionamento que o linguista deve tomar frente à língua. Stawinski interroga: “o que importará ao linguista será a realização sonora ou os efeitos que esta realização é capaz de produzir na cadeia discursiva?” (STAWINSKI, 2019, p. 78). Certamente que os efeitos repercutem mais no trabalho do linguista do que a realização material da língua em si, mas aqueles não se dão sem o apoio desta.

Saussure aponta ainda para outro erro em relação à natureza das oposições em linguística:

Há, na língua, um lado físico e um lado psíquico. Mas o erro irremissível, (...) é acreditar que o lado psíquico é a *ideia* enquanto o lado físico é o *som*, a *forma*, a *palavra*. As coisas são um pouco mais complicadas do que isso. Não é verdade, é profundamente errado imaginar que há oposição entre o som e a ideia, que são, ao contrário, indissolavelmente unidos pelo nosso espírito. (...) assim, há de um lado, uma *palavra* (entidade física), de outro sua significação (entidade psíquica). Há, na língua, um lado físico e um lado psíquico. Essa verdade de sentido comum tem um sentido que deve ser absolutamente preciso para quem quer estudar a língua: trata-se de saber quais são as coisas a serem dispostas no domínio físico e quais são as coisas a serem dispostas no domínio psíquico. (SAUSSURE, 2004, p. 60 – grifos no original).

Vemos, nessa nota, Saussure apontar o erro e a complicação que há em se equivaler alguns termos de maneira direta – lado psíquico = ideia; lado físico = som/forma/palavra – além de ele precisar a necessidade, que “quem quer estudar a língua” tem, de saber distinguir os elementos ou, os pontos de vista, entre os domínios “físico” e “psíquico”. “Som” e “ideia” não são opostos, são unidos “indissolavelmente”. Daí a pertinência em se diferenciar, teórica e metodologicamente, o som “como tal” e o som “como signo”.

Além disso, ressalta Saussure que “cabe distinguir, na língua, os fenômenos *internos* ou de consciência e os fenômenos *externos*, diretamente detectáveis” (SAUSSURE, 2004, p. 21 – grifos no original). Ora, na língua há duas ordens de fenômenos, que, segundo Saussure, “cabe distinguir”, e não excluir, ou preterir. Ao

consideramos uma língua de sinais, os fenômenos externos, por serem diretamente – visualmente – detectáveis, parecem ter mais proeminência, à primeira vista, do que os fenômenos internos, ou ditos “de consciência”. No entanto, como vimos e, de acordo com o princípio da essência dupla, são os fenômenos de consciência, que constituem juntamente com os anteriores, a *forma* linguística.

- * -

A diferença entre os dois estatutos que o som recebe na teorização saussuriana – som como tal e som como signo – remete à uma metodologia de análise que visa não apenas lidar com o aspecto fisiológico, mas que ao mesmo tempo reforça a necessidade da materialidade, visto que é por meio dela que é possível ao linguista e aos falantes, delimitar as unidades da língua (STAWINSKI, 2019). É aí que a comparação que Saussure faz entre o ponto de vista requerido na atividade do linguista e a abordagem de um químico a uma substância, é pertinente para o estabelecimento do ponto de partida para a investigação linguística.

Diz ele que a atividade e a atenção do linguista incidem sobre algo da mesma natureza que “uma mistura química”. Para ilustrar essa comparação, Saussure usa a mistura de azoto (nitrogênio - N) com o oxigênio (O) no ar respirável, em relação às características do objeto do linguista: 1) se for retirado um dos elementos, não se tratará mais de ar; 2) nada liga a massa de azoto à massa de oxigênio espalhada no ar; 3) a classificação desses elementos só é possível diante de um elemento da mesma ordem; e 4) não é possível classificar sua mistura (SAUSSURE, 2004, p. 22). Logo, o enfoque dado nessa comparação não está na abordagem isolada aos elementos que compõe a mistura, mas no estudo da própria mistura. Essa comparação também reflete a essência *dupla* da linguagem.

Saussure afirma ainda que

os dois elementos do ar estão na ordem material e os dois elementos da palavra estão, reciprocamente, na ordem espiritual; nosso ponto de vista constante será dizer que, não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência. (Em seguida, que a identidade linguística no tempo é simples). (SAUSSURE, 2004, p. 22)

Ao reforçar que ambos “significação” (significado) e “signo” (que aqui parece ter o valor de “significante”) são puros fatos de consciência, Saussure coloca a materialidade em suspensão. Ainda assim, a investigação linguística se funda numa identidade dupla: “a identidade estabelecida entre dois termos, eles mesmos de natureza

variável, é o único fato simples de onde parte a investigação linguística” (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Apesar de tecer a comparação entre o trabalho de um linguista e o de um químico, no que diz respeito à natureza dos elementos sobre os quais cada um se detém, Saussure também expressa seu entendimento quanto à necessidade de se compreender que os fatos de língua se fundam e existem somente a partir da oposição de uns com outros, diferentemente dos fatos químicos ou biológicos que seriam dados em si mesmos, ou representariam coisas ou entidades positivas:

Ora, admite-se que se ocupar de uma certa substância química, ou de uma certa espécie zoológica (a menos, eu não penso em repetir, que se ponha em questão, filosoficamente, todo o valor de nosso conhecimento) é se ocupar, verdadeiramente, de um objeto que tem uma existência em si, *livre de objetos da mesma ordem*. Nós negamos, ao contrário, que nenhum fato de língua, depois [] exista, por um instante sequer, por si mesmo, fora de sua oposição com outros, e que seja alguma coisa além de um modo mais ou menos feliz de representar um conjunto de diferenças em jogo: de sorte que só essas diferenças existem e que, por isso mesmo, todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade, saindo, completa e gravemente, do que se entende, em geral, por “relatividade” dos fatos. (SAUSSURE, 2004, p. 61 – grifos nossos).

Nesse sentido é que Saussure afirma também que quando um autor se dedica a um dos níveis da análise linguística seu estudo “será proveitoso *na medida em que opuser os termos que tiver que opor (...)*”, e que “o fato de que ele se ocupa só existe, literalmente na presença de fatos oponíveis” (SAUSSURE, 2004, p. 61). A oposição entre “termos” parece ser um procedimento metodológico inerente ao fazer linguístico. E lidar com o “conjunto de diferenças em jogo” é uma das consequências desse procedimento.

- * -

Vemos uma ênfase metodológica também na reflexão saussuriana sobre a distinção entre *forma* e *figura vocal*. Uma vez situados no terreno da língua, não se tem outra base de comparação, senão pelas formas linguísticas:

Quando se tira dessa unidade de forma, uma vez estabelecida pelo sentido, um fato material que parece constante, como *-ah* antes de surdo = *-ō* antes de sonoro, é absolutamente impossível determinar o valor desse fato em si, ou o grau de necessidade e de constância com que ele se apresenta. Ou seja, depois de partir da forma significativa para separar esse fato, nós ficamos, até o fim, sem outro polo além dessa forma significativa (...) (SAUSSURE, 2004, p. 32).

A forma significada impera soberana sobre o aspecto material e sobre o sentido e, sendo assim, “admitir a forma fora de seu emprego é cair na figura vocal que pertence à fisiologia e à acústica (...) há muitas formas idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser forma fora do seu emprego” (SAUSSURE, 2004, p. 33). Saussure menciona, como vimos nas formulações de cunho teórico, que o estudo linguístico reside sobre a *diferença das formas*. Aqui vemos ele inserir mais uma dimensão: a do *emprego das formas*. Ele afirma que:

Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do *emprego das formas* ou no da *representação das ideias*. O errado é pensar que há, em algum lugar, *formas* (que existem por si mesmas, fora de seu *emprego*) ou, em algum lugar, *ideias* (que existem por si mesmas, fora de sua *representação*). (SAUSSURE, 2004, p. 32 – grifos no original).

Ou seja, a existência das formas se dá em/por seu emprego, e a existência das ideias, em/por sua representação. Como Saussure mesmo refere “o todo é solidário” (idem, p. 32) e assim, estudar uma língua como sistema, é estudar o emprego – relacional, opositivo, diferencial e negativo – das formas, ou estudar a representação das ideias. É nesse sentido que não podemos sustentar um estudo que se dê sobre “formas” materiais independentes ou sobre “ideias” como dados prontos.

- * -

Considerar um signo ou uma figura vocal como *figura vocal*, não acarreta a obrigação imediata de considerar um outro termo e nem de representar outra coisa além do fato objetivo; isso não deixa de ser uma maneira eminentemente abstrata de considerar a língua: “porque, a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna *signo*” (SAUSSURE, 2004, p. 44 – grifos no original). Saussure denomina esse tipo de consideração de *fonética*. Ele distingue essa abordagem *fonética* da que denomina de *semiológica*, em que o signo ou figura vocal é tomado como *signo*, “o que implica diretamente quatro termos irreduzíveis e três relações entre esses quatro termos, sendo que as três devem ser, além disso, transportadas pelo pensamento na consciência do sujeito falante” (SAUSSURE, 2004, p. 44). Ou seja, em se abordando a figura vocal tão somente não há nada a ser representado; já em se considerando o signo, necessariamente

múltiplas relações são estabelecidas, as quais são implicadas pelo/no sujeito falante, ou seja, muito há a ser representado.

A leitura de Stawinski mais uma vez é válida para nós:

(...) é essencial reiterar: a figura vocal (o "som" como tal) só pode ser colocada em oposição à forma-sentido (o "som" como signo). Só existe linguisticamente a forma associada a um sentido, ou o sentido associado a uma forma (...). Assim, é reforçada mais uma vez a ideia de "figura vocal" como o ponto de vista do som que interessa ao fisiologista, e não ao linguista e tampouco ao sujeito falante, afinal, o que importa a ambos é a potência de significar que a materialidade (sonora ou não) pode carregar (STAWINSKI, 2019, p. 73).

Ora, metodologicamente, operar com o que é “percebido pela consciência dos sujeitos falantes”, convoca o linguista a implicar-se na análise considerando a potência significativa da materialidade com a qual ele lida, seja ela vocal/fônica ou gestual.

- * -

O estudo da língua em uma perspectiva sincrônica, no domínio da semiologia, conforme apontou Saussure em suas reflexões teóricas e metodológicas, requeria “fórmulas” que, à sua época, ele não conseguia elaborar. Nem por isso deixou de expressar certa expectativa futura quanto ao desenvolvimento dessa perspectiva, e porque não, metodologia de trabalho, com as unidades da língua.

O mecanismo da língua – considerado sempre EM UM MOMENTO DADO, que é a única maneira de estudar esse mecanismo – será, um dia, estamos persuadidos disso, reduzido a fórmulas relativamente simples. Por ora, não se poderia nem mesmo sonhar em estabelecer essas fórmulas: se, para fixar as ideias, tentamos delinear, em traços gerais, o que nós nos representamos sob o nome de uma *semiologia*, ou seja, de um sistema de signos totalmente independente daquilo que o dispôs e tal como existe no espírito dos sujeitos falantes, é certo que estamos ainda, a despeito de nós, limitados a opor, sem cessar, essa semiologia à sempiterna etimologia; (...) que, por consequência, ainda não está próximo o momento em que se poderá operar, com toda tranquilidade, fora de toda etimologia, sobre [] (SAUSSURE, 2004, p. 43 – grifos no original).

Os estudos etimológicos, de natureza histórico-comparatista, conforme vimos no capítulo 1, cercavam Saussure e se colocavam como paradigma de produção teórica-metodológica em linguística. Por isso a clareza apresentada por ele à limitação à sua perspectiva semiológica, e o desejo expresso por uma simplificação nas fórmulas de um estudo dessa natureza, com essas características: o mecanismo da língua como um sistema de signos independente da materialidade, conformado pela consciência dos sujeitos falantes.

- * -

Em menor proporção do que as formulações de cunho teórico, as notas de cunho metodológico encontradas em DEDL nos mostram a preocupação de Saussure em operacionalizar, sobre o estudo da(s) língua(s), as reflexões que fazia acerca da essência dupla da linguagem. Os escrúpulos em descrever formalmente um “método” parecem ter sido subsidiados pela compreensão do esforço, ou, da grandeza do ponto de vista que estava sendo formulado por ele, bem como cerceados pelo paradigma científico de sua época.

Seja como for, o objeto da ciência da linguagem, ao ser “precipitado numa esfera de relatividade” é real, ao mesmo tempo em que é efêmero. Sua garantia reside justamente no movimento dessa esfera, e vemos Saussure tentando apreender esse movimento. Do exposto até aqui pudemos ver a magnitude de seu pensamento teórico bem como as implicações metodológicas decorrentes desse pensamento, ainda que sutilmente explicitadas, na abordagem ao fenômeno linguístico. Resta-nos ver, por fim, as análises que Saussure nos apresenta.

3.1.3 Formulações de cunho analítico

É sabido que Saussure conhecia muitas línguas. Conforme o levantamento que fizemos em nosso estudo, apenas no manuscrito DEDL ele se vale dos conhecimentos de dez línguas diferentes - francês, alemão, italiano, grego, sânscrito, gótico, tcheco, eslavo, indo-europeu e latim – para ilustrar suas reflexões teóricas. É por isso que depreendemos em nossa leitura de DEDL, formulações de cunho “analítico”. Talvez fosse melhor darmos outro nome às formulações desse tipo, pois como se verá, nos exemplos que destacamos a seguir, elas parecem indicar que Saussure as constrói mais para ilustrar o que estava apresentando teoricamente, ou suas reflexões, do que para estabelecer análises aprofundadas e descritivas dos conceitos/noções em questão, como almejávamos encontrar no texto.

Dito isso, passamos a mostrar algumas das análises que ele faz. É importante lembrar que nosso enfoque, no presente capítulo sobre a essência dupla da linguagem, está em ver como Saussure lida com a materialidade – em sua dupla concepção: em si mesma, e significada – no manuscrito em questão. Isso justifica a reduzida quantidade de fragmentos de cunho analítico aqui destacadas, dado que nosso intuito não está em

“analisar” as análises, mas tão somente em mostrá-las, no que dizem respeito à questão da materialidade.

Começamos pelas “*Observações sobre as guturais palatais do ponto de vista fisiológico e acústico*” (SAUSSURE, 2004, p. 29), título este autográfico da seção em que Saussure apresenta três observações nas quais problematiza a questão da delimitação das unidades sonoras e da nomenclatura aos sons. Diz ele que

Do ponto de vista fisiológico ou mecânico, há paralelismo completo entre uma gutural palatal e uma gutural mediana ou velar. O ponto de articulação é situado mais adiante, eis tudo. Mas é preciso reconhecer, pelo menos na minha opinião, que a gutural palatal, por motivos que eu não indago, dá, acusticamente, a impressão de um *som duplo*: k_i . Há, ali, um elemento totalmente particular e que pode levar mesmo a se negar que a gutural palatal seja uma espécie determinada, no sentido de que ela seria um *grupo de dois sons*, não um som e, por conseguinte, que ela só poderia ser classificada com relação a outros grupos, mas não com relação a um som simples. Eu suprimo esta segunda consideração; eu me atenho ao ponto de vista fisiológico e admito, então, que k_i , apesar de seu duplo som, é diretamente comparável a k_2 , é um elemento simples. (SAUSSURE, 2004, p. 29 – grifos no original).

É interessante notar que, ao observar as “guturais palatais”, Saussure o faz a partir da comparação entre dois pontos de vista: o fisiológico/mecânico e o acústico. Ambos implicam em distinções à análise do fenômeno sonoro: do ponto de vista acústico mais efeitos são percebidos, ao passo que do ponto de vista fisiológico, que é o no qual Saussure afirma se ater, a gutural palatal é simples pois o que há, e o que se verifica, é apenas um distanciamento no ponto de articulação. Assim, podemos compreender que se “o ponto de vista cria o objeto”, ele o faz em maior ou menor complexidade. Até mesmo um som, a depender do ponto de vista com o qual se analisa-o, não vai ser só *um som*.

Na segunda observação, Saussure comenta sobre o mau uso do termo “palatais”, dizendo que “quando se dá o nome de *palatais* aos grupos $t\check{s}$ e $d\check{z}$ que existem em muitas línguas, por exemplo em italiano *cenere, generoso*, se faz um mau uso completo desses termos” (SAUSSURE, 2004, p. 30 – grifos no original). Esses grupos, segundo Saussure, “implicam uma *sucessão de sons*”, e um grupo de sons não é uma espécie. Ele segue com a explicação: “Se considero o grupo kr , eu determino de que espécie é k e de que espécie é r ; mas eu não devo fazer, do conjunto kr , uma espécie. Da mesma forma, $t\check{s}$ e $d\check{z}$ não existem em si mesmos. Existe $t + \check{s}$ e $d + \check{z}$ ” (idem, p. 30). Logo, uma sucessão de sons, não deveria receber o mesmo nome que recebe um único som simples. Vemos aí o rigor de Saussure com a nomenclatura aos fenômenos da ordem

vocal, muito atrelados à determinação do ponto de vista: ele “toca” a materialidade fônica, situa-a em relação ao seu ponto de vista e daí lhe pode atribuir, em síntese à abordagem, um nome.

Finalmente, em sua terceira observação, Saussure considera que a perspectiva histórica da vida das línguas serve para justificar a nomenclatura, ao apontar que o que aconteceu foi que “o som simples k_1 (k palatal) produziu, na sequência, o grupo $t\check{s}$ e que, a mesma letra, considerada com alguns séculos de distância, designa antes o som k_1 , mais tarde o som $t\check{s}$, não se deve ter ilusões sobre as dificuldades de se evitar, na prática, a aplicação do nome palatais para os grupos $t\check{s}$, $d\check{z}$ ” (SAUSSURE, 2004, p. 30). De “mau uso” do termo, Saussure reformula para “emprego convencional e abusivo”, e afirma que há então um “sentido da palavra *palatal* completamente diferente daquele que recorreremos ao falar do k_1 indo-europeu” (idem, p. 30).

Ou seja, com essas observações ele não deixa de apontar para o *valor* do termo *palatais*, partindo inicialmente da consideração do fenômeno vocal em si, na relação com outros fenômenos, fazendo presente a materialidade ao mesmo tempo em que a suspende. Nessa análise, ele vai da abordagem ao ponto de articulação de determinado som ao nome dado a esse som significado, sincronicamente e ao longo do tempo.

- * -

Saussure registra também algumas análises em torno de fatos de pronúncia. Em pelo menos três notas vemos ele mencionar tal fenômeno. Como vimos no capítulo 1, dado que a noção de língua é inseparável da noção de fala na teorização saussuriana, os fatos de pronúncia servem para ilustrar a reflexão da ordem linguística. Os parágrafos abaixo introduzem a questão:

“§1. *A identidade na ordem vocal*

Quando eu abro duas vezes, três vezes, quinhentas vezes, a boca, para pronunciar *aka*, a questão de saber se o que pronuncio pode ser considerado idêntico ou não-idêntico depende de um exame.

§ 2. *As entidades da ordem vocal*

É imediatamente visível que as *entidades* da ordem vocal ou consistem na identidade que acabamos de considerar, por conseguinte num fato perfeitamente abstrato, ou em nada consistem e não estão em parte alguma.

Os fatos de fala, tomados em si mesmos, que por si sós certamente são *concretos*, se veem condenados a não significar absolutamente nada, a não ser por sua identidade ou não-identidade (SAUSSURE, 2004, p. 33 – grifos no original).

Essa nota é bastante interessante primeiro porque diferencia *identidade* de *entidade*, *na* e *da* ordem vocal, respectivamente. Logo em seguida começa sua

abordagem considerando a abertura da boca e a repetição da pronúncia de *aka* inúmeras vezes, a partir das quais a identidade entre as pronúncias dependerá de um “exame”. É como se Saussure se perguntasse de onde partir, ou *unde exoriar*, para analisar o fato vocal. A concretude inerente aos “fatos de fala” tomados em si mesmos não tem poder para significar; sua significação depende de sua identidade ou não-identidade.

A isso Saussure acrescenta que “(...) só o fato ABSTRATO, a *identidade acústica desses aka*, forma sozinho a *entidade acústica aka*: e que não há objeto primeiro a ser procurado, mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato” (SAUSSURE, 2004, p. 33 – grifos no original). Essa nota evidencia a primazia do objeto abstrato. Ao pensarmos nas entidades da ordem gestual, as mesmas são fatos igualmente abstratos; para ser entidade, tem que ser “aprovado” no crivo da identidade. É a identidade da *parole*, na *parole*, que garante sua existência, como a existência de uma composição musical, na ilustração feita por Saussure (2006, p. 26): uma sinfonia só é percebida quando é executada; a partitura indica/contém uma existência musical em “potencial”. Nesse sentido, as entidades da ordem gestual têm potencial identidade na ordem gestual *executada*, ou seja, no ato de sinalizar.

- * -

Ainda sob a perspectiva dos fatos de pronúncia, Saussure analisa a distinção entre sons da língua francesa:

Por exemplo, na PALAVRA (...) *courage*, é, de fato completamente indiferente, em francês, pronunciar *courir* com *r grasseyé non roulé*, ou com *r grasseyé roulé*, ou com *r dental (roulé ou não)*. Esses sons constituem, no entanto, espécies perfeitamente distintas e, em alguma outra língua, o abismo poderia ser mais intransponível entre este *r* e aquele *r*, do que entre um *K* e um [*g*]. (SAUSSURE, 2004, p. 37 – grifos no original).

Nesse excerto vemos ele se referir à pronúncia e à constituição da língua com base nos valores, a partir da pronúncia dos falantes em língua francesa. Ao concluir sobre o funcionamento negativo e relativo dos valores na língua, Saussure afirma que

Nós tiramos daí, de maneira geral, que a língua repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, sem que o estado de língua seja destruído. A latitude que existe no seio de um valor reconhecido pode ser denominado “flutuação”. Em todo estado de língua se encontra *flutuações*. (SAUSSURE, 2004, p. 37).

Ele toma um “exemplo ao acaso”, em gótico, para exemplificar o que entende por flutuação, na qual a diferença entre os elementos em dialetos próximos pode “ter uma importância absoluta, isto é, representar dois *valores* e não *um só*” (idem, p. 37). Assim, a variação dos valores absolutos não elimina um estado de língua. Os valores absolutos não são estanques, rijos, fixos, eles podem “flutuar”.

Por fim, nesses fragmentos analíticos pudemos ver Saussure descrever um fenômeno – as pronúncias – discriminar a natureza do mesmo, sintetizar o princípio de fundamento para a língua, qual seja, que são os valores relativos que embasam a existência da língua -, e ainda denominar um aspecto desse princípio – ‘flutuação’. Esse é um fragmento que descreve uma análise teórica, e que tem implicações metodológicas ao fazer do linguista, tanto é que em seguida, ele traz um exemplo aleatório do gótico para mostrar que “num dialeto próximo, a diferença *ija-ia* pode ter uma importância absoluta, isto é, representar dois valores e não um só” (SAUSSURE, 2004, p. 37). Nessa dupla representação dos valores reside a potencial latitude de pronúncia.

Esse exemplo trazido por Saussure não é muito diferente, analiticamente falando, de uma abordagem às configurações de mão, e especialmente às configurações do alfabeto manual/datilológico nas línguas de sinais. Podemos dizer, parafraseando Saussure, que o “estado” da soletração manual não é “destruído” se ocorrer algum tipo de variação, por exemplo, na tensão ou flexibilidade dos dedos articuladores, ou na velocidade da soletração¹¹⁶, conquanto as oposições e diferenças entre cada letra sejam reconhecíveis. Ou seja, encontramos também nos signos gestuais, essa “flutuação” ou “latitude de pronúncia”.

- * -

A nota que apresentamos a seguir como excerto de cunho analítico merece ser transcrita na íntegra, não só pela difícil compreensão (a nós) ao tema de que trata – o *n* cacuminal¹¹⁷ em sânscrito - mas porque revela uma questão que tem implicação aos fatos de pronúncia, acima mencionados:

¹¹⁶ A título de ilustração menciono aqui um fato que me recorde quando da minha formação em Libras, no módulo iniciante, ainda na primeira aula, na qual fomos instruídos sobre o alfabeto manual: a dificuldade que uma colega mais idosa apresentava ao soletrar seu nome, que continha a letra “Z”. A articulação de seus dedos não era tão lenta quanto o movimento/sustentação requerido ao braço na realização do “Z”.

¹¹⁷ O “*n* cacuminal” ao qual Saussure se refere é um fonema nasal retroflexo.

10b Regra: *ṅ cacuminal*

De que maneira uma regra de alternância como o *n* cacuminal em vez de *n* dental depois de *r ç ṛ*, em sânscrito, é etimológica (ou se tornou *semiológica*), mas *não é fonética*, porque se tem

pitarnāma o nome do pai
ou mesmo pitṛnāma pitṛnāmakar em uma só palavra

sem que a proximidade, *mesmo imediata*, do *r* influa, no que quer que seja, na pronúncia do *n* dental. Então, supor, como regra “*fonética*”, que *n* depois de *r* daria *ṅ* seria absolutamente [] (SAUSSURE, 2004, p. 49 – grifos no original).

Nesse excerto Saussure parece mostrar que a alternância em sânscrito é etimológica (ou se tornou semiológica), mas não é fonética¹¹⁸. Aqui ele também evidencia uma questão que (não) influencia “na pronúncia do *n* dental”. Esse exemplo mostra como a dupla abordagem – fonética e semiológica (cf. SAUSSURE, 2004, p. 42) – pode funcionar, ser vista na prática analítica de uma língua.

Ou seja, ainda que haja alguma modificação histórica na pronúncia de um som, ela em nada afeta o sistema, a não ser quando considerada no âmbito de um ponto de vista semiológico ou, que considere a significação. Nesse caso, vemos Saussure operando implicitamente com a noção de valor dos fonemas enquanto relativos aos demais que o cercam, e em oposição a outros. A constatação de *regras* a partir de observações tais como essa que Saussure esboça, que passam, por sua vez, pela delimitação valorativa dos elementos materiais, dependerá, em suma, do ponto de vista adotado.

- * -

Chegamos, por fim, aos exemplos de análises de fenômenos/fatos linguísticos os quais Saussure compara a “objetos” de distintas naturezas semiológicas. Aqui mencionamos apenas dois: um “*cromático*”, o sistema de bandeiras náutico, e um

¹¹⁸ Fazemos menção aqui à análise empreendida por Saussure nos próprios termos empregados por ele no manuscrito. Ressaltamos isso porque em DEDL observamos também entre os tipos de abordagem aos fenômenos – a alternância, no caso em específico – uma dualidade: ela pode ser de ordem etimológica ou semiológica, ou fonética. Matsuzawa (2012) afirma que: “Au dernier tiers du XIX^e siècle, la morphologie est définie comme l’étude des formes du langage, tandis que la phonétique est l’étude des sons du langage. Comment Saussure arrive-t-il à remettre en question cette distinction apparemment naturelle pour y voir la manifestation de la dualité foncière du langage ? Il part, semble-t-il, du fait inaperçu et banal de l’alternance (...). Les alternances relèvent de la morphologie qui suppose un ordre grammatical et stable de la langue à un moment donné de l’histoire. La phonétique, au contraire, s’occupe du changement historique du son qui échappe à la conscience des sujets parlants. Saussure voit une différence radicale entre les deux points de vue que supposent ces deux études.” (MATSUZAWA, 2012, p. 20). Logo, “*fonética*” aqui diz respeito à mudança/evolução histórica do som, ou, nas palavras de Milano: “*Fonética*, para Saussure, é o estudo diacrônico dos sons da língua” (MILANO, 2015, p. 248).

“gráfico”, a escrita. Saussure afirma que o sistema da língua pode ser comparado a um sistema de sinais marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores:

Quando uma bandeira, entre muitas outras, ondula no mastro [], ela tem **duas existências**: a primeira é ser um pedaço de pano vermelho ou azul, a segunda é ser um signo ou um objeto, que se entende dotado de um sentido para aqueles que o percebem. (SAUSSURE, 2004, p. 52 – grifos nossos).

Nesse excerto destacamos a abordagem dual à coloração – vermelho ou azul - do material têxtil, do pedaço de pano, que em um mastro tem a função de uma bandeira, a qual, por sua vez, pode ter ainda a função de representação a algum sentido (compartilhado entre os marinheiros). Essa dupla existência implica em algumas considerações. Enfocando a existência simbólica/representacional do sistema de sinais marítimos, e da língua, Saussure aponta que essa segunda existência possui três características eminentes, das quais duas são explicitadas por ele da forma que segue:

1º Ela só ocorre em virtude do pensamento que se liga a ela.

2º Tudo o que representa, para o espírito, o sinal marítimo de uma bandeira vermelha ou azul procede, não do que ele é, não do que se decidiu associar a ele, mas exclusivamente destas duas coisas: 1) de sua *diferença* com relação aos outros signos que figuram no mesmo momento, 2) de sua *diferença* com relação aos signos que poderiam ter sido içados em seu lugar e em lugar dos signos que a acompanham. (SAUSSURE, 2004, p. 52 – grifos no original).

A reflexão de Saussure nessa nota, longe de ser tão somente “analítica”, sintetiza a perspectiva teórica do princípio de negatividade e de diferença, mais uma vez, considerando ainda a diferença dos signos em *presença* e em *ausência*. Não é difícil estendermos a visão que ele apresenta ao sistema de sinais marítimos, ao sistema de uma língua que é composta por signos de natureza gestual: este também seguirá o mesmo funcionamento semiológico das bandeiras, mas ao invés de ondular no mastro de um navio, é “amarrado” aos movimentos corporais da figura humana.

- * -

A última nota de cunho analítico que trazemos aqui problematiza a relação da escrita à linguagem no que diz respeito aos “fatos semiológicos”. Qual seja:

De uma maneira mais geral, me parece que, seja no campo do efeito individual (= semiológico), seja na perspectiva histórica, os fatos relativos à escrita apresentam, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos de um extremo ao outro, aos que se pode

discernir na linguagem falada. Para a escrita, o *sentido* é representado pelo *som* enquanto que o *som* é representado pelos traços gráficos; mas a relação entre o traço gráfico e o som falado é a mesma que entre o som falado e a ideia. (SAUSSURE, 2004, p. 48 – grifos no original).

Nessa nota permeada de hesitações (evidenciadas pelos termos “me parece que” e “talvez”), vemos Saussure abordar a escrita como um fato de linguagem análogo e homólogo à oralidade (ao que ele chama de “linguagem falada”), e também indicar que, da perspectiva semiológica, apesar de não desconsiderar a “mina de observações incessantes” que ela contém, o fenômeno da inconsciência das formas gráficas para o “sujeito leitor” parece ser igual ao da inconsciência do som nas palavras (pronunciadas oralmente). Ou seja, a consciência ou inconsciência de determinadas figuras (vocais, ou gráficas) para os sujeitos falantes é o que regula a determinação das *formas*.

Além de ser explícito na abordagem dos fatos relativos à escrita, os quais, por sua vez, são sustentados por outra materialidade - a gráfica -, ao final do parágrafo Saussure aponta para uma interrelação entre a(s) forma(s) e o(s) sentido(s) na linguagem, intermediados pela escrita. Não nos aprofundaremos por hora nessa questão¹¹⁹. Cabe aqui destacá-la por ser, de certo modo, um exemplo de análise reflexiva que compreende uma distinta materialidade, e que leva em consideração a busca pela delimitação das formas, na qual o sentido é sempre implicado.

- * -

Ao final de nossa leitura ao manuscrito DEDL, nos perguntamos ainda: onde mais podemos ver a essência dupla operando? Do exposto até aqui, concluímos que, a princípio, em qualquer fato de linguagem. Logo, a próxima seção deste capítulo apresenta-se como uma tentativa de mostrar de que maneira o princípio teórico da essência dupla serve a um estudo analítico das línguas (de sinais).

3.2 O PRINCÍPIO DA ESSÊNCIA DUPLA NAS LÍNGUAS (DE SINAIS)

¹¹⁹ Embora seja um tema bastante interessante, foge ao escopo da presente tese discutir a noção de escrita com base em Saussure, a partir de seus manuscritos e especialmente dos *Escritos*. Além disso, uma análise comparativo-contrastiva entre a visada semiológica de Saussure à escrita, e a ampla abordagem de Benveniste ao tema, por exemplo, conforme apresentado em suas *Últimas Aulas* (BENVENISTE, 2014) ainda está por ser feita. Os desdobramentos de uma análise deste cunho poderão servir ao estabelecimento de abordagens linguístico-semiológicas à escrita de línguas de sinais (e particularmente seus diferentes sistemas, tais como o SignWriting, ou a ELiS, por exemplo). Certamente, tal discussão passará pela concepção de gesto em línguas de sinais, o que justifica também a delimitação de nosso objeto de pesquisa neste trabalho.

A fim de ilustrar o princípio da essência dupla, que, como exposto até aqui, mobiliza a dualidade do fenômeno físico material, bem como a dualidade intrínseca ao signo linguístico – significante/significado -, utilizamos um exemplo recortado a partir de um diálogo entre falantes de Libras. Faz-se necessário, antes disso, um deslocamento de nossa leitura da essência dupla da linguagem como abordada por Saussure, em suas dualidades, a um enfoque na materialidade gestual, ao gesto, nosso objeto de estudo específico.

Ao nos referirmos ao princípio da essência dupla da linguagem em nossas análises, lançamos mão, a partir daqui, do neologismo cunhado por Stawinski: *duplessência*. Segundo a autora, “o neologismo *duplessência* pode servir para sublinhar a importância do aspecto fônico (ou material) da *langue* sem perder de vista as implicações teóricas que tal distinção, *fundamental*, impõe” (STAWINSKI, 2020, p. 45). Ela indica também que essa discussão pode ser encontrada em Milano (2017) e em Stawinski (2019), embora nesses textos as pesquisadoras não tenham usado literalmente o termo *duplessência*. Ao defender a ideia de *escuta* como função linguística, Stawinski toma a *duplessência* como uma de suas três pressuposições, e nesse caso a noção é tomada como “a ultrapassagem da *figura vocal como tal* à *figura vocal como signo*” (STAWINSKI, 2020, p. 167).

A maneira como Saussure grafa e sublinha a expressão *Del'essence double* nos envelopes dos manuscritos (figura 6) talvez possa ser lida como indício da união terminológica e nocional sugerida pelo neologismo *duplessência*. Seja como for, *duplessência* subsumi a dualidade da figura material, como tal e como signo.



Figura 8: Envelopes *duplessência* de Saussure (Fonte: arquivo pessoal)

3.2.1 A dualidade do fenômeno gestual

As línguas sinalizadas possuem características miméticas, pictóricas, pantomímicas, além de qualidades formais que permitem sua descrição sistemática. Ou seja, se se consegue sistematizar movimentos gestuais corporais é porque o sistema permite e também porque a materialidade possibilita. Assim, a potencialidade sistemática linguística está nas relações estabelecidas no âmbito do sistema, bem como na materialidade gestual que as comporta. A materialidade sustenta as diferenças constituídas no e pelo sistema.

Em linguística, a materialidade fora de um sistema é desprovida de valor, assim como não é concebível um sistema linguístico sem uma materialidade. Por isso, a dualidade do fenômeno vocal da linguagem, é tão importante para a reflexão linguística, porque traz a noção de “materialidade”, ou de “aspecto material” da língua, para uma função de destaque no jogo de valores. Uma vez que, nas línguas de sinais, a materialidade significante está no *gesto* (como apontado no capítulo anterior), é possível deslocar a concepção saussuriana da “dualidade profunda” à modalidade gestual de língua, à língua de sinais.

A partir dessas considerações, o esquema abaixo visa evidenciar como se dá a dualidade da linguagem em relação ao que denominamos então de “aspecto/fenômeno gestual”, em que o que era tão somente um corpo-em-ação¹²⁰ passa ao estatuto de significante do signo linguístico:

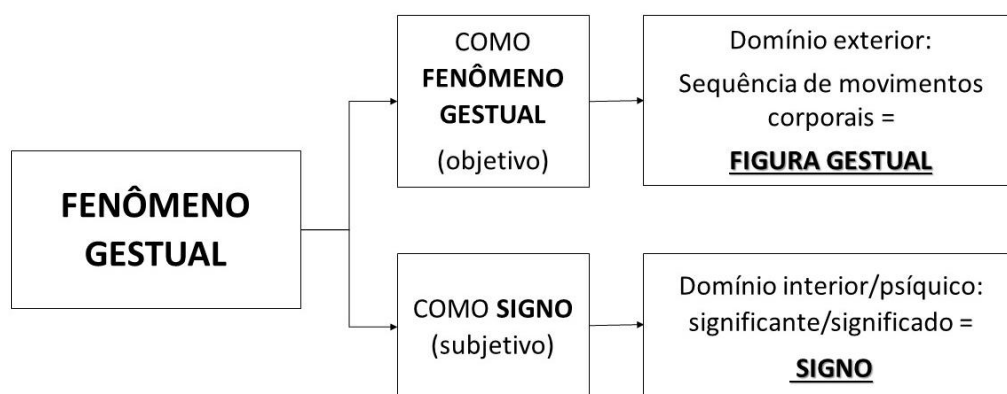


Figura 9: Dualidade do fenômeno gestual (Fonte: a autora)

Da mesma forma que “o som isolado, fora de qualquer combinação, não pertence à cadeia falada, mas à abstração linguística” (STAWINSKI, 2016, p. 26),

¹²⁰ Lançamos mão aqui do termo utilizado por McCleary e Viotti (2017) em estudo onde propõem os fundamentos para uma semiótica de corpos-em-ação, em uma perspectiva cognitivo-interacionista. A perspectiva adotada aqui – linguística de base saussuriana – difere daquela que apresentam os autores. O uso do termo nesta seção do trabalho, reside justamente no valor da porção significante *corpo-em-ação*.

assim também nas línguas sinalizadas o movimento corporal, fora de qualquer combinação, não pertence à cadeia falada, mas à abstração linguística. No desenvolvimento da cadeia falada-sinalizada, o que seriam apenas figuras gestuais combinam-se e resultam em morfemas, sintagmas, sentenças, discurso. Nas línguas sinalizadas, portanto, aquilo que se denomina comumente de “sinal” é um signo linguístico, cuja porção significante é composta por material gestual, a qual vai estar unida – arbitrariamente - à uma porção de significado. Evidentemente, há diferentes categorias/tipos de sinais, como por exemplo os manuais convencionais; os dêiticos; os policomponenciais (ou, “classificadores”); os não-manuais e também os pantomímicos, conforme apontam McCleary e Viotti (2011), por exemplo. Todavia, é possível tomar todos esses diferentes tipos de sinais, aos quais as descrições teórico-linguísticas, e antropológicas (cf. vimos no capítulo 2) visam classificar, como signos linguísticos porquanto a gestualidade está na essência da identidade linguística das línguas de sinais: ela integra o tangível do signo linguístico, além de ser, por si só, material/figura gestual.

Assim como ao linguista o som importa apenas em relação ao sistema sincrônico de determinada língua, e não em si mesmo (conforme STAWINSKI, 2016, p. 49), no que diz respeito ao aspecto gestual, cumpre ao linguista analisar o papel que o gesto desempenha no sistema linguístico. Quando estudada por si só, sem relação ao sistema sincrônico da Libras, por exemplo, ou de outra língua qualquer, a gestualidade não interessará ao linguista. Assim, o gesto, na língua, não tem existência por si mesmo, fora da relação de representação que o material gestual produz no jogo de valores linguísticos.

A partir do princípio saussuriano da *duplessência* da linguagem depreende-se, portanto, o duplo estatuto do gesto em relação à língua, independentemente da modalidade em relação à qual esteja implicado, às línguas de sinais, ou às línguas orais; o aspecto gestual é dual (assim como o fenômeno vocal), estando o estatuto linguístico ligado a esse princípio. A materialidade sonora é *uma* das materialidades da língua; não é *a* materialidade da língua (e a escrita, o registro gráfico, é outra possível materialidade semiológica da língua também, como vimos brevemente na seção anterior, em algumas notas saussurianas). Contudo, para os falantes de Libras, por exemplo, o aspecto vocal não é significante da mesma maneira que para os falantes da língua portuguesa, e a materialidade sonora não é delimitável (porque tal materialidade não é tangível como som, ela é tangível a partir da percepção dos movimentos dos lábios dos falantes – ao que se denomina “leitura labial”; a materialidade aí é o corpo, especificamente a

visualização dos lábios). Assim, podemos afirmar que a língua contém o gesto e que o gesto compõe a língua; da mesma forma como a língua contém o som, e o som compõe a língua. Som e gesto, portanto, são duas possíveis materialidades que carregam e sustentam as diferenças no sistema (MILANO, 2015).

Por ser multiforme e heteróclita a linguagem permite diferentes ordens de valores linguísticos justamente devido ao princípio fundamental que a divide: sua *duplessência*. Ao se considerar as línguas de sinais como sistema de signos instaura-se mais um paradigma linguístico. Enquanto no sistema das línguas orais-auditivas as relações de negatividade e distintividade são sustentadas pela materialidade vocal, no sistema das línguas visuoespaciais as relações são sustentadas pela materialidade gestual.

Cabe aqui uma observação importante: se ser linguístico se restringisse apenas a ser vocal/fônico ou, se o estatuto linguístico estivesse atrelado exclusivamente à materialidade vocal/oral, uma abordagem em que *língua* (fundamentada na oralidade) fosse *oposta* à gesto se sustentaria¹²¹. Em relação ao sistema das línguas orais, o aspecto gestual pode ser considerado complementar; ou seja, a gestualidade no paradigma do sistema das línguas orais não é fundamental. Por sua vez uma visão de língua fundamentada na gestualidade comporta a oralidade (ou o aspecto vocal) como complementar; assim, no sistema das línguas de sinais, o fenômeno vocal não é o fundamento. Eis um outro paradigma. Ser sistêmico, ser sígnico, ser relacional, ser opositivo, ser diferencial é o que há de comum em ambos os paradigmas e é o que em ambos constitui o valor linguístico. Disso resulta, contudo, duas ordens singulares e distintas de valores.

Nos sinais de uma língua sinalizada há um caráter gestáltico e há um caráter linguístico, conforme apontam McCleary e Viotti (2011). Nossa hipótese é a de que o linguístico abarca o gestáltico, e isso com base no princípio da *duplessência*. Assim como nas línguas orais o fônico/aspecto vocal é tido enquanto tal ou enquanto signo, por semelhante modo, o aspecto gestual nas línguas pode ser tido enquanto tal, ou

¹²¹ Os pesquisadores McCleary e Viotti (2011) indicam essa distinção, e por vezes mantêm essa oposição. Criticam a linguística formal nesse sentido, por não comportar a gestualidade, ou por excluí-la da teorização. E na conclusão eles apontam a semiótica/cinemática como um dos campos em que haveria espaço para aprofundar a discussão sobre a gestualidade. Essa é uma alternativa para lidar com o fenômeno da gestualidade, contudo nossa proposta é manter e ainda reforçar a discussão sobre a gestualidade no âmbito dos estudos linguísticos, nos moldes de seus próprios pressupostos e princípios, justamente provocando-os, deslocando-os, fazendo-os enxergar e lidar com a materialidade gestual. Dado que a linguagem é multiforme e heteróclita, à linguística, enquanto ciência que lida com um dos fatos de linguagem – a língua, cabe a transformação que considere outros aspectos além do vocal/fônico.

enquanto signo linguístico. Ao defender a sistematização – necessária - à gestualidade para a existência de uma língua de sinais, podemos afirmar que a gestualidade é linguística.

Assim, cabe dizer que, nas línguas sinalizadas o *gestual* é significado na e pela língua em *sinais*. Já nas línguas orais o *gestual* é significado pela língua em *gestos*. Nas línguas sinalizadas, o aspecto vocal é significado pela língua em movimentos labiais. Nas línguas orais, o fônico é significado na e pela língua em fonemas ou em traços suprasegmentais. Essa consideração da gestualidade e da oralidade em relação tanto ao sistema das línguas orais quanto ao das línguas de sinais (figura 10), é um desdobramento da operacionalização do princípio saussuriano da *duplessência* da linguagem e faz jus, sem dúvidas, a um estudo mais detalhado, uma vez que implica a relação entre diferentes aspectos materiais, em relação a diferentes sistemas semiológicos linguísticos.

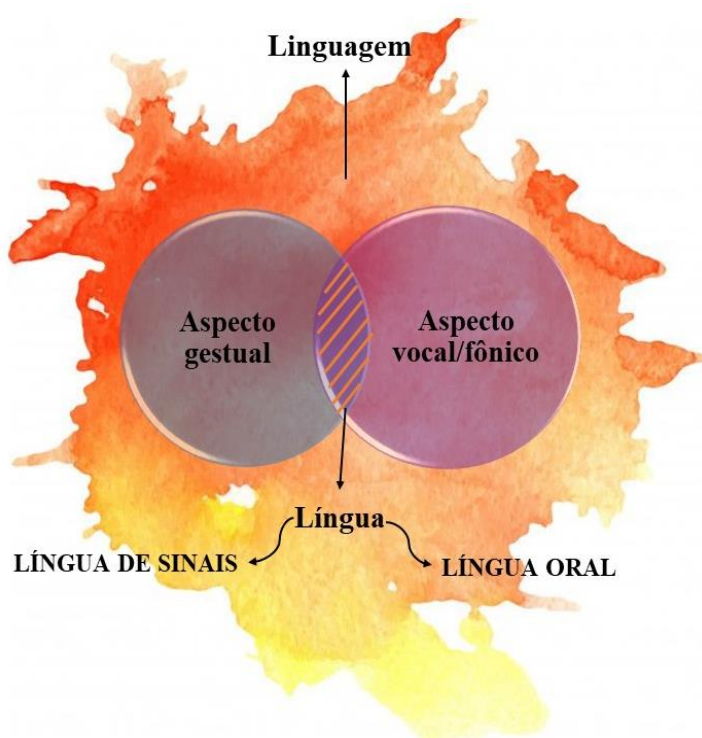


Figura 10: Significação do aspecto gestual e vocal/fônico nas línguas (Fonte: a autora)

À título de exemplificação, ou análise à teorização esboçada até aqui, na seção a seguir, apresentamos a contextualização a um recorte de um diálogo em Libras, no qual o princípio da *duplessência* é posto em evidência.

3.2.2 A *duplessência* em um diálogo em Libras

Conversando, em Libras, certa vez com um colega sobre como ficaria nosso quadro horário de trabalho, ele me disse que a “disciplina de escrita de sinais [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*]¹²²”. Ele continuou falando e novamente mencionou a disciplina de escrita de sinais, seguido do mesmo “gesto” descrito, como que para confirmar que eu havia entendido as informações passadas. Eu repeti esse [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*], ao que ele confirmou, acenando com a cabeça e fazendo novamente o [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*]. Eu, que não havia entendido o que significava aquele sinal, repeti o mesmo e minha expressão facial denotou uma dúvida.



Figura 11: [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*] (Fonte: a autora)

Ele, visivelmente surpreso com a minha interrogação ao sinal que fizera, me perguntou: “você não sabe o que significa [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*]????”. Eu ia dizer que não, quando ele, utilizando o alfabeto manual, soletrou: “S-E-X-T-A-F-E-I-R-A”. Aí eu entendi o que ele estava dizendo, e repeti o sinal [SEXTA-FEIRA] em Libras, e disse a ele que conhecia aquele sinal com locação e configuração de mão um pouco diferentes da maneira como ele estava sinalizando.

Pois bem, o [*gesto perto do queixo em configuração de mão X*], para mim enquanto interlocutora, não passou de uma figura gestual como tal, ou seja, ela era a combinação simultânea de uma configuração de mão (CM), de uma locação (loc) e de

¹²² Trago aqui entre colchetes, uma descrição do movimento gestual manual e sua respectiva localização em relação ao corpo do enunciador com quem eu dialogava, justamente para mostrar o fenômeno que ocorreu, explicitado a seguir. A partir da materialidade escrita da língua portuguesa, tento aqui dar conta de um enunciado em Libras. Como toda transcrição, e, especialmente em se tratando dessa transcrição multimodal, o transcritor está implicado, assim como a ouvinte-interlocutora, nessa cena enunciativa. Para uma discussão mais detalhada em relação à transcrição de base enunciativa, consultar Frydrych (2010).

um movimento (mov). Que uma CM + loc + mov carregam a possibilidade de constituírem um signo linguístico da língua de sinais eu não tinha dúvidas. Contudo, àquele arranjo falado pelo meu interlocutor naquele momento, especificamente, ao [gesto perto do queixo em configuração de mão X], interiormente, psiquicamente, eu não associei nenhum significado, o que redundou para mim em uma pura figura gestual, objetiva, integrando um discurso que até então, para mim, comportava a dualidade da linguagem. Houve, assim, conseqüentemente, uma quebra na cadeia discursiva e a necessidade de um rearranjo.

No primeiro momento em que ele enunciou [SEXTA-FEIRA], para mim cessou essa dualidade que, como princípio e essência, é sempre incessante. Ou seja, eu contestei “essa dualidade (...) atirando-a, (...) ao domínio dos fatos físicos” (SAUSSURE, 2004, p. 23), tanto que soube repetir o mesmo sinal tal como ele sinalizara, apesar de, naquele momento, ignorar seu significado. Ao lançar mão da soletração manual, meu interlocutor traduziu o sinal para mim em signos da língua portuguesa, e assim, diante de um novo fato de língua, pude resgatar a dualidade perdida no [gesto perto do queixo em configuração de mão X]. Obviamente ele sinalizara “sexta-feira”, agora não havia mais dúvidas! E o discurso do meu colega, então, passou a fazer todo o sentido para mim: a disciplina de escrita de sinais seria ministrada às sextas-feiras.

Esse exemplo confirma o disposto na nota saussuriana que trouxemos anteriormente: “não há nenhuma entidade linguística, (...) que seja *simples* porque (...) ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo um signo e uma significação, (...)” (SAUSSURE, 2004, p. 23). Somente quando consegui levar em conta o significante e o significado, em sua dualidade incessante, foi que o [gesto perto do queixo em configuração de mão X], de figura gestual, passou a ser um signo linguístico da Libras: [SEXTA-FEIRA]. E aí nossa conversa continuou para os detalhes de outra disciplina que eu assumiria naquele semestre.

O exemplo trazido acima, nos permite afirmar que a diferença entre *gestos* e *sinais*, em se tratando de uma língua sinalizada, reside justamente no “esquecimento da dualidade” incessante das entidades linguísticas, ou seja, quando à ação corporal (geralmente manual), não se leva em conta um significante e um significado, relegando essa ação ao domínio fisiológico do corpo. Assim, em relação à língua de sinais, os *gestos* estão restritos ao domínio exterior, fisiológico. Já os *sinais* estão sempre, para usar uma expressão saussuriana também, a “cavaleiro de dois domínios”: ao exterior,

objetivo, do corpo-em-ação, e concomitantemente ao interior, psíquico, dos signos linguísticos. Nisso reside o *valor* da língua de sinais, enquanto língua e fato de linguagem.

A seção a seguir discutirá a operacionalização do princípio em um contexto envolvendo a tradução de uma língua oral para a língua de sinais.

3.2.3 A *duplessência* na tradução para línguas de sinais

Vejam os mais um exemplo em que o aspecto gestual, em relação à dualidade da linguagem, é visivelmente posto em evidência. Não raro é noticiado pela mídia e veiculado nas redes sociais, casos de tradutores-intérpretes de línguas de sinais (TILS) “*fakes*”: pessoas, talvez sem formação específica na área de tradução e interpretação de línguas de sinais, ou até mesmo sem o conhecimento da própria língua de sinais, que “ousam” atuar como TILS em uma determinada situação (com ou sem a presença da grande mídia para que veicule essa interpretação).

Um dos casos com repercussão a nível mundial ocorreu no ano de 2013, em torno da atuação de um TILS que fora contratado para atuar no funeral de Nelson Mandela, na África do Sul¹²³. Não demorou muito para se perceber que ele não era um intérprete profissional, e que não estava qualificado para o trabalho. Isso porque ele não estava traduzindo do inglês oral (língua em que a maioria dos discursos eram proferidos na ocasião) para a língua de sinais sul africana. Ele estava “traduzindo” do inglês falado para gestos, tão somente. Não havia significado nas “figuras linguísticas” que ele expressava. Havia apenas ação manual, pouca ou nula ação corporal, e rara expressão facial; e essas “ações”, em relação ao sistema da língua de sinais sul-africana, não comportavam a dualidade; não havia, para usar uma expressão saussuriana, “acoplamento de objetos heterogêneos” (signos-ideias); não havia, portanto, entidade linguística compartilhada por ele. Era pura figura gestual, e não fatos de linguagem: não havia discurso, e o que se via era tão somente um corpo-em-ação. Daí o conseqüente vexame de sua atuação “*fake*”.

Fazemos menção novamente, para esclarecer esse exemplo, a uma citação de Stawinski: “quando a figura vocal adentra na esfera do sistema, já não é mais figura

¹²³ Uma notícia sobre esse TILS e sua atuação no funeral pode ser consultada em: <http://edition.cnn.com/2013/12/11/world/africa/mandela-memorial-fake-intepreter/index.html> (acessada em 18/09/2018).

vocal: é forma. É o significante do signo linguístico” (STAWINSKI, 2016, p. 61). Semelhantemente, quando a *figura gestual* adentra na esfera do sistema, já não é mais pura figura gestual: é forma. É o significante do signo linguístico gestual. Adentrar na esfera do sistema, equivale a ser opositivo, diferencial e negativo em relação aos outros elementos do sistema. Assim quando um intérprete *fake* faz sua “interpretação”, ele não forma uma cadeia discursiva porque não considera as relações opositivas do sistema (ou, dito de outro modo, ele desconhece o funcionamento do mecanismo e o valor do sistema para o qual está traduzindo). Talvez ele, assim como muitos que ignoram o *status* e o funcionamento linguístico das línguas de sinais, acredite que, na sinalização, estabelecer uma sequencialidade aos movimentos corporais seja o suficiente para significar (para tornar as *figuras gestuais*, *signos*). Contudo, como vimos com o princípio da *duplessência*, o fato físico do aspecto vocal/gestual por si só não dá conta da significação. Para *significar* em LSs, há que, primeiramente se (re)conhecer os constituintes das figuras gestuais (os chamados “parâmetros”: configuração de mão, locação, orientação da mão, movimento e expressões não-manuais), o que dará configuração à materialidade “corpo-em-ação”, em uma figura gestual; para que essa figura gestual adentre o sistema, ou seja, para que ela constitua uma *forma* linguística, é necessário que ela esteja ligada a um significado. E ao falante, ao TILS no caso, cumpre também conhecer o mecanismo de funcionamento do sistema da LS em questão, ou, o jogo de valores intrínseco a tal sistema linguístico de valores gestuais.

Lembramos também, por fim, que a noção de *identidade*, como vimos nos fragmentos de cunho teórico em DEDL é uma noção basilar, fundamental para Saussure. Ele afirma a respeito disso que

Tudo o que é considerado idêntico forma por oposição ao que não é idêntico, um termo finito (...) que não é definido, mas que representa, pela primeira vez, um objeto cognoscível, enquanto que a observação dos fatos vocais particulares, fora da consideração da identidade, não descobre nenhum objeto (SAUSSURE, 2004, p. 34).

Fora da consideração da identidade, os fatos gestuais não resultam/revelam um objeto. Um certo “ser gestual”, um certo gesto, estando assim constituído e reconhecido em nome de uma identidade que nós estabelecemos, possibilita que se comece a classificar os esquemas/relações de identidade. Assim, metodologicamente, para analisar uma língua de sinais nós devemos considerar os fatos gestuais em suas relações de oposição; aí teremos a representação de um objeto gestual “cognoscível”. A língua

de sinais se configura a partir da representação de que resulta a oposição entre fatos gestuais idênticos e não-idênticos, na forma de “termos” – sinais - finitos (delimitados). A língua de sinais funciona, portanto, sob o crivo das relações de identidade (e não-identidade) entre os gestos, que formam/constituem o objeto linguístico gestual.

3.3 A MATERIALIDADE EM PRESENÇA

Com o exposto até aqui, cremos ter conseguido apontar um caminho à consideração linguística sobre a gestualidade. A abordagem saussuriana quanto à *duplessência* da linguagem, na forma de suas dualidades, é uma das maneiras de se olhar para o fenômeno gestual, e que integra o gesto à língua, tanto em línguas sinalizadas quanto em línguas orais.

A partir do princípio da essência dupla, podemos nos ancorar na teoria linguística saussuriana para discorrer sobre as línguas de modalidade visuoespacial, além das orais-auditivas. Ou seja, com base na perspectiva da negatividade sobre o funcionamento do sistema da língua, nos valem do pressuposto de que, nas línguas sinalizadas, o *gestual* é significado no e pelo sistema linguístico em *sinais*. Assim, todo *signal* é um *gesto*, mas nem todo *gesto* é um *signal*, e a justificativa para tal afirmação encontra-se na dualidade incessante, profunda e que divide - e compõe - a linguagem.

Da mesma forma como “não se pode reduzir a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal (...)” (SAUSSURE, 2006, p.15), por semelhante modo não se pode reduzir a língua (de sinais) à gestualidade, nem separar o gesto da articulação manual/corporal. Conforme Stawinski (2016), esta interdependência nada mais é do que a relação indispensável entre os aspectos físico e psíquico, concreto e abstrato da língua – questão que se mostra presente no legado das diversas fontes de pesquisa do pensamento do linguista genebrino Ferdinand de Saussure.

Vimos em DEDL que à ideia/termo de “dualidade” Saussure (2004) esboça um princípio básico (idem, p. 21), representa seus domínios (idem, p. 22), afirma que “contestá-la ou esquecê-la equivale a privar a entidade de sua existência linguística”, e exemplifica que isso seria como atirar essa entidade ao domínio dos fatos físicos (idem, p. 23). Ele ressalta que não há nada em comum entre um signo e aquilo que ele significa, e considera que, a partir do dualismo, classificar os fatos de uma língua é o mesmo que classificar os “acoplamentos de objetos heterogêneos (signos-ideias)”

(SAUSSURE, 2004, p. 23, 24). Concluimos que contestar a dualidade nas línguas de sinais é não reconhecer seu estatuto linguístico; e que esquecer a dualidade nas línguas de sinais é não considerar a forma-sentido, é dar ênfase à “forma” (o que pode ser verificado, por exemplo, com as diversas descrições formais dos gestos). Considerando que a dualidade incessante é “ponto de partida central” (idem, p. 21), que “afeta toda a gramática” (também a das línguas de sinais), e que esse dualismo profundo divide, portanto, a linguagem (idem, p. 24), podemos afirmar, em suma, que em não aceitar o estatuto linguístico das línguas de sinais, a dualidade é contestada; e em não considerar a forma-sentido nas línguas de sinais, a dualidade é esquecida.

Assim, para evidenciar o estatuto linguístico da gestualidade, a perspectiva saussuriana à *duplessência* da linguagem se mostra muito profícua. Este olhar semiológico à língua (de sinais) implica um olhar que julga, distingue, opõe, e identifica o valor a partir da materialidade (cf. STAWINSKI, 2016, p. 106) gestual, sempre em busca do corpo-em-ação como significante.

De nossa leitura ao DEDL, além da concepção ao princípio da essência dupla e de sua operacionalização em diferentes línguas, depreendemos também que as três dimensões da reflexão de Saussure – teórica, metodológica e analítica -, podem ser relevantes à consolidação de trabalhos linguísticos sobre as línguas de sinais, por exemplo. Não apenas a teoria saussuriana em si é útil para nós hoje, como também a maneira como ela foi construída. O princípio da *duplessência* pode ser operacionalizado sobre as línguas de sinais, como exemplificamos na seção anterior, no entanto as dimensões teórica, metodológica e analítica da reflexão saussuriana não se limitam ao princípio em questão, sendo válidas para outros fenômenos e princípios linguísticos também¹²⁴.

Sendo assim, Saussure continua sendo uma inspiração para nós, não apenas pelos princípios que nos legou, mas também pelo seu modo de refletir. Ele não opõe teoria e prática, ou teoria e metodologia; pelo contrário, articula à teoria, a metodologia e a análise. Esse modo de pensar e fazer linguística, como vimos ao longo deste capítulo, gera efeitos sobre uma abordagem à gestualidade e sobre as línguas de sinais que vai além de tão somente reiterar o estatuto linguístico: ele se constitui num caminho

¹²⁴ Considerando o aspecto fônico da língua, Stawinski e Milano (2017), por exemplo, propõem-se a refletir sobre objeto e método nos estudos linguísticos desde o ponto de vista saussuriano, tendo por base o CLG e o manuscrito *Phonétique*. Mais pesquisas que abarquem a temática da articulação entre teoria, metodologia e análise em Saussure ainda estão por ser feitas.

para a consolidação do campo, em que a materialidade em presença, e em razão da *duplessência* da linguagem, se constitui pavimento para novas jornadas.

4 A GESTUALIDADE LINGUÍSTICA

É preciso dizer: primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem. A identidade que começamos a estabelecer, ora em nome de uma consideração ora em nome de outra, entre dois termos, eles mesmos de natureza variável, é absolutamente o único fato primeiro, o único *fato simples* de onde parte a investigação linguística (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Chegamos, por fim, ao momento de dissertar sobre o estatuto linguístico do gesto. Fazê-lo ou, defender a hipótese de uma “gestualidade linguística”, título escolhido para este último capítulo, e problemática que originou a questão de pesquisa apresentado nesta tese, implica no arranjo de alguns pressupostos que sustentem tal concepção. Para delinear a ideia de uma gestualidade linguística, foi preciso primeiramente situá-la em um terreno linguístico, eleger um ponto de vista linguístico em sua abordagem. Escolhemos, conforme apresentamos no capítulo 1, a linguística saussuriana. Com base nessa perspectiva, mobilizamos o princípio da *duplessência* da linguagem no capítulo 3, tendo, antes, contextualizado a área dos “Estudos do Gesto” no capítulo 2, no qual delineamos algumas tentativas de definição e discorremos sobre a inter-relação entre gesto e língua sob as perspectivas desses estudos.

Estudar a noção de gesto sob o prisma da linguística saussuriana, à luz do princípio da *duplessência*, acarreta em atrelá-la à noção de *significação*, a qual por sua vez, está diretamente implicada na consideração da materialidade. Esse é o percurso de discussões que fazemos a seguir, visando pontuar os pressupostos necessários a uma concepção de gestualidade linguística. As três seções finais de nosso trabalho condensam tais pontos, quais sejam: a *duplessência* da linguagem (seção 4.1), a *significação* gestual (seção 4.2) e, por fim, a materialidade em evidência (seção 4.3).

No presente capítulo, nossa ênfase estará na reflexão sobre a natureza e o sistema das línguas de sinais, haja vista serem gestuais em essência. No entanto *duplessência da linguagem*, *materialidade* e *significação* podem ser analisados em qualquer língua. Em nosso estudo, o gesto, enquanto materialidade linguística, constitui-se num ponto de convergência, estando, portanto, no centro de nossa abordagem, ao mesmo tempo em que, sendo um fenômeno da linguagem, está a serviço de vários domínios, como veremos ao final deste nosso percurso.

4.1 A DUPLESSÊNCIA DA LINGUAGEM E O (DUPLO) SIMBÓLICO

O gesto no contexto da linguagem é a garantia de um revestimento simbólico às ações do corpo. Quando o gesto se estrutura em um sistema linguístico, ele recebe ainda mais um revestimento simbólico, o linguístico. Nesse sentido, há que se considerar o duplo revestimento simbólico que o gesto pode receber.

No entanto, observamos que a relação entre *linguagem* e *língua* nas reflexões sobre as línguas de sinais muitas vezes é tecida de forma opositiva e excludente: rechaça-se a concepção de *linguagem*, priorizando-se a noção de *língua* e, a partir dela, o *status* linguístico é pontuado, numa tentativa de legitimar essa “forma de expressão” e de singularizá-la junto às manifestações essencialmente humanas. Uma vez que a concepção de *linguagem* é mais ampla que a de *língua*, e transcende o escopo da existência humana em sua aplicação, sendo possível vê-la em operação, por exemplo, no reino “animal”, uma visão sobre as LS a partir desse terreno estaria contribuindo para a manutenção de um antigo mito sobre as mesmas: o mito de que a língua de sinais, se considerada “linguagem”, não seria passível de sistematização, socialização e não poderia constituir subjetivamente os sujeitos. Rivière aponta que,

O gesto é a linguagem que mais se aproxima da possibilidade de indiferenciação (homem/natureza), embora institua a irredutível diferença. É por isso que é, tal como aconteceu quanto ao indo-europeu para alguns do século XIX, um criador eficaz de mitos sobre as origens (RIVIÈRE, 1987, p. 13).

Além dos mitos sobre as origens, a tônica nas abordagens ao gesto em relação à linguagem humana talvez tenha se firmado justamente nessa “possibilidade de indiferenciação homem/natureza”, o que pode ter favorecido o mal-entendido em relação às línguas gestuais, reforçando o entendimento de que elas seriam mais próximas ao “mundo natural” do que ao “mundo humano”. Tal equivocado entendimento já foi científica e linguisticamente contestado. Contudo, não é porque o estatuto linguístico das línguas de sinais foi confirmado e reforçado, que estas deixam de ser fatos de *linguagem*. É nesse ponto que principiamos nossa abordagem à gestualidade linguística: explorando as características da linguagem em relação às línguas de sinais.

Como vimos no capítulo anterior, a essência da linguagem é dupla. E a linguagem, sendo essencialmente dupla – natural/material e sùgnica -, possibilita que

ambas oralidade e gestualidade derivem dela enquanto diferentes sistemas de constituição subjetiva/comunicação, naturais e simbólicos. Do ponto de vista saussuriano, *língua* e *linguagem* estão implicadas: uma é a generalização da outra. Saussure afirma que

Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as *línguas*, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de *linguagem* é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida. O estudo geral da linguagem se alimenta incessantemente, por conseguinte, de observações de todo tipo que terão sido feitas no campo particular de tal ou tal língua (SAUSSURE, 2004, p. 128, 129).

Ou seja, as observações particulares que são feitas sobre as línguas de sinais podem alimentar o estudo geral da linguagem, assim como princípios da ordem da linguagem – como a *duplessência* - regem também as línguas de sinais. É por isso que não podemos prescindir de uma concepção teórica sobre as línguas de sinais que leve em consideração a noção de linguagem. Pelo contrário, precisamos nos deter um pouco mais nela, pois as línguas de sinais são da ordem da *linguagem*, e (por isso) são *línguas*.

Como vimos no capítulo 2, estudos antropológicos e sociais sobre a gestualidade remontam a séculos distantes. Já o estudo linguístico das línguas de sinais, especificamente, ainda não completou um século. A existência, o uso e a circulação da/em língua de sinais, no entanto, transcende à instituição do campo de estudos sobre o gesto, ao reconhecimento legal do uso das línguas visuoespaciais, e à disciplinarização de seus saberes. Como bem aponta J. Schuyler Long: “Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais” (apud SACKS, 1989, p. 5). A ciência vem depois dos fatos. Nesse sentido, os trabalhos de L’Epée (1776), Cicourel (1974), e Stokoe (1960; 1965), sobre a língua de sinais e a comunicação gestual podem ser tomados como exemplos de pesquisas orientadas a uma perspectiva semiótica sobre os sistemas gestuais, porquanto consideraram o gesto como matéria significante.

Rivière aponta que

é preciso admitir que estes sistemas semióticos específicos se situam na esfera da linguagem. Não existe, por um lado, a linguagem gestual e, por outro, a linguagem verbal; como afirma Benveniste, a linguagem é a expressão simbólica por excelência, e os outros sistemas de comunicação derivam dela (RIVIÈRE, 1987, p. 22).

Na não dissociação e polarização entre linguagem “verbal” e linguagem gestual, obtemos como síntese a interpretação de que a gestualidade é verbal, porque situada na esfera da linguagem. Mais do que distinguir entre o que é global e o que é específico no “verbal” e no “não-verbal”, alcançamos um entendimento de “verbalidade” mais amplo do que simplesmente o “ser verbal” como um sinônimo para “fala oral”, o que vimos apontando desde o primeiro capítulo. Buscamos tentar não “achatar” o heteróclito e o multiforme numa coisa só – verbal e não-verbal -, mas sim em firmar o estatuto linguístico do gesto a partir de princípios gerais que valem para qualquer materialidade, sem ignorar a especificidade das questões que a materialidade gestual nos apresenta.

Rivière complementa sua análise argumentando que

se a linguagem prima sobre o gesto na medida em que é o “sistema simbólico por excelência”, o gesto é irredutível à linguagem na medida em que volta a representar o processo, “insensato” em sentido estrito, que dá origem à simbolização. Para o compreender, a observação da manifestação da palavra na criança ou o estudo de civilizações que reservam um espaço amplo à gestualidade são esclarecedores (RIVIÈRE, 1987, p. 22).

Da explicação de Rivière depreendemos a circularidade existente entre gesto e simbolização da linguagem, a qual, por sua vez, constitui uma unidade. Aos fatos sugeridos pelo autor à observação e estudo para que compreendamos essa inter-relação gesto-simbólico – a palavra na criança e as civilizações que se valem da gestualidade – podemos acrescentar a observação de falas sintomáticas também: todas essas instâncias evidenciam o caráter simbólico da linguagem em suas manifestações languageiras ou no seu uso particular da língua. Valendo-nos da afirmação de Benveniste de que “a linguagem é a expressão simbólica por excelência”, conforme menciona Rivière, somos convocados a outro conceito implicado à noção de linguagem: o “simbólico”.

Segundo Rivière, a unidade encontrada entre gesto e linguagem é garantida pelo fato de eles “representarem dois aspectos específicos de uma mesma lei, é na submissão do homem à lei do simbólico. No espaço dessa submissão, o gesto e a palavra dialogam e trocam de papéis (...)” (RIVIÈRE, 1987, p. 22). Mais do que na globalidade de um comportamento, é na submissão à lei do simbólico que o homem se constitui enquanto sujeito falante. Nessa submissão ao simbólico, à linguagem, nos interessa o aspecto semiológico do gesto. E, nesse ínterim, a consideração da noção de materialidade se torna fundamental.

4.2 SIGNIFICAÇÃO GESTUAL E SISTEMATIZAÇÃO LINGUÍSTICA

A tendência nos estudos do gesto, como vimos no capítulo 2, tem sido a de classificá-los a partir da descrição dos movimentos corporais e articuladores a eles implicados. Ao olharmos a literatura do século XVII até recentemente, vemos que são inúmeras as classificações e tentativas de se classificar os gestos. O corpo, base do gesto, quando classificado, acaba sendo, por vezes, “esquartejado”: os movimentos manuais são largamente descritos; já os faciais, por exemplo, nem tanto.

A clareza de Rivière mais uma vez nos é válida quando afirma que “antes de ser funcional, comunicativo ou estético o gesto é aquilo que *aliena ao homem uma parte do seu corpo* para o mergulhar na rede significante da socialidade” (RIVIÈRE, 1987, p. 14 – grifos nossos). A definição dele é simples e básica: gesto é alienação corporal. Ora, alienar nada mais é do que separar, afastar. Assim, no estudo da gestualidade não é o movimento manual, por exemplo, que é representativo, mas sim o que esse movimento, por ser descolado do corpo do homem pode representar no nível simbólico. Nesse sentido, a escuta é um gesto, ou melhor, fruto de um gesto, em que o ouvido é alienado, e a recepção das ondas sonoras passa de fenômeno psicofísico a significante. A própria vocalização também não deixa de ser um gesto em que se aliena o aparelho vocal na produção das ondas sonoras. A alienação dessas partes do corpo é como que uma ilustração da *forma* fazendo – literalmente – *sentido*, ou, como diz Rivière, do mergulho do homem na “rede significante da socialidade”. Para seguir com a mesma metáfora, podemos dizer que esse mergulho se completa quando o sistema linguístico submerge o homem totalmente na socialidade.

O gesto é, então, essa alienação corporal. E, se escuta e voz são produtos gestuais, ou seja, se as línguas orais, nesse sentido, também são gestuais, quando nos deparamos com uma língua *de sinais*, inevitavelmente interrogamos o estatuto de sua alienação. A realização visuoespacial das línguas de sinais reclama uma constante e visível alienação corporal para a produção dos significantes gestuais. E a *língua*, por sua vez, impõe uma sistematização necessária e arbitrária aos mesmos.

Por isso as diferentes classificações aos gestos são limitadas e pelo mesmo motivo, são os estudos das línguas de sinais tão promissores: quando a alienação do corpo é revestida pela regularidade do funcionamento de um sistema linguístico, a análise se torna mais fácil, justamente por ser a língua, como afirma Saussure, “um

princípio de classificação” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Nesse sentido, estudar a gestualidade a partir da abordagem a uma língua de sinais é não se furtar a ter que lidar com a dualidade simbólica presente nesse fato de linguagem. Ainda mais: considerando que “(...) é o impacto do simbólico no sujeito que autoriza a falar em gesto, ou seja, algo diverso de um movimento comportamental” (RIVIÈRE, 1987, p. 20), depreendemos que uma língua de sinais causa um duplo impacto nos sujeitos: 1º) o simbólico que implica/origina o gesto, e 2º) o simbólico do sistema linguístico.

Como vimos no capítulo 2, segundo Goldin-Meadow e Brentari, “o gesto quando usado junto com a fala oral parece ser muito diferente do gesto usado como uma língua primária” (G-M&B, 2017, p. 15). Ora, uma língua gestual primária revela o duplo impacto do simbólico – do semiológico e do linguístico -, ao passo que o gesto integrado à fala oral, não revela esse mesmo impacto. O duplo impacto é estabelecido na materialidade sonora e o gesto que co-ocorre com a oralidade vem estabelecer uma nova instância simbólica, com valor distinto.

No entanto, a comparação não deveria ser feita entre *gesto* e *línguas orais*. A comparação deveria ser entre *gestualidade* e *oralidade*. Porque comparar “gesto” (em seu caráter semiológico) com “língua oral” (em seu caráter semiológico e linguístico), é comparar fenômenos não apenas de natureza/materialidades diferentes, mas também de ordem/nível/estrutura simbólicas distintas. A comparação falha, por mais amplas e detalhadas que sejam as análises/classificações. Isso porque o gesto possui um caráter semiológico; a língua, um caráter semiológico e linguístico.

Além disso, o gesto tende a ganhar outro status em relação às línguas de sinais, ainda que a gestualidade também esteja integrada à língua gestual (tese de G-M&B). A duplessência parece indicar que é desde sempre tudo um só. Fronteira e/ou *continuum* apontam para uma (possível) divisão - ou seja, opõe, compara, separa. Nossa leitura pela via do corpo alienado (inevitavelmente constituído pela *duplessência*) opera de maneira eficaz. Diante desses fatos, o princípio da essência dupla, conforme apresentamos no capítulo 3, nos parece útil para auxiliar a embasar essa não-distinção, uma vez que, com ele, a materialidade é posta em evidência, ao mesmo tempo em que a significação é garantida. A *duplessência* é o princípio que instaura um *locus* à confirmação do potencial estatuto linguístico do gesto.

4.3 A MATERIALIDADE EM EVIDÊNCIA

Retornamos aqui à nota de DEDL intitulada “*Natureza do objeto em linguística*”, na qual Saussure discorre sobre a complexidade das entidades linguísticas em sua inerente dualidade, afirmando que

(...) não há nenhuma entidade linguística, entre as que nos são dadas, que seja *simples* porque, mesmo reduzida a sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a por exemplo, ao domínio dos fatos físicos (SAUSSURE, 2004, p. 23 – grifo no original).

Dela podemos depreender que a existência linguística das entidades se funda na obediência à exigência imposta por sua *complexidade*. Nesse sentido, o gesto só pode ter uma existência linguística se for levada em conta a dualidade inerente às entidades linguísticas. Por exemplo: se “reduzirmos” a língua de sinais ao gesto, a movimentos corporais, à sua mais simples expressão, ainda assim estaremos diante de uma entidade *complexa*, que exigirá de nós que levemos em conta a dualidade signo-significação.

A afirmação de Kendon de que gesto é a “ação corporal visível que manifesta traços de expressividade deliberada”, pode ser relida desde o ponto de vista dessa dualidade exigida à delimitação das entidades linguísticas. A “ação corporal visível” pode ser entendida, nesse paralelo, como o *signo*; e o “manifestar traços de expressividade deliberada” como a *significação*. Se esquecermos essa dualidade signo-significação, o gesto cai no domínio dos fatos físicos, e integrará outras atividades humanas¹²⁵, constituindo pura ação biofísica-mecânica do corpo, pouco psicofísica, não linguística.

A existência linguística é calcada na dualidade, ou seja, qualquer existência *linguística* só encontra sua garantia sob o princípio de que a essência da linguagem é *dupla*. Não fosse a essência da linguagem dupla, a língua não existiria enquanto sistema de valores significantes, e as línguas caberiam por completo num dicionário, por exemplo; na verdade, tão somente numa lista de termos porque a significação não seria relevante, não seria essencial.

Como vimos no capítulo 1, a constituição da teoria linguística saussuriana põe em suspenso a discussão em torno da materialidade, subtraindo-a à constituição de seu

¹²⁵ Poderíamos mencionar um sem-número de atividades nas quais a ação corporal está inserida no “domínio dos fatos físicos”, como por exemplo, nos exercícios físicos de academia, na musculação, no pilates, atividades essas nas quais o corpo em si mesmo, em sua constituição natural biológica, é enfocado. Nesses casos não há a necessariamente alienação corporal, como ocorre na gestualidade.

objeto teórico – a *langue*. Simultaneamente a esse movimento de suspensão, ela retoma ou, conserva a materialidade, como atestado através da leitura do manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem* (SAUSSURE, 2004). Em nossa trajetória de pesquisa fizemos um movimento semelhante: num primeiro momento (FRYDRYCH, 2013) atestamos que a língua de sinais é língua (*langue*). Relevamos a materialidade da Libras, em específico, para reiterar-lhe o estatuto linguístico com base nos elementos teóricos de base saussuriana. Dando um passo adiante, ao longo desta tese, buscamos esquadrihar a materialidade gestual, prova cabal à essência dupla da linguagem. Isso porque

(...) a dupla essência da língua demanda que se suporte lidar com o fônico (a materialidade, a concretude) apenas após a compreensão de que é possível veicular formas e sentidos sem garantias materiais em si mesmas. Ou seja, a potência sígnica não é dada a priori pela materialidade significante de um signo (MILANO, 2016, p. 144).

Podemos concluir que tudo é gesto na língua. Sim, tudo é gesto na língua porque tudo é material passível de ser significado. Logo, a materialidade (em si, e como signo) constitui a essência da linguagem. No entanto, se levarmos em conta algumas das primeiras reflexões saussurianas constantes no *Curso*, quais sejam: de que “a língua é o principal sistema de signos que exprime ideias”; que “a Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral (a Semiologia)”; e que “a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 2006, p. 24), somos conduzidos ao limiar entre o linguístico e o semiológico. Por mais que tenhamos buscado defender a tese de que a gestualidade pode ser linguística, podemos afirmar que a gestualidade pode ser linguística porque primeiro é semiológica. Ainda outra passagem do CLG nos auxilia nesse desdobramento:

Para nós, (...), o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico, e todos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a este fato importante. Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o funcionamento do aparelho vocal), devem ser considerados de secundária importância quando servam somente para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes, etc, como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência (SAUSSURE, 2006, p. 25).

Defender o estatuto linguístico da gestualidade, é defender um ponto de vista que contemple a gestualidade como integrante de um sistema linguístico, e esteja sujeita às relações que nele se dão. Isso porque, fora de um sistema, a gestualidade não passa de elemento material desprovido de significação, de valor. A significação só é possível no interior de um sistema linguístico. Fora dele, resta a pura materialidade. Em apreender, ou considerar a apreensão da gestualidade no interior do sistema, está a possibilidade de análise da potencialidade linguística do gesto, e o surgimento da necessidade, também para nós, em agrupar esses signos gestuais na Semiologia.

Mesmo assim, podemos afirmar que a especificidade da gestualidade nas línguas de sinais está em que o aspecto gestual pode ser tomado enquanto puro gesto, signo “não-linguístico”, ou enquanto gesto signo linguístico. Ainda, da linguística de base saussuriana tomamos como pressuposto básico o fato de que os signos de uma língua são fônicos mas poderiam *não* ser fônicos, conforme aponta Surreaux (2013): “a garantia de existência de um signo linguístico está no fato de que ele produza diferença e oposição dentro de um sistema” (p. 290), e não na constituição material da porção significante desse signo, se vocal/fônica ou gestual, por exemplo. Ou seja, um signo é um signo linguístico quando é diferencial e opositivo dentro de um sistema. Contudo, “(...) para que se possa produzir efeitos contrastivos, precisamos de uma materialidade que carregue e sustente essa diferença” (SURREAUX, 2013, p. 290). Logo, todo signo se funda numa materialidade, mas nem toda materialidade constitui um signo linguístico (materialidade significada em um sistema, e pura materialidade fora do sistema).

O aspecto gestual constitui a base da materialidade das línguas sinalizadas e o mesmo se reveste de valor relativamente e no sistema da língua, ou seja, ele é *significado*, tornado signo linguístico, tornando-se então, “o que outros não são”, diferencial e opositivo, nos sistemas das línguas de sinais. Assim, os signos das línguas de sinais são gestuais e apresentam as características de diferença, relação e oposição no sistema visuoespacial que integram. A gestualidade, nas línguas de sinais, portanto, opera linguisticamente.

CONCLUSÃO

Se a Linguística não tivesse se constituído como ciência da forma como se constituiu, ou, se a Linguística não tivesse feito o que fez – atentando-se para enunciados orais, buscando abstraí-los, constituindo objeto e método - talvez ainda hoje estaríamos agarrados literalmente ao “pé da letra”. No entanto, e graças a Ferdinand de Saussure e seu modo peculiar de interrogar as evidências e de teorizar sobre o “óbvio”, podemos, além de nos desapegarmos da *letra*, conceber e compreender “movimentos corporais” como linguísticos.

A gestualidade pode ser linguística. A gestualidade pode ser linguística porque a *duplessência* da linguagem lhe oferece a possibilidade de, em seu aspecto gestual, ser significada. Uma vez significada e sujeita à sistematização, ao mecanismo de funcionamento do sistema linguístico, a conservação da materialidade permite que o gesto adquira *valor*.

Essas conclusões a que chegamos foram fruto de nosso percurso sobre e com a teoria linguística saussuriana. Teoria essa que, ao se constituir a partir de um movimento de suspensão da materialidade, rumo à abstração requerida, não excluiu a possibilidade de uma concepção linguística ao gesto. Em específico, no manuscrito *Da Essência Dupla da Linguagem*, Saussure “toca” ou, dito de outro modo, é explícito na lida com o material concreto da língua. A problematização em torno da *duplessência*, as formulações elaboradas por ele e registradas no manuscrito nos permitem olhar para outras materialidades. Ou seja, na maneira como Saussure propõe sua abordagem (em) linguística reside o manejo com o aspecto material da língua. Daí a dupla acepção, fruto dos movimentos de uma mesma pena, à materialidade: em suspenso e em presença.

O objeto de Saussure é a língua. E seu método para lidar com o objeto não é um método exclusivo ou compromissado com uma única materialidade linguística. A consideração da materialidade gestual à luz do objeto saussuriano não invalida seu construto teórico; pelo contrário, valida e reforça a teoria no que ela tem de geral e, conseqüentemente, instaura-a como uma teoria para se abordar o gesto linguisticamente.

Nossas hipóteses de trabalho foram confirmadas ao longo da tese. Concluímos que a teoria linguística saussuriana, em se constituindo a partir da suspensão da noção de materialidade, permite abordar a gestualidade humana; isso porque a teoria saussuriana não é uma teoria exclusiva às línguas orais; e o mesmo movimento que

suspende a materialidade, deixa um rastro teórico-metodológico ao qual é possível aproximar outras materialidades, a gestual em específico. Também constatamos que as formulações saussurianas ao princípio da essência dupla da linguagem possibilitam a consideração da materialidade gestual enquanto materialidade a ser significada, potencialmente significativa. Isso porque a consideração da noção de materialidade – no que diz respeito ao aspecto vocal-fônico, mas não somente a ele – pela via da *duplessência* é evidente.

Cabe apontarmos ainda algumas implicações acarretadas pela consideração da gestualidade à linguística. Sabemos que na teorização saussuriana sobre a *língua*, o falante está sempre implicado, mas nem sempre é, ou necessariamente é, referenciado. Quando abordamos outros diversificados fenômenos da linguagem (além da gestualidade, a escuta, a leitura em voz alta, para citar alguns) em relação à *língua* enquanto principal fenômeno, e “princípio de classificação” da linguagem, o falante está em cena com seu corpo, mas com seu corpo alienado de si, impactado pelo simbólico e revestido pelo “traje” linguístico.

Dado esse impacto do simbólico no sujeito é que, no estudo das línguas de sinais por exemplo, o paradigma linguístico não deveria ser pautado na oposição “gesto nas pessoas ouvintes” x “gesto nas pessoas surdas”, mas sim, “gesto nas línguas orais” e “gesto nas línguas de sinais”: sobretudo, “gesto nas *línguas*”. Daí a importância de que a linguística geral considere, junto ao seu objeto, a gestualidade. Se abordamos a gestualidade a partir das “pessoas”, constatamos que há gesto em todos (surdos e ouvintes); se abordamos a gestualidade nas “línguas”, há gesto significado nas de sinais, e gesto potencialmente significativa nas orais. Metodologicamente, ou olhamos para o “antropiano” ou para a língua; para os dois, ao mesmo tempo não parece ser possível, por não ser produtivo teoricamente. Essa constatação não exclui o fato de que é a partir dos *falantes* que o gesto aparece. É ao fato de que os falantes *escutam*¹²⁶/falam a língua (de sinais ou oral) que o *gesto* deve sua existência.

Isso nos conduz a outra observação: ainda que consideremos um grande problema teorizar sobre a gestualidade porque o gesto se apresenta como distinta

¹²⁶ A noção de *escuta* aqui referida é aquela proposta por Stawinski: "quando falamos no ouvido e no ouvinte não estamos tratando da capacidade fisiológica: estamos considerando a função linguística possibilitada pelo ouvido – a escuta. É por essa razão que podemos escutar a fala em uma língua oral, assim como podemos escutar a fala em uma língua de sinais; ou, até mesmo, escutar um texto escrito. O que está em jogo é a função linguística que envolve o reconhecimento de pertencimento a uma língua dada, que está na dependência do ouvido" (STAWINSKI, 2020, p.164). *Escuta* remete, portanto, ao que foi escutado, “recortado”, “visto” linguisticamente.

materialidade, podemos afirmar que até mesmo na consideração da materialidade das línguas vocais-fônicas nos deparamos com problemas metodológicos bastante sérios para resolver. Apenas para mencionar um exemplo, podemos citar a dificuldade que há em mostrar, metodologicamente, como se pode analisar a *voz* e a *escuta*. Quando fazemos essa analogia entre o aspecto vocal-fônico e o aspecto gestual, e constatamos que entre ambos há proximidade, mas não sobreposição, não podemos deixar de frisar que esse nosso ponto de vista é fundamentado pela linguística saussuriana.

Ora, não é por termos um ponto de vista definido e explícito que nos furtaremos a indicar os limites que ele alcança. Inicialmente nossa pretensão era criar uma “linguística de línguas de sinais”, para a qual iríamos “parafrasear” todo o conteúdo do *Curso de Linguística Geral*, e “todas” as teorias linguísticas apenas as adaptando para considerar a materialidade gestual. O desenvolvimento desta tese mostrou-nos a impossibilidade desse empreendimento simplesmente pelo fato de que não existe linguagem gestual e linguagem oral: existe linguagem! E *linguagem*, como vimos, é um conceito fundamental para compreendermos como gestualidade e oralidade se relacionam. Por meio dele, podemos ver como ambas remetem ao simbólico; e também em decorrência dele, atestamos o estatuto linguístico, esse *outro* simbólico que recobre a materialidade e que configura as línguas.

Se o gesto pode ser língua, é porque nele há uma potência representacional. Nosso trabalho pôs em questão o aspecto material-simbólico da linguagem humana. Cabe citarmos, para encerrar esta tese, mais uma afirmação de Rivière:

A academização verifica-se quando o gesto já só lá está para remissão mnemônica, é um acessório de rotina do ato e do sentido. É por isso que, se o gesto é “fundador”, se faz parte de um processo semiótico (arte, ciência, etc), repetido, “cultivado”, exibido, enquadrado, é por outro lado, pela sua subtração à finalidade e à utilidade, pela opacidade da sua matéria, destrutor: ameaça o espírito, o sentido, a lei, é a entrada da força na forma, do movimento no estático, da rebelião na ordem” (RIVIÈRE, 1987, p. 26)

Assim, na pressuposição da gestualidade linguística esses dois lados estão implicados: o gesto é fundador da *língua*, ao mesmo tempo em que convoca a repensar os princípios de funcionamento desse sistema semiológico, escancarando as portas a outras materialidades. É rebelião na ordem. Para quem *vê vozes*, *escutar o gesto* é fundamental. Essa escuta aponta para um longo caminho, e a presente jornada se encerra por aqui. Se nesta tese abordamos o aspecto vocal e o aspecto gestual, material enfim, da língua, um de nossos próximos desafios vai ser pensar a relação entre eles,

escutando ainda outro sistema semiológico linguístico, de distinta materialidade: a escrita.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Eleonora C. **O gesto audível: fonologia como pragmática**. São Paulo: Cortez, 2020.
- ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ARMSTRONG, D. F. **Original signs: gesture, signs, and the sources of language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1999.
- BARAKAT, Robert A. **Gesture systems**. In: *Keystone Folklore Quartely*, vol. 14, 1969
- _____. **Cistercian Sign Language: A study in nonverbal communication**. Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications, 1975.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Vol. 2. São Paulo: Pontes, 1989.
- _____. **Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969**. São Paulo: Editora Edunesp, 2014.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- _____. Triple articulation de la langue et articulation herméneutique. In: RASTIER, François. (Ed.) *De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*. Paris: Lambert-Lucas, 2016.
- BOUTET, D; SALLANDRE, M.-A.; FUSELLIER-SOUZA, I. Gestualité humaine et langues des signes: entre continuum et variations. **Langage et société**, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2010-1-page-55.htm> Acesso em 20/05/2019.
- BULWER, John. **Chirologia or the natural language of the hand, etc.** [e] Chironomia or the art of manual rethoric. [1644] Illinois: Southern Illinois University Press, 1974.
- BRUN, Theodore. **The International Dictionary of Sign Language**. Londres: Wolfe Publishing Ltd, 1969.
- CASTRO, Maria Fausta P. de. Ler os manuscritos saussurianos com o Curso de Linguística Geral. In: FARACO, C. A. **O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Parábola, 2016.
- CICOUREL, A. V. Gestural sign language and the study of nonverbal communication. **Sign Language Studies** 4: 35-76, 1974.
- COPPOLA, Marie; NEWPORT, Elissa. Grammatical Subjects in home sign: Abstract linguistic structure in adult primary gesture systems without linguistic input. In: **Proceedings of the National Academy of Sciences**, 2005. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/102/52/19249>, acesso em: 17/10/2020.
- COPPOLA, Marie; SENGHAS, Ann. Children Creating Language: How Nicaraguan Sign Language Acquired a Spatial Grammar. In: **Psychological Science**, 12(4), 2001. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/11866888_Children_Creating_Language_How_Nicaraguan_Sign_Language_Acquired_a_Spatial_Grammar, acesso em: 17/10/2020.

CRUZ, Márcio A. Prefácio à edição brasileira. *In*: WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Pêcheux, leitor do Curso de linguística geral. *In*: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P.-I. (Orgs.) **Saussure, o texto e o discurso** – cem anos de heranças e recepções. São Paulo: Parábola, 2016.

CUXAC, Christian. Langue et langage : un apport critique de la langue des signes française. *In*: **Langue française**, 1: 12-31, vol. 137 Paris, 2000.

_____. Le langage à la lumière des langues des signes. *In*: **Psychiatrie française**, 36 (11):69–86, 2005.

DE RUITER, Jan Peter. The production of gesture and speech. *In*: MCNEILL, David (Ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 284-311.

DE MAURO, Tullio. F. de Saussure, *Écrits de Linguistique Générale*, Introduction. *In*: RASTIER, François. (Ed.) **De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme**. Paris: Lambert-Lucas, 2016.

DIDEROT, Denis. Letter on deaf mutes. [1751]. *In*: JOURDAIN, Margaret (ed.). **Diderot's Early Philosophical Works**. Chicago: Open Court Publishing Co., 1916, pp. 158 – 225.

EFRON, David. **Gesture and Environment**. New York: King's Crown Press, 1941.

EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace. The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding. **Semiotica**, vol 1, 1969, pp. 49 – 98.

ENGLER, Rudolf. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 19, 1962. Disponível em: http://www.cerclefdsaussure.org/download/cfs_pdf/Volume_19_1962.pdf, acessado em 13/05/2019.

EMMOREY, Karen. **Language, Cognition and the Brain. Insights from Sign Language Research**. Mahwah, New Jersey : Lawrence Erlbaum, 2002.

EMMOREY, Karen; HERZIG, Melissa. Categorical versus gradient properties of classifier constructions in ASL. *In*: EMMOREY, K. (Ed.). **Persepctives on Classifier Constructions in Signed Languages**. Mahwah, New Jersey: Erlbaum; 2003. pp. 221–246.

FARNELL, Brenda. **Do you see what I mean?** Austin, Texas: University of Texas Press, 1995.

FIORIN, José L.; FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci B. Por que ainda ler Saussure? *In*: FIORIN, J. L.; FLORES, F.; BARBISAN, L. B. (Orgs.) **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 7 – 20.

FIORIN, José L. O projeto semiológico. *In*: FIORIN, J. L.; FLORES, F.; BARBISAN, L. B. (Orgs.) **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 99 – 112.

FLORES, Valdir do N. “Mostrar ao linguista o que ele faz”: as análises de Ferdinand de Saussure. *In*: FIORIN, J. L.; FLORES, F.; BARBISAN, L. B. (Orgs.) **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 71 – 86.

FLORES, Valdir do N. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

FRYDRYCH, Laura A. K. **Transcrição da interpretação para Libras: uma abordagem enunciativa**. Porto Alegre: UFRGS. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29102>, acessado em 24/08/2018.

_____. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ffcbf61b30948af9e368dd8d215987d8.pdf>. Acessado em 13/05/2019.

_____. **O estatuto linguístico das línguas de sinais**: a Libras sob a ótica saussuriana. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>, acessado em 24/08/2018.

_____. As línguas de sinais sob a ótica saussuriana. *In*: PINHEIRO, C.; LIMA, M. H. A. (Orgs.) **Diálogos – Saussure e os estudos contemporâneos**. Vol. III. Natal: EDUFRN, 2017.

FRYDRYCH, L. A. K.; ALVES, Ísis T. L. “Mão na massa” da teoria à prática: gêneros discursivos em uma sequência didática de Português como Segunda Língua para Surdos. *In*: **Anais do Simpósio SIPLE 2018**. Londrina: SIPLE, 2019. pp. 222-237. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1DYrXKBIykPdvIRyQQmZdQIkHU0VbHgaU/view> acessado em 17/10/2020.

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. Emergence and development of signed languages: From a semio-genic point of view. *In*: **Sign Language Studies**, 7(1):30–56, 2006.

GADET, Françoise. **Saussure: une science du langage**. Paris: P.U.F., 1987.

GAMBARARA, Danielle. Ordre graphique et ordre théorique présentation de Ferdinand de Saussure, Ms. fr. 3951/10. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 60, 2007. Disponível em: http://www.cerclefdsaussure.org/download/cfs_pdf/Volume_60_2007.pdf, acessado em 13/05/2019.

GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. Gesture, sign, and language: The coming of age of sign language and gesture studies. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge University Press, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4821822/#R55> Acesso em 17/10/2020.

GOLDIN-MEADOW, Susan. **Hearing gesture**: How our hands help us think. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

_____. Widening the lens on language learning: Language in deaf children and adults in Nicaragua. **Human Development**, 53, 2010. pp. 235–312.

GOLDIN-MEADOW S, MYLANDER C. **Gestural communication in deaf children: The effects and non-effects of parental input on early language development.** Monographs of the Society for Research in Child Development, 49:1–121 1984.

GOLDIN-MEADOW, S; MCNEILL, D. The role of gesture and mimetic representation in making language the province of speech. *In*: CORBALLIS, Michael C; LEA, Stephen (Eds.). **The Descent of Mind**. Oxford: Oxford University Press; 1999. pp. 155–172.

GOLDIN-MEADOW, S; SHIELD, A; LENZEN, D; HERZIG, M; PADDEN, C. The gestures ASL signers use tell us when they are ready to learn math. **Cognition**, 123: 448–453, 2012.

GOLDIN-MEADOW, S; BRENTARI, D; COPPOLA, M; HORTON, L; SENGHAS, A. Watching language grow in the manual modality: Nominals, predicates, and handshakes. **Cognition**, 135:381–395, 2015.

GOMES, Janaína N. Da importância da diversidade linguística na conformação do conceito saussuriano de língua. *In*: **Leitura**, vol. 1, n. 62, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4939> acesso em: 17/10/2020.

JAKOBSON, Roman. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

JORGE, Bianca C de. **A tradução como um fenômeno de linguagem: uma abordagem saussuriana**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172959> acesso em 17/10/2020.

JORIO, Andrea de. **Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity: a translation of La mimica degli antichi investigate nel gestire napoletano**. [1832]. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

JOSEPH, John. Iconicity in Saussure's Linguistic Work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign. **Historiographia Linguistica** 42:1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. pp. 85–105.

KENDON, Adam. How gestures can become like words. *In*: POYATOS, Fernando (Ed.). **Cross-Cultural Perspectives in Nonverbal Communication**. Lewiston, New York: C. J. Hogrefe, 1988. pp. 131-141.

_____. An agenda for gesture studies. **Semiotic Review of Books** 7(2): 8-12, 1996.

_____. Gesture. **Annu. Rev. Anthropol.** 26:109-28, 1997.

_____. Language and gesture: unity or duality? *In*: McNEILL, David. (Ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KITA, Sotaro. How representational gestures help speaking. *In: McNEILL, David. (Ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.*

KITA, Sotaro; ÖZYÜREK, Asli. What does cross-linguistic variation in semantic coordination of speech and gesture reveal? Evidence for and interface representation of spatial thinking and speaking. *In: **Journal of Memory and Language**, 48, 2003. pp. 16-32.*

KRISTEVA, Julia. Le geste, pratique ou communication? *In: **Langages**, 3^o ano, n^o10, 1968. Pratiques et langages gestuels. pp. 48-64. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1968_num_3_10_2548. Acesso em 17/10/2020.*

LEITE, Tarcísio de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php>. Acesso em 17/10/2020.

MAHER, Jane. **Seeing language in sign: the work of William C. Stokoe**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.

MALLERY, G. **Sign Language among North American Indians Compared with that among Other Peoples and Deaf-Mutes**. Photomecanic reprint of the 1881 Smithsonian Report ed. The Hague: Mouton, 1972.

MATSUZAWA, Kazuhiro. Puissance de l'écriture fragmentaire et « cercle vicieux », **Genesis** [Online], 35 | 2012, Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/1037> acesso em 17/08/2020.

_____. L'ordre, le cercle, la réflexivité dans le manuscrits dits De l'essence double du langage de Ferdinand de Saussure. *In: RASTIER, François. (Ed.) **De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme**. Paris: Lambert-Lucas, 2016.*

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Sign-Gesture Symbiosis in Brazilian Sign Language Narrative. p. 181-201 *In: **Meaning, Form, and Body***, edited by Fey Parrill, Vera Tobin, and Mark Turner. Chicago, IL: CSLI Publications, University of Chicago Press, 2010.

_____. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas Online**. Vol. 1, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>, acessado em 24/08/2018.

_____. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. *In: FIORIN, J. L. **Novos caminhos da Linguística***. São Paulo: Contexto, 2017.

MCNEILL, David. **Hand and Mind**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

_____. **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MEISSNER, M.; PHILPOTT, S. B. The sign language of sawmill workers in British Columbia. **Sign Language Studies**, 9: 291-347, 1975.

MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **EUTOMIA**. Vol. 1, nro 16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1945>, acessado em 24/08/2018.

_____. O que cabe em um signo linguístico? O caso do fonema. **EUTOMIA**. Vol. 1, nro 17, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2095> acesso em 10/10/2020.

_____. O fônico em Saussure: um apêndice do Curso de Linguística Geral? *In*: FARACO, C. A. **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola, 2016.

_____. Le statut du phonique dans le CLG. *In*: **Cahiers Ferdinand de Saussure** 70, 2017.

_____. Saussure e o aspecto fônico da língua. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 34, n. 3, fev. 2019. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/delta/article/view/39636/26839>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

MÜLLER, Cornelia. Gesture and Sign: Cataclysmic Break or Dynamic Relations? *In*: **Frontiers in Psychology** 9:1651, 2018.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009a.

_____. **Convite à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009b.

NYST, Vas. Shared Sign Languages. *In*: PFAU, M; STEINBACH, M; WOLL, B. (Eds). **Sign language**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. pp. 552–574.

OKRENT, A. A modality-free notion of gesture and how it can help us with the morpheme vs. gesture question in sign language linguistics, or at least give us some criteria to work with. *In*: MEIER, RP; QUINTO-POZOS, D. G, CORMIER, K. A. (Eds.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press; 2002. pp. 175–198.

PERRY, M.; CHURCH, R. B., GOLDIN-MEADOW, S. Transitional knowledge in the acquisition of concepts. **Cognitive Development**, 3:359–400, 1988.

PINHEIRO, Clemilton L. Curso de Linguística Geral e Da essência dupla da linguagem: um breve diálogo entre opiniões. *In*: **EUTOMIA**, Revista de Literatura e Linguística, vol. 1, n. 16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/issue/view/126> Acesso em: 04/05/2020

QUADROS, Ronice Müller de. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 168–178, 2006. DOI: 10.20396/etd.v7i2.801. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/801>. Acesso em: 05 de ago. 2020.

RASTIER, François. Saussure au future: écrits retrouvés et Nouvelles réceptions. **Texto**, 2005 (*on line*). <http://www.revue-texto.net>

- _____. **Saussure au futur**. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2015.
- _____. (Ed.) **De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme**. Paris: Lambert-Lucas, 2016.
- RIBEIRO, Joana. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/202470> Acesso em: 17/10/2020.
- RIVIÈRE, Jean-Loup. “Gesto”. **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa: Imprensa Nacional, v.11, 1987.
- SALUM, Isaac N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot, 1972.
- _____. De l'essence double du langage, transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé à la Bibliothèque de Genève (1996). **Texto!** Décembre 2004 – juin 2005 [en ligne]. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html Acesso em 30 de maio de 2020.
- _____. **Écrits de Linguistique Générale**. Paris: Gallimard, 2002.
- _____. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. (1916) **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Science du langage** - de la double essence du langage. Genebra: Librairie Droz, 2011.
- SCHNEIDER, Vítor J. **Notes sur l'accentuation lituanienne**: uma ciência em construção. Tese (Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142935> Acesso em: 17/10/2020.
- SILVA, Elizandra L.; FRYDRYCH, Laura A. K. Gêneros textuais e sequências didáticas: uma proposta para o ensino da língua portuguesa como L2 para surdos. In: **1º Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais**. Florianópolis: Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2016. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3608.pdf>. Acesso em: 17/10/2020.
- SIMONE, Raffaele. The language-user in Saussure (and after). In: FORMIGARI, L.; GAMBARARA, D. (Orgs.). **Historical Roots of Linguistic Theories**. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 233-250.
- SOFIA, Estanislao. **La collation Secheyaye du ‘cours linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure** (1913). Édition, introduction et notes par E. Sofia. Leuven: Peeters, 2015.

STAM, Gale; ISHINO, Mika. **Integrating gestures: the interdisciplinary nature of gestures**. John Benjamins Publishing Company, 2011.

STAWINSKI, Aline V. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140177>, acessado em 24/08/2018.

_____. O som como figura vocal e o som como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *In: Leitura*, vol. 1, n. 62, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4933/4492> Acesso em: 17/10/2020.

_____. **À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana**. Tese (Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, Aline; MILANO, Luiza. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito *Phonétique*. **Gragoatá** – Da língua ao discurso: paradigmas teóricos, 2017.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of the visual communication of the American deaf**. Studies in linguistics. Buffalo, New York: Occasional papers/8; 1960.

_____. Semiotics and human sign languages. *In: SEBEOK, T. (Ed.). Approaches to Semiotics*, vol. 21. Paris: Mouton, 1972.

SURREAUX, Luiza M. O rastro do som em Saussure. **Nonada: Letras em Revista**. Porto Alegre, v. 1, n. 20, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/5124/512451670015.pdf>, acessado em 24/08/2018.

TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. *In: SHOPEN, Tim (ed.). Language Typology and Syntactic Description*, Volume III: Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. pp. 57 – 149.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. **Compte rendu : Rastier F. (éd.), 2013, Arena romanistica 12, De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme, University of Bergen**. 2014, p. 309-315. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01395894/document> Acesso em: 04/05/2020

TYLOR, Edward B. **Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization**. [1865]. Chicago: University of Chicago Press, 1964.

UTAKER, Arild. Le retour de Saussure. *In: RASTIER, François. (Ed.) De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*. Paris: Lambert-Lucas, 2016.

WEST, La Mont. **The sign language**. Volume I: An Analysis. Volume II: Dialects. Ph.D. Dissertation, Indiana University, Bloomington, Indiana, 1960.

WHITNEY, William D. **A vida da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2010.

WUNDT, Wilhelm. **The language of Gestures**. [1921]. The Hague: Mouton, 1973.